



O PROCESSO OFENSIVO EM EQUIPAS DE FUTEBOL DE ALTO RENDIMENTO:

*Análise Sequencial do Processo Ofensivo da Selecção
Espanhola no Campeonato da Europa Áustria/Suíça 2008.*

Tiago Sousa Manarte

Porto, 2009

O PROCESSO OFENSIVO EM EQUIPAS DE FUTEBOL DE ALTO RENDIMENTO:

*Análise Sequencial do Processo Ofensivo da Selecção
Espanhola no Campeonato da Europa Áustria/Suíça 2008.*

Monografia realizada no âmbito da disciplina
de Seminário do 5º ano da licenciatura em
Desporto e Educação Física, na opção de
Alto Rendimento - Futebol, da Faculdade de
Desporto da Universidade do Porto

Orientador: Professor Doutor António Natal
Tiago Sousa Manarte

Porto, Outubro de 2009

AGRADECIMENTOS

Se a preparação deste trabalho tem, para nós, grande significado, o apoio e a assistência dos que, pela sua experiência pessoal, pelos conhecimentos e pela sua generosidade nos foram atenuando as dificuldades, foram particularmente importantes.

Deste modo, queremos agradecer a todos aqueles que, de forma directa ou indirecta, contribuíram para a sua realização.

O nosso mais sincero agradecimento:

Ao Professor António Natal, pela disponibilidade, pela simpatia, pela autenticidade, pelos conhecimentos partilhados e sobretudo por me deixar pensar.

A toda a minha Família, pelo sentido que dão à minha vida.

À minha esposa, Liliana, pelas muitas ausências tão bem compreendidas, pela dedicação, pelo carinho, pela ternura, mas sobretudo pelos muitos anos lado a lado, por toda uma vida partilhada.

Ao Caetano e João Paulo, pela amizade, apoio demonstrado e ajuda ao meu crescimento pessoal e profissional.

Ao Jonathan, por ser o amigo que levo para a vida.

Ao Xico, pela persistência no encorajamento, pela simplicidade de uma amizade que nada pede em troca.

Aos meus colegas e amigos da Faculdade, pela sinceridade de uma amizade que o tempo não apaga.

Resumo

No presente estudo propusemo-nos a analisar as sequências ofensivas da Selecção Espanhola, presente no Campeonato da Europa Áustria/Suíça 2008, e actual campeã europeia (SO), enquanto processo que conduz à finalização, procurando nelas um conjunto de acções que permitissem aferir de algumas características da organização ofensiva.

A amostra foi constituída por 88 sequências ofensivas positivas de 6 jogos realizados pela Espanha. Para cada sequência ofensiva positiva, foram observadas quinze variáveis.

A metodologia utilizada consistiu na observação sistemática e indirecta, com recurso a registos videogravados dos jogos que integram a amostra. Para a caracterização das variáveis em estudo, os procedimentos estatísticos usados foram a média, desvio-padrão e a percentagem.

O estudo realizado permite concluir, que a maioria das recuperações de bola, ocorreu no meio campo defensivo; o método de jogo ofensivo através do qual se desenvolveram a maioria das sequências ofensivas foi o Ataque Posicional (42%), tendo participado nelas uma média de 6 jogadores; em média são efectuados 8 passes em cada sequência ofensiva, preferencialmente curtos/médios (88,5%) e dirigidos para frente (45,1%); as situações de 1x1 apenas se desenvolvem em 46,5% das sequências ofensivas; o corredor central e a utilização de pelo menos dois corredores prevalece nas sequências ofensivas, com 97,7% e 55,7%, respectivamente; 40,9% dos últimos passes foram executados no corredor central, sendo que em 43,2%, o último passe foi dirigido para a zona frontal à baliza; as finalizações ocorrem em maioria, na zona frontal à baliza (63,6%), sendo que em 46,6% das sequências ofensivas, os principais finalizadores são os avançados; das sequências ofensivas finalizadas com êxito foram obtidos 16 golos, dos quais 68,7% em jogo contínuo e 31,2% através de lances de bola parada; as sequências ofensivas tiveram a duração média de 32 segundos.

Palavras-Chave: Euro2008 – Futebol – Processo Ofensivo – Sequência Ofensiva Positiva.

Abstract

In this study we analyze the sequences of offensive Selection Spanish, present in the European Championship in Austria / Switzerland 2008, and current European champions (SO), a process that leads to fulfillment, for them a set of action that would assess the some characteristics of offensive organization.

The sample consisted of 88 sequences of positive offensive 6 games played by Spain. For each positive result offensive, showed fifteen variables.

The methodology used consisted of systematic observation and indirect, using videotaped records of the games included in the sample. To characterize the variables studied, the statistical procedures used were mean, standard deviation and percentage.

The study suggests, that most of the recoveries of the ball, took place in the defensive midfield, the method of attacking play through which developed most of the sequences was the offensive attack positional (42%), and participated in them an average of 6 players with an average 8 passes are made in each sequence offensive, preferably short / medium (88.5%) and directed forward (45.1%); situations 1x1 only develop in 46.5% of the sequences offensive , the central corridor and the use of at least two runners prevails in offensive sequences, with 97.7% and 55.7%, respectively, 40.9% of the last passes were executed in the central corridor, and in 43.2% the last pass was headed for the front of goal, the terminations occur in the majority on the front on goal (63.6%), and in 46.6% of the sequences of aggression, the major finishers are advanced, the sequences offensive end with success were collected 16 goals, including 68.7% on continuous play and 31.2% through set-pieces, the offensive sequences had an average duration of 32 seconds.

Keywords: Euro2008 - Football - Case Offensive - Offensive Positive sequence.

Índice Geral

Agradecimentos	II
Resumo	III
Abstract.....	IV
Índice Geral.....	V
Índice de Figuras	VII
Índice de Quadros	VIII
Lista de Abreviaturas.....	IX
1. Introdução.....	1
2. Revisão da Literatura	6
2.1. Observação e análise de jogo	6
3. Futebol – um Jogo Desportivo Colectivo	10
4. Explicitação das variáveis da Observação	11
4.1. A Sequência Ofensiva	11
4.2. Zona ou local de Aquisição da Posse de bola	12
4.3. O Processo Ofensivo	15
4.3.1. Métodos de Jogo Ofensivo	16
4.3.1.1. Contra-ataque	17
4.3.1.2. Ataque Rápido	18
4.3.1.3. Ataque Posicional	18
4.4. Número de Jogadores envolvidos	21
4.5. Caracterização do Passe	22
4.5.1. Número de Passes.....	23
4.5.2. Tipo de Passes.....	24
4.5.3. Direcção dos Passes.....	25
4.6. Situações de 1x1	25
4.7. Corredores Utilizados	26
4.8. Número de Variações de Corredor	27
4.9. Zona utilizada para o Último Passe	28
4.10. Zona para onde foi dirigido o Último Passe	30
4.11. Zona de Finalização	30

4.12. Estatuto Posicional do Jogador Finalizador	31
4.13. Formas de Finalização.....	31
4.14. Tempo de Realização do Ataque	34
5. Material e Métodos.....	36
5.1. Objectivos.....	36
5.2. Hipóteses	37
5.3. Metodologia	37
5.3.1. Amostra e Critérios de selecção da Amostra	37
5.4. Recolha e Registo das Imagens.....	38
5.4.1. Os Procedimentos da Observação.....	39
5.5. Variáveis a Observar	40
5.6. Fiabilidade da Oservação	41
5.7. Procedimentos Estatísticos	43
5.8. Material Utilizado	43
5.9. Limitações do Estudo	44
6. Apresentação e Discussão dos Resultados.....	45
6.1. Início do Processo Ofensivo.....	46
6.2. Desenvolvimento do Processo Ofensivo	50
6.3. Conclusão do Processo Ofensivo	73
7. Conclusões	85
8. Sugestões para futuros estudos	90
9. Referências Bibliográficas.....	91
Anexos	XI
Ficha de Observação Global	XI
Ficha de Observação Global – Jogo 1	XII
Ficha de Observação Global – Jogo 2	XIV
Ficha de Observação Global – Jogo 3	XV
Ficha de Observação Global – Jogo 4	XVI
Ficha de Observação Global – Jogo 5	XVII
Ficha de Observação Global – Jogo 6	XVIII
Campograma	XIX

Índice de Figuras

Figura 1 - Campograma correspondente à divisão topográfica do terreno de jogo em 12 zonas (fig. 2C), a partir da justaposição de 4 sectores transversais (fig. 2A) e 3 corredores longitudinais (fig. 2B) (Garganta, 1997).....	14
Figura 2 – Distribuição percentual relativa à ZRPB da equipa nos sectores transversais (SD – sector defensivo, SMD – sector médio defensivo, SMO – sector médio ofensivo, SO – sector ofensivo), e nos corredores longitudinais (D-direito, C-central, E-esquerdo).47	
Figura 3 – Distribuição Percentual relativa aos Métodos de Jogo Ofensivo (CA- Contra-Ataque; AR- Ataque Rápido; AP- Ataque Posicional) adoptados pela equipa observada.	51
Figura 4 – Distribuição Percentual do Número de Jogadores que participam na SOP.....	55
Figura 5 – Distribuição Percentual do Número de Passes.	58
Figura 6 – Dados referentes às Características do Passe	60
Figura 7 – Distribuição Percentual do Número de Situações de 1x1	63
Figura 8 – Percentagem de Utilização dos três corredores durante o Processo Ofensivo..	65
Figura 9 - Percentagens de SOP com utilização de um, dois e três corredores	68
Figura 10 – Distribuição Percentual relativa à ZUP	70
Figura 11 – Distribuição Percentual relativa à ZF	74
Figura 12 – Distribuição Percentual do Resultado das Sequências Ofensivas do total da amostra	76
Figura 13 – Percentagens relativas ao TRA	81

Índice de Quadros

Quadro 1 – Caracterização da amostra	38
Quadro 2 – Formúla utilizada para apurar a fiabilidade intra-observador	42
Quadro 3 – Percentagens de acordos intra-observador registados para as variáveis.....	42
Quadro 4 – Frequências das SOP por jogo e valores médios dos seis jogos.....	45
Quadro 5 – Dados referentes ao Número de Jogadores Envolvidos	53
Quadro 6 – Dados referentes ao Número de Passes	57
Quadro 7 – Dados referentes às Situações de 1x1	62
Quadro 8 – Resultado da Frequência de Utilização dos diferentes corredores	66
Quadro 9 – Dados referentes ao Número de Variações de Corredor	66
Quadro 10 – Dados referentes à Zona Utilizada para o Último Passe.....	70
Quadro 11 – Dados referentes à Zona para onde foi dirigido o Último Passe.	72
Quadro 12 – Percentagens relativasà Zona de Finalização	74
Quadro 13 – Dados referentes à posição ocupada pelo Jogador Finalizador do Ataque no sistema de jogo da Espanha	75
Quadro 14 – Dados referentes ao Número de Golos Observados.....	77
Quadro 15 – Dados referentes ao número total de Golos e respectiva Forma de Finalização .	79
Quadro 16 – Dados referentes ao Tempo de Realização do Ataque.....	80

Lista de Abreviaturas

DC – defensiva centro
DD – defensiva direito
DE – defensiva esquerdo
MDC – média defensiva centro
MDD – média defensiva direito
MDE – média defensiva esquerdo
AC – avançada central
AD – avançada direita
AE – avançada esquerda
SOP – sequência ofensiva positiva
ZRPB – zona de recuperação da posse de bola
MJO – método de jogo ofensivo
AP – ataque posicional
AR – ataque rápido
CA – contra-ataque
NJ – número de jogadores envolvidos
CP – características do passe:
NP – número de passes
TP – tipo de passe
PCM – passe curto/médio
PLg – passe longo
DP – direcção do passe
PF – passe para a frente
PT – passe para trás
PL – passe lateral
1x1 – situações de 1x1
CU – corredores utilizados
CD – corredor direito
CE – corredor esquerdo
CC – corredor central

NVC – número de variação de corredores
ZUP – zona utilizada para o último passe
ZDUP – zona para onde foi dirigido o último passe
ZF – zona de finalização
JFA – jogador que finaliza o ataque
DC – defesa central
DL – defesa lateral
MC – médio-centro
MI – médio interior
A – avançado
RSO – resultado da sequência ofensiva
ET- êxito total
EP – êxito parcial
SE – sem êxito
TRA – tempo de realização do ataque

1. Introdução

“O Futebol oferece um espectáculo que reclama ser analisado, reflectido, filosofado, pois através do futebol também é possível entender o mundo.”
(Zubieta 2002)

O Desporto, enquanto fenómeno social, com organizações bem estruturadas e vivido por milhões de pessoas, manifesta afinidades com todas as instâncias básicas da sociedade (Costa, 1997). Talvez por isto Costa (1997) o considere como o fenómeno social mais significativo do século XX. Também Mirandela da Costa (2002), refere que o Desporto, na actualidade, usufrui de posição privilegiada na sociedade, pela permanente novidade e força social que emana.

Sendo assim, o Futebol é visto como um desporto atractivo quando jogado, mas também quando pensado e reflectido. Segundo Garganta e Pinto (1998), o futebol tem uma enorme popularidade que se pode aferir pelo número de praticantes e simpatizantes que mobiliza. Contudo, a sistematização da investigação no futebol é uma actividade que parece ser realizada à margem da importância atribuída ao próprio jogo (Castelo, 1996).

A observação e análise do jogo apresentam-se como instrumento privilegiado, pois permite, por um lado aumentar os conhecimentos acerca dos conteúdos do jogo e da sua lógica e por outro, modelar as situações de treino na procura da eficácia competitiva (Garganta, 1999). Neste sentido a valência da análise do jogo, no caso dos Jogos Desportivos Colectivos (JDC) em geral, e no futebol em particular, entendida como o estudo do jogo a partir da observação da actividade dos jogadores e das equipas, constitui-se nos últimos tempos como um argumento de crescente importância (Garganta, 1999) para a investigação e para o treino em Futebol. Curiosamente, no plano da investigação, a dimensão táctica parece denotar uma expressão diminuta, tendo em consideração a importância que lhe é atribuída pelos investigadores e treinadores no âmbito do rendimento desportivo (Garganta e tal., 2002).

O jogo de futebol é essencialmente tático (Garanta & Pinto, 1994), no qual a dimensão tática entendida como factor integrador e condicionador de todos os outros factores, desempenha um papel fundamental (Pinto, 1996). Pois uma equipa, “unidade integra”, possui uma identidade única que se caracteriza por uma cultura organizacional específica que permite uma organização racional do jogo e constitui, no fundo, a dimensão tática do próprio jogo. (Pinto, 1996).

Podemos afirmar em termos genéricos, que o objectivo de uma equipa é marcar golos e impedir que o adversário os marque. Para marcar golos é determinante a forma como se processam todas as movimentações e acções de defesa e de ataque, em especial, desde a recuperação da bola até à acção tático-técnica de finalização.

No contexto do processo ofensivo em futebol, a finalização é uma acção tático-técnica que assume uma importância capital, na medida em que possibilita a concretização do objectivo fundamental do jogo, o golo. No entanto, na perspectiva do investigador e do treinador, torna-se importante conhecer não apenas o ponto culminante (o golo) mas também o processo que lhe deu origem (a história do golo) (Basto & Garganta, 1996).

De acordo com Castelo (1994) “só o processo ofensivo contém em si uma acção positiva (...) pois, só através deste o jogo pode ter uma conclusão lógica – o golo”.

Garganta (1997) entende quer o processo ofensivo abrange todas as acções realizadas pelos jogadores pertencentes à equipa que detém a posse de bola, e que ocorrem com base em cascatas de objectivos: manter a posse de bola, aproximar-se da baliza adversária e marcar golo. Para Bate (1998), as equipas que tiverem maior tempo de posse de bola, terão maiores hipóteses de aumentar o número de entradas no ultimo terço de terreno e assim obter situações de marcação de golo, ao mesmo tempo que diminuirão o numero de entradas na zona defensiva por parte da equipa adversária. No entender de Pacheco (1991), no momento em que uma equipa recupera a posse de bola o contra-ataque apresentar-se-á como a acção ofensiva mais eficaz, já que é neste momento que a equipa adversária se encontra mais vulnerável. De acordo com o mesmo autor, os pressupostos do futebol do futuro englobarão a recuperação da

bola no terço ofensivo, a grande velocidade de circulação de bola e dos jogadores, o número reduzido de passes e a superioridade numérica. Segundo Dias (2000) a circulação da bola é um elemento importante na táctica do jogo e é aplicada, na maior parte dos casos, com o fim de criar, num outro sector, espaços para efectuar o ataque à baliza adversária. Estes autores apontam para alguns aspectos determinantes para a criação de situações de finalização, tais como, ter maior tempo de posse de bola do que o adversário, recuperar a bola no terço ofensivo, realizar um numero reduzido de passes, aplicar o contra-ataque no momento em que se recupera a bola, obter superioridade numérica, etc. julgamos, no entanto, que muitos outros aspectos influenciam no processo de criação de situações de finalização. A este propósito, cremos ser de toda a relevância analisar variáveis como a frequência de utilização dos corredores, de onde e para onde foi dirigido o ultimo passe, o numero de confrontos 1x1, entre outras.

Segundo Barros (2002), que analisou as sequências ofensivas positivas finalizadas pelo Brasil, equipa campeã do Mundo no campeonato mundial Coreia/Japão 2002, o sector do meio-campo defensivo central foi a zona do terreno onde mais recuperações de bola se registaram. O autor verificou também que a selecção do Brasil procurou atacar rapidamente, envolvendo 3 ou 4 jogadores, e executando 3 passes, normalmente curtos e dirigidos para a frente e para a zona frontal à baliza.

Segundo Soares (2006), que analisou as sequências ofensivas que resultaram em golo, nos jogos realizados no Euro2004, disputado em Portugal, a maioria das recuperações de bola ocorreram no meio campo defensivo. O autor verificou também que o método de ataque através do qual se desenvolveram mais de metade das sequências ofensivas foi o Ataque Rápido, tendo participado nelas, uma média de cerca de 4 jogadores. De salientar ainda que, o último passe foi executado preferencialmente no corredor central, sendo o mesmo dirigido para a zona central mais próxima da baliza. Os campeonatos do Mundo e da Europa, realizados de 4 em 4 anos, representam a vitrina do progresso dos vários estilos e escolas de jogo, dos métodos e das concepções mais avançadas, constituindo o reflexo de novas tendências e estabelecendo os referencias do desenvolvimento

desta modalidade. Nesta lógica de pensamento, consideramos que será de grande relevância analisar o processo ofensivo da selecção espanhola no Euro2008, actual campeã da Europa.

Neste sentido, Garganta (1997) refere que a análise da actividade competitiva das equipas mais representativas à escala mundial pode contribuir para o aperfeiçoamento do processo de treino, criar condições favoráveis para a observação e aferir a pertinência dos comportamentos dos jogadores no jogo. Nesta medida, abre caminhos para a elaboração mais detalhada dos designados modelos de jogo, cujo conteúdo pode contribuir para o aumento de eficácia do processo de treino.

Procurando conhecer melhor as “acções positivas”, objectivamos analisar o processo ofensivo da selecção espanhola presente no Campeonato da Europa realizado na Áustria/Suíça em 2008. Centrâmo-nos na análise das acções de ataque finalizadas com remate, enquadrado ou não com a baliza, a partir da recuperação da posse de bola até à sua finalização, na tentativa de reconhecer aí a diversidade ou regularidade das acções ofensivas da equipa que estudamos, procurando traços que caracterizam os seus padrões de jogo.

Definimos os seguintes objectivos específicos relativos à análise das sequências ofensivas que resultaram em finalização: identificar a zona do terreno onde mais vezes aconteceram a recuperação da posse de bola e onde se iniciam as SO; identificar qual o método de ataque predominante; descrever o número de jogadores envolvidos; descrever o tipo, número e direcção dos passes; descrever o número de situações de 1x1 ocorridas; identificar a predominância de utilização dos diferentes corredores de ataque na condução das sequências ofensivas e descrever o número de variações de corredor por SO; identificar as zonas do terreno de jogo de onde e para onde foi dirigido o último passe; caracterizar as zonas de finalização; identificar o estatuto posicional do jogador que finaliza; descrever o número de golos alcançados a partir de situações de jogo contínuo e de bola parada; determinar a duração média das SO.

No decorrer do nosso estudo procuramos ter abertura suficiente para permitir, sempre que necessário, uma reformulação de categorias e indicadores no sentido de garantir a sua permanente adequação, procurando conceder aos

resultados da análise do jogo um significado e um sentido, explorando os dados pela sua informação.

De modo a atingirmos os nossos intentos, utilizamos uma metodologia que se constitui numa revisão bibliográfica onde procuramos enquadrar o tema, face à literatura disponível e à nossa atitude reflexiva e crítica acerca dela. Mais do que isso, com o desenrolar do projecto, não nos detivemos no espectro do nosso objecto, procurando alargar a nossa pesquisa à medida que surgiam dúvidas e se levantavam questões, por vezes um pouco para além das nossas fronteiras do nosso tema, mas sempre na perspectiva de absorver, e posteriormente oferecer, uma visão global que incluía o nosso particular. Posteriormente, e depois de definidas as categorias, critérios e variáveis, assim como os procedimentos a seguir, partimos para a observação, registo e interpretação ou análise dos dados obtidos. Assim, a revisão da literatura, a análise do jogo – incluindo a observação, notação e interpretação de resultados – e as conclusões completam as três partes fundamentais nas quais se divide o nosso trabalho

2. Revisão da Literatura

2.1. OBSERVAÇÃO E ANÁLISE DE JOGO

“Ver, perceber, conceber, pensar, são interdependentes. São termos inseparáveis. É tanto preciso pensar para ver como ver para pensar... por outro lado, devemos saber que todo o ângulo de visão e toda a escala de grandeza, não só modificam os caracteres do objecto visto, como também parecem modificar-lhes a natureza”
Edgar Morin (1992 in Garganta, 1997)

Considerada a forma mais primitiva de aquisição de conhecimentos, a observação foi e continua a ser um importante guia para a acção e um meio privilegiado a que o ser humano tem recorrido para aceder ao conhecimento. Fazemos constantemente uso do nosso “olhar” para observar, para colher a realidade, sem por vezes nos apercebermos de que este não é um olhar inocente ou distraído, antes orientado pelos nossos desejos e projectos. A observação não se esgota, então, no simples olhar, mas é sobretudo uma experiência de conhecimento. Esta, é susceptível de maior ou menor subjectividade do observador, de se curvar perante os propósitos da sua observação e pelos seus planos de referência, impondo-se assim que o observador explicita o seu modelo de entendimento do objecto: aquilo que observamos não é a própria natureza mas antes a natureza determinada pela índole das nossas perguntas (Garganta, 2001).

De acordo com o mesmo autor, o jogo de futebol é apreciado e visto em todos os cantos do mundo, todos o conhecemos e opinamos sobre ele, sendo muitos aqueles que se reclamam especialistas e o analisam a custa do sucesso e do fracasso das equipas, baseando as suas opiniões na observação espontânea e imediata do jogo. Neste sentido os observadores tendem a formar opiniões muito subjectivas sobre o sucesso ou insucesso do jogo, variando assim muito as suas conclusões, fazendo com que o futebol seja um jogo de opiniões, onde todos o percebem e ninguém o entende. Muito embora estas opiniões possam ser válidas e respeitadas, são no entanto muito insuficientes para aqueles que estão envolvidos no processo de treino. Garganta (2001).

O conhecimento do objecto não pode dissociar-se dum sujeito-que-conhece, enraizado numa cultura, numa sociedade (Morin, 2002). Moles (1995) partilha da opinião afirmando que “o nosso olhar não é um olhar inocente ou distraído, antes está orientado, na sua mirada, pelos nossos desejos e projectos.” Como nos diz Popper (1995), para que os nossos sentidos nos digam algo, temos de possuir conhecimento prévio: para podermos ver uma “coisa”, temos de saber o que são “coisas”.

Como refere Oliveira (1992) todos os treinadores tentam que a fronteira do desconhecido seja cada vez menor, já que uma tomada de decisão errada pode significar a derrota.

O acesso a informações concretas e objectivas, implica uma observação rigorosa do jogo que conforme salienta Garganta (1997), não se coaduna com a ideia de que os treinadores experientes podem observar um jogo sem qualquer sistema de apoio, e que retêm com precisão os elementos preponderantes do jogo. Como tal, a análise do jogo e a sua reanálise através do vídeo, é um meio auxiliar muito importante, permitindo verificar determinadas situações com maior rigor e precisão, aumentando a probabilidade de retirarmos do jogo elementos concretos para a operacionalização do nosso treino.

Garganta (1997) continua dizendo que a análise do jogo, realizada a partir da observação da prestação dos jogadores e das equipas, tem-se constituído como um importante meio para aceder ao conhecimento do jogo e dos factores que concorrem para a sua qualidade, quer no que concerne às exigências físicas quer no que respeita à expressão técnica e táctica necessárias à participação em jogo. Esta contribui com informações importantes para diferenciar as opiniões dos factos, pondo a nu as fragilidades das observações subjectivas e desmistificando a lenda dos treinadores experientes que conseguiriam observar o fundamental do jogo sem qualquer sistema de apoio à observação, retendo com precisão os elementos críticos do desempenho da sua equipa.

O estudo das prestações das equipas em competição, através da observação e análise do jogo, representa um importante contributo no aumento do conhecimento da modalidade, no sentido de aprofundar a teoria do jogo,

melhorar o nível das equipas e dos seus jogadores, bem como os processos de preparação para a competição.

Ainda assim, não podemos ignorar algumas limitações na utilização da análise do jogo. Os principais problemas passam, não apenas pela impossibilidade de identificar a lógica integral ou a totalidade dos condicionalismos a que o sistema jogo se encontra submetido, tratando-se este de uma actividade que se caracteriza e concretiza em acções de jogo impossíveis de codificar numa sequência única (Garganta, 1996), mas também pela dificuldade de detectar os constrangimentos fundamentais que induzem alterações importantes no decurso dos acontecimentos. Assim, a análise sistemática do jogo apenas será viável se os propósitos da observação estiverem claramente definidos, se os critérios de observação forem definidos em função dos objectivos perseguidos. Trata-se assim dum processo que capta e regista fenómenos que não existem senão na sequência de relações particulares que são percebidos a partir de determinado modelo de entendimento ou grelha de descodificação (Garganta, 1997).

Grehaigne (1992) salienta que é através da observação da competição e da análise da mesma que podemos descobrir pontos sensíveis de um sistema complexo como é o jogo. É esta análise que nos permite conhecer melhor o jogo e as componentes que lhe dão corpo, representando uma enorme ajuda na operacionalização do nosso treino e na modelação do nosso jogo.

Considerando os três eixos fundamentais em que a análise do jogo de futebol pode assentar, propostos por Garganta (1997),

- Análise centrada no jogador,
- Análise centrada nas acções ofensivas e
- Análise centrada no jogo,

podemos considerar que o presente estudo assenta fundamentalmente nos dois últimos.

A análise do jogo é um instrumento fundamental para qualquer treinador, fornecendo informações importantes no sentido de definir, por exemplo, as estratégias adequadas. É um importante auxílio que, no entanto, não nos deve fazer esquecer que, no terreno, os jogadores serão sempre confrontados com

novos problemas, novas configurações nas relações de cooperação e oposição próprias de um jogo de futebol e da imprevisibilidade que lhe está associada (Barros, 2002).

Garganta (1997) constata que os estudos que se enquadram na análise táctica envolvem dificuldades próprias derivadas do número de elementos a observar, da enorme variabilidade de comportamentos e acções que ocorrem nas partidas e dos múltiplos critérios existentes para os definir e identificar, que dificultam antes de mais a definição de categorias de observação relativas à dimensão táctica além da recolha de dados e torna muito complexa a tarefa de entender qual a quota-parte de responsabilidade de cada uma dessas variáveis no rendimento.

Ainda que não seja nosso propósito esgotar o jogo de futebol na sua dimensão táctica, entendemos que a abordagem ao jogo se afigura claramente mais fecunda e ajustada se perspectivada a partir de contextos nos quais a componente táctica funcione como coordenadora da acção e reflexão, no fundo, como elemento basilar do rendimento.

Para Barros (2002), uma das tendências que se perfilam na observação e análise do jogo, refere-se à detecção das acções de jogo mais representativas ou determinantes para o resultado da partida, sendo normal que esta se venha a dirigir para as acções ofensivas das equipas e que o aspecto do jogo que menos é influenciado pela análise do jogo seja a organização defensiva.

Garganta (1997), refere que a interpretação das acções e dos comportamentos dos jogadores e das equipas é fértil sobretudo a partir da análise dos processos que conduzem a certos produtos, enfatizando a organização ofensiva como um dos momentos fundamentais do jogo e o único que pode conter em si uma acção ou fim verdadeiramente positivo (Castelo, 1996).

3. Futebol – Um Jogo Desportivo Colectivo

O Futebol estando inserido nos JDC tem como características principais, a invasão do território adversário, a circulação da bola e a existência de uma luta directa pela posse da mesma (Garganta & Pinto, 1998). Os jogadores encontram-se num espaço físico perfeitamente definido, procurando a conquista da bola, no sentido de atingirem o objectivo do jogo, isto é, o golo, cumprindo sempre as normas e leis claramente definidas.

O Futebol é um JDC que ocorre num contexto de grande variabilidade e aleatoriedade, no qual as equipas em confronto lutam para gerir, em proveito próprio, o tempo e o espaço, realizando em cada momento acções de sinal contrário, sempre alicerçadas em relações de oposição e cooperação (Dugrand, 1989; Garganta, 1997). Este confronto antagónico directo exige atitudes planificadas e coordenadas no intuito de se superiorizarem ao adversário, e, assim, atingirem o objectivo do jogo.

Deste modo, a cooperação existente entre os elementos de uma equipa, realiza-se em condições de confronto e de adversidade, contra adversários que pretendem desmontar a sua estratégia (Teodorescu, 1984; Dugrand, 1989; Gréhaigne, 1992). De facto, rapidamente constatamos, na observação de um jogo de Futebol, que a procura e o alcance do objectivo do jogo passa necessariamente pela adopção de comportamentos de cooperação entre os elementos da mesma equipa e de oposição para com os elementos da equipa adversária. Esta relação de oposição entre os elementos das duas equipas em confronto, e a relação de cooperação entre os elementos da mesma equipa, ocorridas em contexto aleatório e instável, traduzem a essência deste JDC (Garganta & Pinto, 1998).

No jogo de Futebol podemos identificar dois processos antagónicos, o ofensivo e o defensivo, perfeitamente distintos, mas que se complementam um ao outro. Segundo Castelo (1996) estes dois processos reflectem fundamentalmente conceitos, objectivos e comportamentos táctico-técnicos diferentes, sendo determinados pela condição de posse ou não, da bola.

Assim, a equipa em posse de bola executa determinadas acções ofensivas, individuais e colectivas, que consubstanciam a manutenção da posse de bola e

que promovam a concretização do golo. Por outro lado a equipa sem a posse de bola desenvolve acções defensivas individuais e colectivas, que permitam evitar a progressão e sofrer golo, tentando ao mesmo tempo recuperar a posse de bola (Castelo, 1996).

Estas relações impõem mudanças contínuas nos comportamentos e atitudes, individuais e colectivas, de acordo com o objectivo do jogo e as finalidades de cada fase.

Torna-se portanto fundamental que, todos os elementos da equipa se subordinem a um modelo de referência, para que haja um entendimento da estrutura do jogo que tenha por base uma ligação óptima de todos os seus processos.

4. Explicitação das variáveis da observação

Para um entendimento claro e correcto das variáveis em causa, importa defini-las claramente e esclarecer conceitos e procedimentos de forma a clarificar também os nossos resultados:

4.1. A Sequência ofensiva

Uma SO reporta-se a uma acção ofensiva constituída por uma ou várias acções individuais unidas e encadeadas de acordo com uma lógica organizacional própria. O seu início é observado quando um dos jogadores de determinada equipa conquista a posse de bola (Pinheiro, 2001).

Para uma correcta definição de SO necessitamos de explicitar o conceito de posse de bola, o qual determinará o início e o término de cada SO considerada. Em estudos já realizados observaram-se situações que poderiam resultar em ambiguidades, ou seja, sem uma clara determinação deste conceito: se um jogador da equipa em processo defensivo toca a bola acidentalmente ou a intercepta voltando esta para o adversário, se a envia para fora do terreno, se uma equipa não demonstra intenção de atacar a baliza adversária aquando da

posse de bola, são algumas situações que podem resultar em dificuldades no momento da observação se não definirmos claramente todos os critérios de observação à priori. Assim, decidimos utilizar os critérios para a definição de posse de bola adoptados por Garganta (1997): uma equipa encontra-se em posse de bola quando qualquer um dos seus jogadores respeita pelo menos uma das seguintes condições: 1) realiza pelo menos três contactos consecutivos com a bola; 2) executa um passe positivo (passe que permite manter a posse de bola); 3) realiza um remate (finalização).

4.2. Zona ou local de aquisição de posse de bola (ZRPB)

A eficácia ofensiva está estritamente relacionada com os processos defensivos utilizados, ou seja, a forma como se recupera a bola, o tipo de organização defensiva e o local onde a bola é recuperada (Garganta e tal., 2002). Relativamente a esta última, Pérez (2002) e Lillo (2003) afirmam que é muito importante o lugar onde roubamos a bola ao adversário, uma vez que este lugar marca as possibilidades da equipa. Assim, se a recuperação da posse de bola ocorrer perto da baliza contrária, devemos acabar a jogada rapidamente, porque estamos numa situação de golo (Pérez, 2002). Se a recuperação da posse de bola ocorrer no sector defensivo, o jogador que a rouba, deve passar a bola a um companheiro para que se faça um contra-ataque (Pérez, 2002). Segundo Wrzos (1984) a eficácia das sequências ofensivas (SO) aumenta, à medida que a recuperação da posse de bola acontece mais perto da baliza adversária. Castelo (1996) é da mesma opinião, uma vez que para ele uma equipa que recupera a bola nas melhores condições possíveis para atacar a baliza adversária aumenta as suas hipóteses de marcar. Concomitantemente, Rodrigues (1997), considera que se a recuperação de bola for feita no meio campo ofensivo, mais rapidamente se poderá chegar ao golo.

Basto & Garganta (1996), analisando jogos de Campeonatos da Europa e do Mundo, verificaram que era na zona central do terreno que mais vezes se recuperava a bola. Mombaerts (1991) no seu estudo em jogos do Campeonato da

Europa de 1988 e do Mundial de 1990, Garganta (1997) analisando 497 SO realizadas por 6 equipas de alto nível competitivo em jogos (final e uma meia-final) dos Campeonatos do Mundo 94 e da Europa 96 e Barros (2002), estudando as SO finalizadas pelo Brasil no Campeonato do Mundo de 2002, constataram que o meio campo defensivo era o sector do campo onde mais recuperações de bola se registavam. Também Castelo (2004) salienta, num dos seus estudos, que a recuperação da posse de bola obteve percentagens mais elevadas no sector defensivo e no corredor central do terreno de jogo. Este facto, segundo o mesmo autor, pode ser explicado com a elevada concentração de jogadores, em atitude defensiva, nos espaços próximos da sua baliza procurando de forma simultânea protegê-la e recuperar a posse de bola. Contudo, ao associar as zonas de recuperação com a eficácia ofensiva, Castelo (2004) verificou que quanto mais próxima da baliza adversária fosse conquistada a posse da bola, mais eficiência tinham as acções ofensivas subsequentes. Enquanto que no sector ofensivo se verificou uma percentagem de 29% relativamente às acções ofensivas que terminaram com finalização, apenas 15% das recuperações no sector defensivo terminaram com finalização, ou seja, metade (Castelo, 2004).

Para Wrzos (1984), as equipas devem tentar iniciar as suas acções ofensivas na zona do ataque, recuperando a bola mais à frente. Hughes (1973, citado por Yamanaka e tal, 1993), comparando o padrão de jogo dos Camarões com os de jogo de selecções europeias, britânicas e sul-americanas no Campeonato do Mundo de 1990 conclui que 60% dos golos resultavam da recuperação da posse de bola na zona ofensiva. Reina et al. (1997), ao analisar todos os golos do Campeonato da Europa de 1996, verificaram que 58% das recuperações de bola se verificaram no sector ofensivo.

Um estudo realizado por Gréhaine (1989), relativamente aos golos marcados durante Campeonatos do Mundo, mostrou que uma maior eficácia ofensiva está relacionada com uma rápida e avançada (no terreno) recuperação da posse de bola (Gréhaine e al., 2002).

Para Garganta (1997:203), “a divisão do espaço de jogo, não corresponde a marcações físicas assinaladas no terreno de jogo, mas no domínio do treino e da competição, ela constitui um referencial importante para orientação dos

jogadores, nomeadamente na definição do estatuto e da diferenciação de funções”.

Assim, para a análise desta variável adoptamos o campograma referido por Garganta (1997) com doze zonas: DD – defensiva direita; DC – defensiva central; DE – defensiva esquerda; MDD – média defensiva direita; MDC – média defensiva central; MDE – média defensiva esquerda; MOD – média ofensiva direita; MOC – média ofensiva central; MOE – média ofensiva esquerda; AD – avançada direita; AC – avançada central; AE – avançada esquerda.

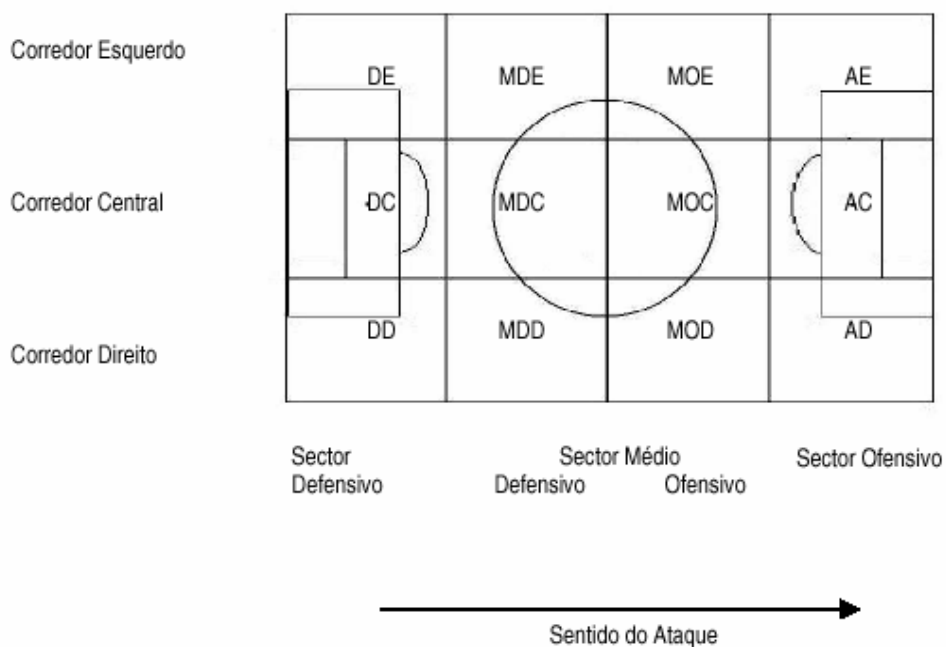


Figura 1: Campograma correspondente à divisão topográfica do terreno em doze zonas, a partir da justaposição de quatro sectores transversais e três corredores longitudinais (adaptado de Garganta, 1997).

4.3. O Processo Ofensivo

Para Castelo (2004) o processo ofensivo representa uma das duas fases fundamentais do jogo de futebol, sendo objectivamente determinado, pela equipa que se encontra de posse de boa, com vista à obtenção do golo, sem cometer infracções às leis do jogo. No entanto, o mesmo autor salienta também que quando determinada equipa está de posse de bola, para além de poder concretizar o objectivo do jogo – o golo, poderá igualmente, controlar o ritmo de jogo específico em função do resultado, surpreender o adversário através de mudanças contínuas de orientação, e obrigar os adversários a passarem por longos períodos sem a posse de bola, permitindo, por sua vez, aos jogadores recuperar fisicamente com o mínimo de risco.

Queiroz (2003) descreve o processo ofensivo em três fases distintas. A primeira, caracteriza-se pela construção de acções ofensivas por parte dos jogadores, que ao recuperarem a bola passam automaticamente a atacar, progredindo, assim, no terreno de jogo. Para Castelo (2004:128) a construção do processo ofensivo procura assegurar a deslocação da bola da zona de recuperação para as áreas vitais do terreno de jogo, onde se evita ao máximo as perdas de posse de bola.

A segunda fase corresponde à criação de situações de finalização, onde os jogadores procuram formas eficazes para conseguir finalizar (Queiroz, 2003). Esta fase visa a desorganização do método defensivo adversário criando-se os pressupostos mais vantajosos para a concretização imediata do objectivo do jogo (Castelo, 1996). Para Castelo (2004:129), é também “nesta fase do ataque que culminam as combinações “mais ricas” do ponto de vista táctico... ”.

A terceira fase corresponde à finalização propriamente dita, sendo objectivada pela acção táctico-técnica individual (remate) que culmina todo o trabalho da equipa com vista à obtenção do golo. Desenrola-se numa zona restrita do terreno de jogo, onde a pressão dos adversários é elevada e o espaço de realização é muitas vezes diminuto. As condições de execução táctico-técnica exigem uma precisão e um ritmo elevados em que a espontaneidade, a

determinação e a criatividade são as componentes mais importantes nesta fase do ataque (Castelo, 2004).

4.3.1. Métodos de Jogo Ofensivo (MJO)

O jogo de futebol, baseia-se numa lógica fundada em princípios de acção individuais e colectivos, que revelam formas peculiares de organização num contexto de confronto e cooperação, desenvolvendo-se utilizando métodos de jogo (Araújo, 1998). O MJO representa a forma geral de organização dos jogadores no ataque, estabelecendo um conjunto de princípios que visam a racionalização desse processo ofensivo, para assegurar a progressão/finalização e a manutenção da posse de bola (Garganta, 1997).

Segundo Garganta (1997), para entendermos e observarmos da melhor a forma como uma equipa e os seus jogadores desenvolvem o processo ofensivo, ou seja o método de jogo utilizado, deveremos considerar todo o processo, iniciando-se este com a recuperação da posse de bola e terminado após a finalização ou perda da posse de bola

Apesar de diferentes terminologias adoptadas por diversos autores, os métodos de jogo ofensivos são diferenciados em três grupos, fundamentalmente pela forma rápida ou lenta que se desenvolve o ataque, pela organização ou não da defensiva adversária, e pela relação de superioridade ou inferioridade numérica. Dentro deste contexto, foram consideradas, de forma a definir critérios de observação e permitir o estabelecimento de possíveis relações com estudos anteriores, três formas básicas de métodos de jogo ofensivos e as respectivas características que lhes são imputadas, propostas por Castelo (2004) e Garganta (1997), como referencial para a codificação dos comportamentos tácticos ofensivos emergentes em cada SOP:

4.3.1.1. Contra-ataque (CA)

Segundo Garganta (1997), é uma acção táctica em que a equipa implicada pretende chegar rapidamente à baliza adversária aproveitando a desorganização defensiva adversária.

Este método apresenta as seguintes características:

- Rápida transição da zona de conquista da bola para a zona de finalização: baixo tempo de realização do ataque (inferior a 12'');
- Ritmo de jogo elevado (fundamentalmente a circulação da bola).
- Número reduzido de jogadores que intervêm directamente sobre a bola (normalmente até 4);
- O número de passes não deverá ser superior a cinco;
- Utilizam-se sobretudo passes longos em profundidade;
- A bola é conquistada no meio campo defensivo e a equipa adversária apresenta-se avançada no terreno de jogo e desequilibrada defensivamente;

A aplicação deste método de jogo ofensivo faz-se em condições favoráveis de espaço, uma vez que a constante modificação do ângulo de ataque provoca uma permanente instabilidade na organização da defesa adversária (Castelo, 2004). Isto permite criar no adversário um nível de insegurança bastante elevado, provocando também um elevado desgaste táctico-técnico, físico e, sobretudo, psicológico (Castelo, 2004).

No entanto, este método de jogo ofensivo apela bastante ao talento individual, uma vez que os atacantes encontram-se quase sempre em situações de 1x1. Sendo assim, a organização ofensiva torna-se menos coesa, pois não há uma mútua cobertura nas situações de jogo. Tal como Castelo (1996) refere, este método de jogo ofensivo implica a adopção de métodos defensivos onde se verifica uma grande concentração de jogadores perto da sua própria baliza, o que determina uma maior perigosidade na recuperação da posse de bola.

4.3.1.2. Ataque rápido (AR)

O ataque rápido possui características muito semelhantes às do contra-ataque, residindo a diferença no facto de que o ataque rápido prepara a fase de finalização com a equipa adversária organizada eficientemente no seu método defensivo (Castelo, 2004).

Este método apresenta as seguintes características:

- Bola conquistada no meio campo defensivo ou ofensivo com a equipa adversária equilibrada defensivamente;
- Circulação da bola acontece em largura e profundidade com passes rápidos;
- Ritmo de jogo elevado (elevada circulação da bola e dos jogadores);
- O número máximo de passes realizados é 7 passes;
- O tempo de realização do ataque não ultrapassa, em regra, os 18".

4.3.1.3. Ataque posicional (AP)

Segundo Garganta (1997), este método assume-se como uma forma de ataque em que a fase de construção se revela mais demorada e elaborada e na qual a transição defesa-ataque se processa com a predominância de passes curtos, desmarcações de apoio e coberturas ofensivas. De acordo com o mesmo autor, este método apresenta as seguintes características:

- Bola conquistada no meio campo defensivo ou ofensivo com a equipa adversária equilibrada defensivamente;
- Circulação da bola acontece mais em largura do que em profundidade com passes curtos e desmarcações de apoio;
- Elevado número de passes (superior a 7);
- Tempo de realização do ataque elevado (superior a 18");
- Ritmo de jogo lento relativamente aos MJO anteriores (menor velocidade de circulação da bola e dos jogadores);
- Intervêm normalmente mais de 6 jogadores sobre a bola.

Segundo (Castelo, 2004) a equipa joga sempre num bloco compacto, com acções de cobertura ofensiva constantes, especialmente aos jogadores que intervêm directamente sobre a bola. Parece-nos, assim, que há uma primazia sobre a segurança do jogo, sendo que a possibilidade de perder a posse de bola é menor, comparativamente com os restantes métodos de jogo ofensivo.

No entanto, o ataque posicional requer, por parte dos jogadores atacantes, uma leitura constante das situações de jogo, e como se valoriza um ataque seguro, pode perder-se alguma objectividade. Castelo (2004) salienta também que o processo ofensivo desenrola-se frequentemente em espaços reduzidos, possibilitando à equipa adversária concentrar-se nesses espaços.

Apesar destes métodos de jogo ofensivos serem as formas mais básicas da manifestação do ataque podemos encontrar durante um jogo, fases ofensivas com as características fundamentais de dois métodos de jogo ofensivo (Castelo, 1996). No entanto, só considerámos os MJO que no momento de perda da posse da bola, foram efectivamente preconizados pela equipa. Em determinadas processos ofensivos verificam-se somente tentativas de ataque posicional, de ataque rápido ou de contra-ataque, no entanto, conforme os indicadores comportamentais observados, estes processos foram considerados como sendo ataques rápidos ou ataques planeados ou contra-ataques.

Através da análise de alguns estudos efectuados sobre a organização do processo ofensivo poderemos verificar a existência de algumas das características de acção dos jogadores e das equipas, que poderão ser importantes na compreensão deste processo e eventualmente ajudar na estruturação do nosso jogo, para que este se torne porventura mais eficaz.

. Dufour (1993) relatou que durante o Campeonato do Mundo de Itália 90 se observaram 88% de ataques posicionais, com uma eficácia de 7%, tendo os restantes 12% de ataques sido desenvolvidos através de contra-ataques e ataques rápidos, com uma eficácia de 12%. Contrariando os resultados deste autor em que prevalece o ataque posicional, Castelo (2004) refere-nos que, a partir da observação de 674 SO realizadas em finais de Campeonatos do Mundo e da Europa, verificou-se que o método ofensivo mais utilizado pelas equipas durante a fase do ataque foi o ataque rápido (49%), seguido do ataque posicional

(45%) e do contra-ataque (6%). Segundo o mesmo autor, este facto evidencia claramente a tentativa constante e premente de se transportar rapidamente o centro do jogo para espaços próximos da baliza adversária (55%).

Sleziwski (1984; citado por Silva, 1998), observou 52 encontros, onde se marcaram 132 golos, durante o Campeonato do Mundo do México 86. Dos 132 golos marcados, 44 foram concretizados em ataque posicional (33,3%), 36 golos foram concretizados em ataque rápido (27,3%), 35 golos foram concretizados a partir de situações de bola parada (26,5%) e 17 golos como conclusão de contra-ataque (12,9%). Contrariando os resultados deste autor, Castelo (2004) refere-nos que a partir da observação de 549 métodos de jogo ofensivo que culminaram em golo, verificou-se que 42% dessas acções, foram efectuadas a partir do ataque rápido, seguido em 21% dos contra-ataques e ataques posicionais. Mais uma vez, e de acordo com o mesmo autor, os presentes dados demonstram a importância dada pelas equipas em transportar rapidamente o centro do jogo ofensivo para espaços próximos da baliza adversária (63%).

Num estudo efectuado sobre o processo ofensivo em equipas de alto rendimento Garganta, J., Marques, A. & Maia, J. (2002:64) concluíram que:

- “A variabilidade das acções ofensivas é um factor associado à eficácia das equipas; a uma maior variabilidade corresponde uma maior eficácia”;
- “As variações de corredor, de tipo de passe e de ritmo de jogo são indicadores associados à eficácia ofensiva das equipas”;
- “Uma acção de jogo aparentemente simples, como um passe longo, pode induzir desequilíbrio no balanço ataque/defesa e provocar rupturas no sistema defensivo do adversário”;
- “O baixo tempo de realização do ataque, não se revelou um factor associado a uma superior eficácia ofensiva das equipas”;
- “Um baixo tempo de realização do ataque, e uma elevada velocidade de transmissão da bola (VTB) não são variáveis necessariamente associadas à eficácia ofensiva das equipas”.

Poderemos referir e analisando as conclusões do estudo realizado pelos autores anteriores que, o controlo do jogo através de variações de corredor na circulação da bola, a alteração do ritmo de jogo e do tipo de passe são meios importantes de surpreender a equipa adversária e lhe provocar momentâneos desequilíbrios defensivos, “facilitando” desta forma a execução com eficácia do processo ofensivo.

4.4. Número de jogadores envolvidos (NJ)

Considerámos como número de jogadores que participam activamente no processo ofensivo, o número total de jogadores diferentes que intervêm no processo. Ou seja, só são registados os jogadores que **entram em contacto directo com a bola** durante a realização das sequências ofensivas observadas.

Os sistemas defensivos utilizados por equipas em que existem grandes concentrações de jogadores no sector defensivo e no meio campo defensivo obrigam a uma maior participação de jogadores. É então necessário realizar uma boa circulação de bola recorrendo para isso a um maior número de passes e de jogadores, para que, sem perder a posse de bola, tentar criar instabilidade na estrutura e organização defensiva contrária, no sentido de dar continuidade às acções ofensivas, com o objectivo de criar situações de finalização.

A variação deste indicador pode considerar-se determinante na capacidade desta variar as acções de jogo ofensivo na procura do seu objectivo. Garganta (1997) é da opinião que, “nos JDC o número de jogadores directamente envolvidos nas diferentes acções de jogo torna-se uma variável fundamental, na medida em que a sua transformação influi na variabilidade das acções de jogo desenvolvidas “

Pode revelar-se como mais um indicador da participação dos jogadores nas acções ofensivas da sua equipa, fornecendo pistas sobre o seu padrão de jogo.

Garganta (1997), estudando 497 SO por 6 equipas de alto nível competitivo em jogos (final e uma meia-final) dos Campeonatos do Mundo 94 e da Europa em 96; Faria (1998), analisando equipas de alto rendimento e Cunha (1999) estudando o campeão mundial de 1998, referem um número médio de 5 jogadores utilizados durante as SO.

Quarteu (1996), num estudo com as equipas classificadas nos quatro primeiros lugares no Mundial de 94, encontrou um número médio de 4 a 6 jogadores participantes nas SO. Garganta e tal. (2002), estudando 497 SO realizadas por 6 equipas de alto nível competitivo em jogos (final e uma meia-final) dos Campeonatos do Mundo 94 e da Europa em 96 verificaram que, em média, participaram apenas 5 jogadores nas jogadas que originaram finalização.

Basto & Garganta (1996) analisando jogos de Campeonato da Europa e do Mundo apresentam valores mais baixos, participando neste tipo de acções, apenas 1 a 3 jogadores. No estudo monográfico realizado por Silva (1999) em que foram analisadas as SO em 4 jogos de Benfica e Juventus que na época 97/98 se apuraram para a Liga dos Campeões, verificou-se que o número médio de jogadores que contactaram com a bola em cada SO, foram 4. Já no estudo de Barros (2002) sobre as SO finalizadas pelo Brasil no Campeonato do Mundo de 2002 Coreia/Japão, o número médio de jogadores envolvidos foi de 3.5.

Castelo (1994) estudando 674 SO realizadas em finais de Campeonatos do Mundo e da Europa verificou que o número médio de jogadores que contactavam com a bola era 7.

4.5. Caracterização do Passe

O passe é o elemento fundamental básico de colaboração entre jogadores da mesma equipa (Castelo, 1996). É a acção técnica mais utilizada no decurso do jogo de futebol (Hughes, 1994) e a sua execução pode levar ao desequilíbrio da organização defensiva adversária ou a ultrapassagem eficaz do adversário directo (1994).

Segundo Wrzos (1984), os passes detreminam o ritmo de jogo e a velocidade das acções ofensivas e defensivas, e dessa forma, caracterizam o desenvolvimento e o estilo de jogo da equipa. Hughes (1984) acrescenta que assim como um passe preciso fornece confiança à equipa, um passe errado retira-a rapidamente.

Castelo (1996) verificou que à medida que o centro do jogo avança para a baliza adversária a frequência do passe diminui. Contudo, o passe é a acção técnico-táctica que permite uma mais rápida progressão da equipa no terreno de jogo. Além disso, verificou que à medida que o centro do jogo avançava em direcção à baliza adversária, a eficácia do passe diminui.

Ribeiro (2003) refere que a análise dos passes tem recaído nos aspectos: distância, altura, frequência e direcção. Estes aspectos têm fornecido dados importantes para o entendimento da organização ofensiva das equipas, permitindo a tipificação dos passes por zonas do terreno de jogo (Silva, 1998).

4.5.1. Número de Passes (NP)

Considerou-se por número de processos ofensivos todas as acções ofensivas realizadas, a partir do momento que uma equipa entra em posse de bola. Este processo só é interrompido se a equipa perde a posse de bola. Se em determinado momento a equipa adversária comete qualquer tipo de falta, provoca um lançamento linha lateral ou pontapé de canto sem entrar em posse de bola, o processo ofensivo terá continuidade.

Wrzos (1984) e Gréhaigne (1992), concluíram que cerca de 42% das acções que levam à finalização utilizam 3 a 4 passes.

Talaga (1985, citado por Barros, 2002), conclui que no Mundial de Inglaterra o maior número de jogadores que levaram a bola à baliza ocorreu após acções com 3 ou 4 passes. Um estudo de Garganta (1997) com 497 SO realizadas por 6 equipas de alto nível competitivo em jogos (final e uma meia-final) dos Campeonatos do Mundo 94 e da Europa 96, mostrou que as acções que originavam golos eram precedidas de apenas 2 passes. Basto & Garganta

(1996) num estudo realizado em jogos de Campeonatos da Europa e do Mundo, verificaram que as jogadas de golo comportavam apenas 3 passes ou menos. Também Mombaerts (1991) conclui num estudo sobre o campeonato da Europa de 1988 e do Mundo 1990, que as sequências mais eficazes utilizam 2 a 3 passes. No estudo monográfico de Faria (1998) realizado com equipas de alto rendimento, conclui-se que, em média, eram realizados 5 passes em cada SO. Quarteu (1996) estudando as equipas classificadas nos 4 primeiros lugares no Campeonato do Mundo 94 encontrou um número médio de 4 a 5 passes por SO. No estudo monográfico de Silva (1999), realizado com as SO em 4 jogos de Benfica e Juventus que na época 97/98 se apuraram para a Liga dos Campeões, o número de passes efectuados foi em média de 3,87. No estudo monográfico realizado por Barros (2002) com as SO finalizadas pelo Brasil no Campeonato do Mundo 2002 Coreia/Japão, verificou-se que o número de passes efectuados foi 3.

4.5.2. Tipo de passes (TP)

Esta variável caracteriza globalmente a distância dos passes. Por distância entende-se o espaço que a bola percorre desde o passador ao receptor. Os passes podem ser curtos/médios (bola jogada na mesma zona ou entre zonas contíguas) ou longos (bola jogada para qualquer zona não contígua à da origem do passe), Silva (1998).

Yamanaka et al. (1993) concluíram num estudo sobre equipas britânicas, europeias e sul americanas, que as equipas britânicas utilizam frequentemente o passe longo. Concluíram também que as equipas britânicas recorriam mais a um estilo de jogo directo, contrariamente às equipas europeias e sul americanas, que optavam mais pelo jogo mais indirecto com recurso a toda a amplitude do campo e à continuidade das acções ofensivas. Neste sentido, num estudo realizado no Mundial de 1978, verificou-se também que os passes longos foram os mais vezes executados, com excepção para as equipas sul-americanas (Wrozs, 1984). No entanto, todos os outros estudos apontam em sentido contrário (Mombaerts, 1991; Castelo, 1994; Pedrosa, 1994; Bezerra, 1996; Barros, 2002). As

percentagens obtidas nesses estudos rondam os 60 e os 95% de passes curtos/médios. Encontramos apenas um estudo realizado com 18 jogos de futebol, 8 jogos de Infantis e 8 jogos de Seniores, em que a utilização de passes curtos/médios e longos foi um número semelhante (Costa e Garganta, 1996), sendo mais vezes realizados passes longos 54% vs 46%.

4.5.3. Direcção dos Passes (DP)

Os passes podem ser dirigidos para trás, para a frente ou para o lado, relativamente ao sentido do ataque (Garganta, 1997).

Wrozs (1984), relativamente ao Mundial 1982, referiu-se ao Brasil e às suas acelerações do jogo através de passes para a frente. Num estudo realizado por Reina et al. (1997), verificou-se que 60% dos passes, em cada jogada de golo do Campeonato da Europa de 1996, foram dirigidos para a frente. Também Araújo & Garganta (2002), registaram uma clara predominância dos passes para a frente numa equipa de topo da 1ªliga Portuguesa. No estudo monográfico realizado por Barros (2002), relativo às SO finalizadas pelo Brasil no Campeonato do Mundo 2002 Coreia/Japão, verificou-se que o passe para a frente foi o mais utilizado. Este tipo de passe é o que mais problemas causa às defesas adversárias (Castelo, 1994).

4.6. Situação de 1x1 (1x1)

O jogo de futebol é realizado a partir do confronto de duas equipas, ainda que possamos identificar vários jogos dentro do jogo, o que significa que existem vários planos de confronto. Assim, o duelo 1x1 adquire a sua importância ao facto de permitir a criação de desequilíbrios e rupturas na estrutura defensiva adversária, podendo revelar-se como um potente argumento ofensivo (Garganta, 1999). Acção em que o portador da bola procura: 1) ultrapassar o(s) seus adversários directos em determinado sentido do campo de jogo; 2) manter a

posse de bola; 3) ganhar espaço sobre o seu adversário directo para realização de uma acção posterior (cruzamento, remate, passe...). Acções táctico-técnicas em que o portador da bola (em penetração), tenta ultrapassar o seu adversário directo no cumprimento dos objectivos de jogo ofensivo.

Num estudo feito com equipas europeias de alto rendimento, semi-finalistas da Liga dos Campeões, num único jogo, foram observadas 125 situações de 1x1 (Gerisch & Reichelt, 1993), Rosário & Garganta (1996), encontraram valores mais baixos num estudo de dez equipas de elite da Europa que realizaram, em média, 24 duelos ofensivos por jogo. Wrzos (1984) analisando 7 jogos do Campeonato do Mundo 1978, refere que apenas em 17.8% das jogadas individuais acontece 1x1 em drible perante o adversário. Mombaerts (1991) analisando jogos do Campeonato da Europa de 1988 e do Mundial de 1990, apresenta um valor mais elevado (35%). No estudo monográfico realizado por Barros (2002) relativo às SO finalizadas pelo Brasil no Campeonato do Mundo 2002 Coreia/Japão, verificou-se que em 38,3% delas se verificaram situações de 1x1.

4.7. Corredores Utilizados (CU)

A amplitude e a profundidade são fundamentais no futebol actual. Neste sentido, consideramos pertinente analisar esta variável, no sentido de aferir a importância de utilização de todo o terreno de jogo e o respectivo aproveitamento de todos os corredores. Entende-se por CU, o número de vezes que a bola percorre um corredor durante a SOP analisada.

Hughes et al. (1988, citado por Garganta, 1997), num estudo efectuado em equipas com e sem sucesso, no campeonato do Mundo de 1986 no México, verificaram que as equipas com sucesso realizavam a transição defesa-ataque, utilizando predominantemente o corredor central. Também Sleziwski (1987, citado por Garganta, 1997), constatou que 47% dos golos obtidos no Mundial de 1986, foram conseguidos a partir de acções conduzidas pelo corredor central. No entanto, de acordo com Dufour (1993), é a partir dos corredores laterais que se conseguem os cruzamentos, que são a melhor opção para criar ocasiões de golo.

Nas edições de Mundiais de Futebol de 1986 e 1990, os cruzamentos foram uma importante “fonte” de golos (Partridge et al.,1993). Num estudo realizado no 14^o Campeonato do Mundo, quase 30% dos golos foram alcançados através de ataques conduzidos pelos corredores laterais (Jinshan et al., 1993). Segundo um estudo de Vieira & Garganta (1996) realizado a partir da observação de jogos de Campeonatos do Mundo de sub-20 e de seniores, a vantagem das equipas vencedoras sobre as derrotadas encontrava-se na frequência de utilização dos corredores laterais e no índice de variação de corredor por ataque. Neste estudo, os resultados indicaram que em cada 72 ataques, 62 utilizavam os corredores laterais.

4.8. Número de variações de corredor (NVC)

Por número de variações de corredor entendemos todas as variações da posse de bola realizadas através dos três corredores, isto é, sempre que a bola muda de corredor através de um passe ou condução por parte de um jogador da equipa. Trata-se de uma variável que diz respeito ao número de vezes que na SO a bola circula, através de passe, para um corredor diferente (Garganta, 1997). NVC pode fornecer informações importantes em relação à amplitude das acções ofensivas, assim como em relação à organização privilegiada pela equipa na procura do desequilíbrio da equipa adversária.

Cunha (1999) encontrou, para a selecção francesa, um numero médio de variações de corredor de 2.8 por SO realizada e finalizada. Também Garganta et al., (2002), analisando 497 SO realizadas por 6 equipas de alto nível competitivo em jogos (final e uma meia-final) dos Campeonatos do Mundo 94 e da Europa 96, registaram valores idênticos. Quarteu (1996) num estudo com as equipas classificadas nos 4 primeiros lugares no Campeonato do Mundo 94, verificou que em 49.3% das SO aconteceu a utilização de dois corredores. A utilização de todos os corredores aconteceu em 42,3% das SO e 8,4% das SO utilizaram apenas um corredor. Castelo (1994), com base em observações realizadas em finais de Campeonatos do Mundo e da Europa, havia já concluído o mesmo, com

valores ligeiramente diferentes: 44% para a utilização de dois corredores; 34% para os três corredores; 22% para a utilização de apenas um corredor. Segundo um estudo de Vieira & Garganta em jogos de Campeonatos do Mundo de sub-20 e seniores (1996), a vantagem das equipas vencedoras sobre as derrotadas encontra-se na frequência de utilização dos corredores laterais e no índice de variação de corredor por ataque. Neste estudo, os resultados indicam que em cada 72 ataques, 62 utilizaram os corredores laterais. Um outro estudo de Garganta et al., (2002) baseado em jogos (final e uma meia-final) realizados por 6 equipas de alto nível competitivo nos Campeonatos do Mundo 94 e da Europa 96, mostraram que o número de variações de corredor é uma variável associada à eficácia ofensiva.

A este propósito, Cunha (1999: 10) refere que “é necessário que as equipas consigam criar desequilíbrios e instabilidade na estrutura e organização defensiva, não só fazendo circulação de bola no espaço de jogo efectivo da equipa adversária como também utilizando e variando os corredores laterais de ataque obrigando o adversário a passar longos períodos sem a posse de bola, levando-o a entrar em crise de raciocínio táctico e consequentemente a expô-lo a respostas tácticas erradas, na tentativa de executar a maior parte das acções individuais e colectivas em direcção à baliza adversária”.

4.9. Zona utilizada para o último passe (ZUP)

Por “zona utilizada para o último passe” entenda-se a zona, do terreno a partir do qual foi efectuado o último passe.

Considerámos último passe, aquele que é executado para um jogador que efectua um remate com êxito, enquadrado ou não com a baliza adversária.

Este pode revelar-se um indicador da variação de processos e nos processos ofensivos de uma equipa. A variação das zonas utilizadas para o último passe pode constituir-se num aumento da margem de incerteza para o adversário.

Esta variável é definida por doze zonas estabelecidas pelo campograma (fig. 1). O observador regista a zona do terreno de jogo de onde parte o passe que antecede a finalização.

Jinshan et al. (1993) estudando 13^o e 14^o Campeonatos do Mundo, concluíram que a maior parte dos golos resultavam de cruzamentos a partir do corredor esquerdo. Olsen & Larsen (1997), analisando a selecção norueguesa, verificaram que era a partir do flanco direito que surgiam mais passes para golo. Com base na observação dos jogos do Campeonato da Europa de 1988 e do Mundial de 1990, Mombaerts (1991), conclui que 50% dos golos resultaram de cruzamentos, enquanto que Castelo (1996), após análise das finais dos Campeonatos do Mundo e da Europa entre 1892 e 1990, verificou que 32% dos golos surgiam após o cruzamento.

Duffour (1993), analisando os jogos do Campeonato Europeu de 1984, constatou que cerca de 25% dos golos nasceram de cruzamentos, embora só 11% dos cruzamentos tenham permitido o remate e uma eficácia total de apenas 2%. Contudo, num estudo de Cabezon & Fernandez (1996, citado por Garganta, 1997), tendo como amostra a Liga Espanhola 93/94, verificou-se que a maior percentagem dos golos (60%) era obtida a partir das acções ofensivas realizadas através do corredor central. Pedrosa (1994), no seu estudo monográfico sobre as acções ofensivas nos Campeonatos do Mundo de 1990 e 1994, apurou que no campeonato realizado em Itália, o corredor esquerdo foi o mais utilizado no que se refere à realização do último passe, com 44% seguido do corredor central, com 39%. Já no campeonato USA 94 foi o corredor central que registou mais últimos passes, com 46%, enquanto os dois corredores laterais apresentaram 27% cada um. Num estudo realizado com o campeão mundial de 1998, a França, Cunha (1999), registou as zonas avançadas esquerda e direita como as mais utilizadas para o último passe.

4.10. Zona para onde é dirigido o ultimo passe (ZDP)

Por “zona para onde é dirigido o último passe” entende-se a zona do terreno para onde é dirigido o último passe.

No estudo monográfico de Barros (2002), realizado com as SO finalizadas pelo Brasil no Campeonato do Mundo de 2002 Coreia/Japão, verificou-se que para o corredor central foram dirigidos 75,4% dos últimos passes.

4.11. Zona de finalização (ZF)

Trata-se da zona do terreno de jogo onde foi efectuado um remate à baliza adversária, sendo definida por doze (12) zonas estabelecidas pelo campograma.

Muitos estudos comprovam que a zona frontal à baliza é a que mais golos origina (Wrzos, 1984; Dufour, 1993; Bezerra, 1996).

Bezerra (1995) estudando a Selecção Portuguesa de sub-20 que disputou e venceu o Campeonato do Mundo em Lisboa 91, verificou que 40,6% dos remates foram realizados dentro da área de grande penalidade e 59,4% fora dela. Num estudo de Castelo (1996) realizado com as finais dos Campeonatos do Mundo e da Europa entre 1982 e 1990, conclui-se que 49% dos golos são concretizados a menos de 11 metros da linha de golo, 38% entre os 11 e os 22 e 14% a mais de 22 metros. Num estudo realizado por Lopez (2002) na Liga Espanhola 98/99, 66,8% dos golos aconteceram dentro da área de grande penalidade. Durante os Campeonatos do Mundo de 1994 e 1998, o mesmo autor encontrou, respectivamente, os valores de 66,7% e 63,5% dos golos a serem obtidos da área de grande penalidade.

Esta zona é privilegiada devido ao estabelecimento de ângulos frontais, que proporcionam elevados níveis de eficácia. Facilmente se conclui, que toda a dinâmica da execução técnico-táctica individual e colectiva que a lógica do jogo em si encerra, é focalizada e canalizada no espaço (Castelo, 1994).

4.12. Estatuto Posicional do Jogador Finalizador (JFA)

Com este indicador, procurámos aferir da liberdade e mobilidade dos jogadores para finalizarem e aparecerem em zonas de finalização, assim como da variação do jogador que finaliza, enquanto factor potenciador de incerteza na equipa adversária. Assim, distinguimos os jogadores consoante a sua colocação no terreno de jogo, a partir da posição ocupada no sistema táctico da sua equipa (Defesa Central – DC; Defesa Lateral – DL; Médio-centro – MC; Médio ala – MA; Avançado - A), elemento básico a partir do qual se concretiza a construção de uma equipa (Ramos, 2003), anotando-a de acordo com o finalizador do ataque, em cada SOP analisada.

O estudo de Barros (2002) realizado à selecção brasileira no Campeonato do Mundo 2002 revelou que os avançados (52%) foram os principais finalizadores. Araújo & Garganta (2002), num estudo efectuado com uma equipa portuguesa, concluíram que quem mais frequentemente finalizava, eram os avançados e médios centrais ou médios que estavam envolvidos na sequência. Contudo, os resultados do estudo realizado por Abílio Ramos (2005), indicam-nos que os médios foram os principais finalizadores, com 64% dos remates.

4.13. Formas de Finalização: Golos obtidos a partir de situações de jogo contínuo (JC)/ bola parada (BP)

Para a caracterização desta variável, recorremos ao referencial utilizado por Garganta (1997:209), que define quatro (4) possíveis resultados da sequência ofensiva. Entre estas, apenas nos vamos reportar ao resultado - **Êxito Total (ET)**, quando a sequência termina com a obtenção de um golo – para obtermos o número total de golos resultantes da análise das SOP. Posteriormente, é nossa intenção estabelecer a comparação entre o número de golos obtidos em situações de jogo contínuo e a partir de lances de bola parada.

Serão consideradas situações de bola parada, os livres, os cantos, as grandes penalidades e os lançamentos de linha lateral.

Segundo estatísticas da FIFA (2006) foram marcados 147 golos nas 64 partidas do Campeonato do Mundo da Alemanha 2006, o que produziu uma média de 2,29 golos por jogo. Nos outros dois torneios que contiveram 64 jogos, foram alcançados 171 golos em 1998 (média de 2,61) e 161 em 2002 (média de 2,52). Silva (2004) reporta que apenas 13% das posses de bola terminam com um remate à baliza e 0,6% resultam em golo, indo deste modo os resultados de encontro aos de Dufour (1991) em que refere que 90% das posses de bola no Futebol terminam sem um remate à baliza.

Verifica-se por exemplo, que numa modalidade como o Basquetebol, uma elevada percentagem dos ataques efectuados termina com a concretização de um cesto, enquanto que num jogo de Futebol apenas 1% dos ataques culmina com a obtenção de um golo.

Segundo Garganta (1998) o grande problema dos JDC (entre os quais se encontra o Futebol) é, coordenar as acções com a finalidade de recuperar, conservar e fazer progredir a bola, tendo como objectivo criar situações de finalização e marcar golo. Neste sentido, torna-se fulcral encontrar soluções para tentar ultrapassar este problema da criação de situações de finalização, até porque, como refere Castelo (1994) a finalização desenrola-se numa zona restrita do terreno onde a pressão dos adversários é elevada e o espaço de realização é distinto, sendo assim, é necessário que o ataque encontre soluções para levar de vencida a defesa adversária.

Santos & Coelho (2004), num estudo realizado acerca das situações que concorrem para o “Tempo Não Jogado”, no contexto da I Liga do Futebol Português, referem que é devido ao elevado número de interrupções de jogo, das quais se destacam as situações de falta, que se registou um elevado “Tempo Não Jogado”. Também Garganta (2004), refere que a alto nível, se verificam cerca de 120 interrupções de jogo e que do tempo de jogo, cerca de 40 minutos são despendidos nas inúmeras paragens de jogo.

Contudo, o elevado número de faltas que ocorrem durante um jogo, pode e deve ser um aspecto ao qual se deve dar grande importância, na medida em que a partir destas se podem criar oportunidades de finalização. Segundo Garganta (1997), para que se atinja o rendimento desportivo em Futebol, existem vários

aspectos que interagem entre si. De acordo com o mesmo autor, verifica-se que muitas das vezes, cantos, livres e lançamentos de linha lateral, não constam das análises realizadas acerca da eficácia ofensiva.

É um facto curioso, que talvez se deva à maioria dos golos serem marcados através das fases dinâmicas do jogo (Olsen, 1998; Garcia, 1995).

No entanto, Jinshan e tal. (1993) e Garcia (1995), numa análise efectuada à forma como foram obtidos os golos em vários Campeonatos do Mundo, verifica-se o aumento do numero de golos obtidos a partir das fases estáticas (lances de bola parada): 26% em Espanha 1982; 28% no México 1986; 32% em Itália 1990 e 39% no USA 1994.

Segundo Castelo (1996) que analisou as Finais dos Campeonatos do Mundo e da Europa entre 1982 e 1990, 27% dos golos foram executados a partir de situações de bola parada, dos quais 12% de livre, 5% de pontapé de canto, 9% de grande penalidade e 1% a partir de lançamento de linha lateral. Cherry (2000), num estudo sobre os lances de bola parada no Campeonato do Mundo de 98, verificou que 25% dos golos marcados resultaram de situações de bola parada. A reposição da bola em jogo que originou mais golos foram as grandes penalidades, seguindo-se os pontapés de canto e os livres directos e indirectos.

É nossa intenção, tal como referido anteriormente, a partir da análise das SOP, extrair o número total de golos daí resultantes e posteriormente estabelecer uma comparação entre o número de golos obtidos a partir das fases dinâmicas (situações de jogo contínuo) e fases estáticas (lances de bola parada). A este propósito, Olsen (1988) analisou 132 golos, respeitantes a 52 partidas do Campeonato do Mundo México 86, referindo terem sido obtidos 96 (72,5%) a partir das fases dinâmicas, e 36 (27,5) nas fases estáticas do jogo. Garcia (1995) fez uma análise aos golos marcados durante o Campeonato do Mundo USA 94, concluindo que dos 145 golos obtidos, 88 (61%) foram obtidos em situações de jogo efectivo, tendo 57 (39%) marcados como resultantes de lances de bola parada.

4.14. Tempo de realização do ataque (TRA)

Consideramos como TRA o período de tempo que medeia entre o início da SO, considerada (posse de bola), e a sua conclusão através de um remate (enquadrado ou não). É de salientar que na contagem do TRA, se verificou somente o tempo que a bola se encontrava efectivamente em jogo, ou seja, aquando de uma falta ou de um lançamento lateral o tempo parava e reiniciava quando da reposição da bola em jogo.

Queiroz afirma que “é preciso fazer depressa mesmo as coisas mais simples”. Segundo vários estudos as SO eficazes apresentam uma reduzida duração entre o momento de recuperação da bola e o seu fim (Castelo, 1994; Garganta, 1997; Garganta et. al, 1997). Um estudo feito no Campeonato da Europa de 1996, revelou que 65% das SO têm uma duração inferior a 15 segundos (Reina e al. 1997). Basto & Garganta (1996) analisando jogos de Campeonatos da Europa e do Mundo, apresentam valores ainda mais baixos, sendo os tempos de ataque mais frequentes inferiores a 10 segundos. Num estudo de caso, relativo a uma equipa de alto nível que actuou no Campeonato Nacional da 1ª Divisão na época 1997/98, efectuado por Araújo e Garganta (2002), foram apresentados valores muito semelhantes, apesar de se tratarem apenas situações de contra-ataque. Silva (1999), no seu trabalho monográfico analisando as SO em 4 jogos de Benfica e Juventus que na época 97/98 se apuraram para a Liga dos Campeões, encontrou valores de tempo médios das SO na ordem dos 15.32 segundos. Por sua vez, Garganta (1997) estudando 497 SO realizadas por 6 equipas de alto nível competitivo em jogos (final e uma meia-final) dos Campeonatos do Mundo 94 e da Europa 96 e Oliveira (1996) analisando os 4 primeiros classificados no Campeonato do Mundo 94 e 6 equipas classificadas abaixo do 5º lugar no Campeonato Nacional da 1ª Divisão da época 95/96, verificaram que as SO que terminavam em golo apresentavam um tempo inferior a 10 segundos. Já Mombaerts (1991), num estudo sobre os campeonatos da Europa 88 e do Mundo 90, encontrou tempos médios de realização do ataque inferiores a 15 segundos. Barros (2002) num estudo em que analisou as SO

finalizadas pelo Brasil no Campeonato do Mundo de 2002, verificou que o tempo de realização do ataque foi, em média, 12.2 segundos.

Os valores mais elevados foram encontrados por Castelo (1994) quando analisou 674 SO realizadas em finais de Campeonatos do Mundo e da Europa encontrando um tempo médio de realização do ataque de cerca de 22 segundos e por Garganta et al. (2002), que estudando 497 SO realizadas por 6 equipas de alto nível competitivo em jogos (final e uma meia-final) dos Campeonatos do Mundo 94 e da Europa 96, encontraram uma duração média de cada SO de cerca de 18 segundos.

5. Material e Métodos

Com base na revisão da literatura, definimos os objectivos e hipóteses orientadoras.

5.1. Objectivos

Propomo-nos a analisar as sequências ofensivas (SO) enquanto processo que conduz à finalização, procurando nelas um conjunto de acções que permitam aferir de algumas características da organização ofensiva da equipa.

Deste modo, o objectivo geral foi analisar as acções de ataque finalizadas com remate, enquadrado com a baliza ou não, a partir da recuperação ou aquisição da posse de bola até à sua finalização, a fim de evidenciar o grau de variações ou diversidade do processo ofensivo da equipa, procurando traços que caracterizem um padrão de jogo da Selecção Espanhola, presente no Campeonato da Europa Áustria/Suíça 2008, e actual campeã europeia.

Os nossos objectivos serão então:

- Identificar a zona do terreno onde mais vezes aconteceu a recuperação da posse de bola e onde se iniciam as SO;
- Identificar qual o método de ataque predominante;
- Descrever o número de jogadores envolvidos;
- Descrever o número, tipo e direcção dos passes;
- Descrever o número de situações de 1x1 ocorridos;
- Identificar a predominância de utilização dos diferentes corredores de ataque na condução das sequências ofensivas e descrever o número de variações de corredor por SO;
- Identificar as zonas do terreno de jogo de onde e para onde foi dirigido o último passe;
- Caracterizar as zonas de finalização;
- Identificar o estatuto posicional do jogador que finaliza;
- Descrever o número de golos alcançados a partir das fases dinâmicas e das fases estáticas (lances de bola parada).

5.2. Hipóteses

- O sector médio defensivo e o corredor central do terreno, são as zonas onde mais vezes acontecem as recuperações de bola;
- Os métodos de ataque predominantes são o Ataque Rápido e o Ataque Posicional, com valores idênticos;
- O número de jogadores envolvidos em cada SO é, na maioria das sequências ofensivas, igual ou superior a 5;
- Os passes são predominantemente curtos/médios, dirigidos para a frente e em número superior a 5;
- As situações de 1x1 acontecem em cerca de 50% das sequências ofensivas;
- O corredor central e a utilização de pelo menos dois corredores prevalece nas sequências ofensivas que resultam em finalização;
- Os corredores laterais são privilegiados na construção das acções ofensivas, bem como na realização do último passe;
- O último passe, é preferencialmente dirigido para a zona frontal à baliza;
- A zona frontal à baliza, é onde ocorre o maior número de finalizações;
- As finalizações são preferencialmente efectuadas pelos avançados;
- Cerca de 30% dos golos são obtidos a partir de situações de bola parada.
- O tempo de ataque é, em média, superior a 15 segundos.

5.3. Metodologia

O critério de selecção da equipa, Selecção Espanhola, baseou-se na qualidade de jogo que estava a apresentar na fase de qualificação para o Europeu 2008, qualidade essa que se repercutiu durante o Campeonato, levando-a ao título de campeã europeia.

5.3.1. Amostra e critérios de selecção da amostra

A amostra deste estudo foi constituída por 88 sequências ofensivas que resultaram em finalização, nos 6 jogos realizados pela Selecção Espanhola durante o Campeonato da Europa Áustria/Suíça em 2008.

Quadro 1: Caracterização da amostra

N.º Jogo	Equipas envolvidas	Resultado Final
1	Espanha x Rússia	4 x 1
2	Suécia x Espanha	1 x 2
3	Grécia x Espanha	1 x 2
4	Espanha x Itália	0 x 0 (4-2)
5	Rússia x Espanha	0 x 3
6	Alemanha x Espanha	0 x 1

5.4. Recolha e registo das imagens

A actividade de jogo é fértil em acções ou sequências imprevistas e aleatórias. Todavia, mesmo nestes contextos, o jogador recorre, na sua acção, a referências (modelos) baseadas em memórias ligadas a experiências activas que lhe permitam orientar-se e responder às situações de jogo com eficácia (Garganta, 1997).

No presente estudo, restringimos a análise à exterioridade dos comportamentos dos jogadores nas suas dimensões táctico-técnicas, embora não ignoremos a importância que representa a actividade perceptivo – cognitiva no processo de decisão/acção.

Recorremos à observação de imagens gravadas, em suporte digital (DVD), de jogos transmitidos por estações de televisão nacionais. Uma das desvantagens das gravações efectuadas a partir de transmissões televisivas é o facto de estas se centrarem nos jogadores perto da bola, e como tal, correremos o risco de perder informações importantes. Não nos esqueçamos de que na maior parte do tempo um jogador realiza movimentos sem bola. No entanto, e apesar disso, o jogador em posse de bola encontra-se no centro do jogo porquanto os momentos críticos são gerados em função da sua posição (Garganta, 1997).

Existem também vantagens na utilização de imagens gravadas. O recurso a meios técnicos audiovisuais, como o DVD ou vídeo, porque permite a visualização repetida e pormenorizada das acções e sequências de jogo, tantas vezes quanto necessário, pode contribuir para diminuir a possibilidade de ocorrência de erros de observação, ainda que não descartemos a possibilidade de, pela mesma medida, conter em si o potencial para o adensar de eventuais erros resultantes das limitações de uma observação em vídeo.

5.4.1. Os procedimentos da observação

A observação dos jogos e respectiva recolha de dados será efectuada recorrendo à sua observação em diferido, através de imagens gravadas em suporte DVD a partir de transmissões televisivas. A notação será manual em grelhas elaboradas para o efeito.

Cada sequência ofensiva positiva (SOP) será observada tantas vezes quantas as consideradas necessárias para uma correcta compreensão da realidade observada e aplicação dos critérios de observação e sempre que se justificou, no sentido de tornar mais eficaz e exacto o processo de observação, as imagens das sequências consideradas foram passadas em slow motion, procurando a acuidade necessária na análise das mesmas.

As SOP consideradas no âmbito do nosso estudo são aquelas que consideramos existir finalização e que podem ter três resultados: êxito total, quando a SO termina com golo; êxito parcial, quando termina com remate enquadrado com a baliza, sem obtenção de golo; sem êxito, quando o ataque é finalizado com remate não enquadrado (Garganta, 1997). O seu início é observado quando um dos jogadores da equipa considerada conquista a posse de bola conforme determinado na explicitação das variáveis.

Como refere Garganta (1997) “é de todo importante salientar que na observação do processo ofensivo, deveremos considerar e analisar não só as situações que conduzem à obtenção de golo, mas também, todas as que permitam compreender o nível de produção de jogo ofensivo dos jogadores e das suas equipas, compreendendo assim de uma forma mais pormenorizada o

fenómeno em causa, encontrando soluções para ultrapassar as dificuldades impostas pela “facilitada superioridade” defensiva sobre o ataque.”

Deste modo, serão analisadas as acções ofensivas que resultem em finalização, uma vez que, independentemente de conseguirem ou não o golo, são acções que conseguiram a ruptura ou o desequilíbrio no balanço defesa/ataque que permite uma aproximação efectiva ao objectivo fundamental do ataque, o golo.

A finalização através do remate refere-se à acção técnico-táctica executada pelo jogador com bola, com o objectivo de a introduzir na baliza adversária (Castelo, 1994).

As interrupções, como livres directos e indirectos, lançamentos de linha lateral, cantos e outros, que sucedam durante o decurso das SOP analisadas serão assinaladas. Sempre que uma SO for “quebrada” ou interrompida por acção do adversário, corte, falta, ou qualquer outra acção, desde que a bola se mantenha na posse da mesma equipa, as acções subsequentes serão registadas como fazendo parte da mesma sequência. Este processo só é interrompido se a equipa perde a posse de bola.

5.5. Variáveis a Observar

- Zona de recuperação da posse de bola (ZRPB)
- Método de jogo ofensivo evidenciado (MJO)
- Número de jogadores envolvidos no ataque (NJA)
- Número de passes (NP)
- Tipo de passes (TP): Passe curto/ médio (PCM); Passe longo (PL)
- Direcção dos passes (DP): Frente (F); Trás (T); Lateral (L)
- Número de situações 1x1 (1x1)
- Corredores utilizados (CU); Número de variações de corredor (NVC)
- Zona utilizada para o último passe (ZUP)
- Zona para onde é dirigido o último passe (ZDUP)
- Zona de finalização (ZF)
- Estatuto Posicional do jogador que finaliza o ataque (JFA)

- Formas de Finalização (situação de jogo contínuo: JC / lances de bola parada: LBP)
- Tempo de realização do ataque (TRA)

5.6. Fiabilidade da observação

Como já vimos, a observação é susceptível de maior ou menor subjectividade do observador, de se curvar perante os propósitos da sua observação. Aquilo que observamos não é a natureza, mas antes a natureza determinada pela índole das nossas perguntas (Garganta, 2001).

É esta consciência das limitações do processo de observação que nos leva a questionar a fiabilidade dos dados obtidos através deste processo. Para estabelecer a fiabilidade da observação procuramos assegurar que, em diferentes momentos, o mesmo observador identifique e assinale, da mesma forma, um ou vários comportamentos (fiabilidade intra- observador), procurando aferir a uniformização de critérios para reduzir a possibilidade de discrepâncias e realizar observações fiáveis.

A fiabilidade intra-observador é, para o nosso estudo e observação que o sustenta, fundamental, na medida em que o seu objectivo primário será a verificação não só de um padrão de regularidades mas também de variações de jogo de uma equipa, e não tanto entre estas e resultados de outros estudos. Desta forma, para estabelecer e verificar a fiabilidade da observação para cada uma das variáveis em estudo, comparamos os valores obtidos em duas observações de 20 SOP do mesmo observador, realizadas com um intervalo de uma semana. Este teste visou assegurarmos que face à mesma situação, ainda que em momentos diferentes o observador interpreta e regista de modo idêntico.

A fiabilidade intra-observador foi apurada com base na relação percentual entre o número de acordos e desacordos registados, segundo a fórmula proposta por Bellack et al. (1966):

Quadro 2: Fórmula utilizada para apurar a fiabilidade intra-observador (Bellack et al, 1966)

$$\% \text{ acordos} = \frac{\text{n}^{\circ} \text{ de acordos}}{\text{n}^{\circ} \text{ acordos} + \text{n}^{\circ} \text{ desacordos}} \times 100$$

Nota: As observações podem ser consideradas fiáveis se o percentual de acordos não for inferior a 80% (Bellack et al. 1966)

Quadro 3: Percentagem de acordos intra-observador registados para as variáveis em estudo

Selección Espanhola	
Variáveis Observadas	% Acordos Intra-Observador
ZRPB	93%
MJO	100%
NJE	87%
NP	93%
TP	93%
DP	93%
1X1	100%
CU	87%
NVC	87%
ZUP	100%
ZDUP	100%
ZF	100%
JFA	100%
JC/LCB	100%
TRA	80%

Segundo Bellack e colaboradores (1966) citados por Garganta (1997) as observações podem ser consideradas fiáveis se o percentual de acordos não for inferior a 80 %. No quadro 3 podemos constatar que os resultados mostram que todos os valores se situam acima dos 80%.

5.7. Procedimentos estatísticos

Para caracterizar os valores das distribuições referentes às diferentes variáveis foram utilizados: a percentagem e a média. Todas as situações de tratamento estatístico foram efectuadas no programa Microsoft Excel 2000.

5.8. Material utilizado

Foram utilizados os seguintes instrumentos de apoio para a consecução do presente estudo:

- Computador Acer;
- Impressora Epson Stylus DX 4000;
- Gravador Sony;
- Televisor Mitsai;
- Leitor DVD
- Cronómetro
- Fichas de observação e registo;
- Campograma

5.9. Limitações do estudo

Existiram algumas situações que limitaram e condicionaram este estudo, entre as quais destacámos:

- A dificuldade de efectuar uma caracterização mais específica e pormenorizada do pretendido;
- Algumas dificuldades técnicas de observação nomeadamente devido às repetições de algumas situações de jogo que condicionaram a observação de parte de alguns processos.

6. Apresentação discussão dos resultados

Os resultados apresentados no quadro referem-se à distribuição das SOP da selecção espanhola em seis jogos.

Quadro 4: Frequências das SOP por jogo e valores médios dos seis jogos.

Selección Española	SOP
Espanha vs Rússia	15
Suécia vs Espanha	10
Grécia vs Espanha	19
Espanha vs Itália (Quartos de final)	16
Rússia vs Espanha (Meia final)	16
Alemanha vs Espanha (Final)	12
Total SOP analisadas	88
Média de SOP por jogo	14,7
Amplitude de variação	10-19
Desvio padrão	3,2

Como se pode verificar no quadro 4, o número de SOP observadas no total dos 6 jogos (3 referentes à fase de grupos e os restantes 3 aos quartos de final, meia-final e final do Campeonato da Europa 2008) foi de 88, com uma amplitude de variação entre 10 e 19.

A Espanha conseguiu um número médio de SOP de 14,6, ou seja, acções ofensivas que terminaram com remate, enquadrado ou não com a baliza.

6.1. Início do processo ofensivo

A análise ao início do processo ofensivo no nosso estudo teve em consideração a Zona Recuperação Posse de Bola.

6.1.1. Zona Recuperação Posse de Bola (ZRPB)

Alguns estudos (Olsen, 1998; Hughes, 1990), referem a importância da zona onde a bola é recuperada, podendo em determinadas situações influenciar a eficácia de uma equipa. A este propósito e segundo Castelo (1996), a relação entre o sector de recuperação de bola e a eficácia do processo ofensivo aumenta quanto mais próximo da baliza adversária as recuperações acontecerem.

Nesta lógica de pensamento, Bonizonni (1998 in Costa; 2001) refere que “uma das características principais da evolução do futebol é que os jogadores se empenhem de tal forma que exerçam uma pressão constante para a frente, já que a equipa não deverá recuar, mas sim recuperar a posse de bola longe da sua área”.

Se mantivermos em conta que o modo como uma equipa defende, influencia a maneira como se ataca (Silva, 1998), então um dos aspectos mais importantes no processo ofensivo é a zona de recuperação da posse de bola (ZRPB)

As 88 SO que se iniciaram por Recuperação da Bola e que culminaram com finalização, originaram os seguintes dados referentes à zona, corredor e sector de recuperação da posse de bola (figura 2).

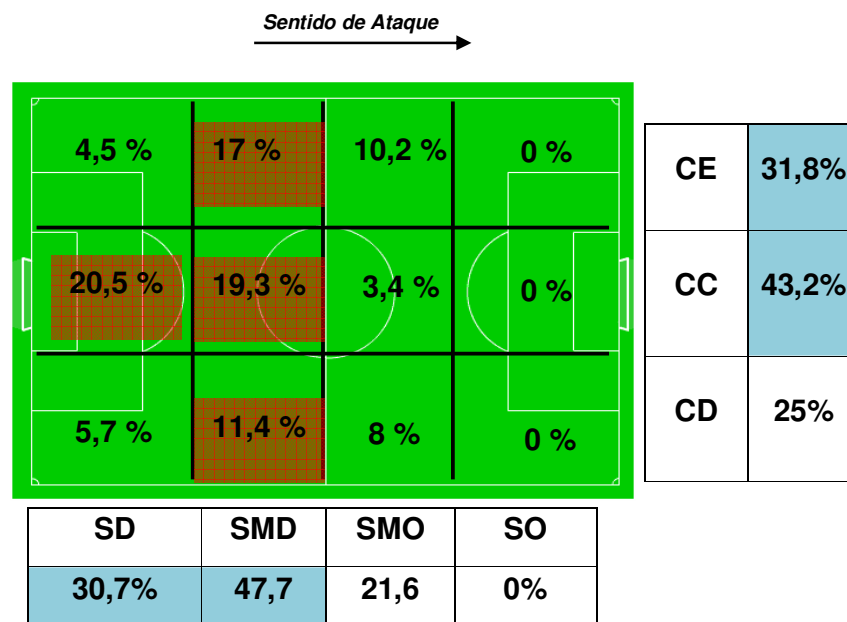


Figura 2 – Distribuição percentual relativa à ZRPB da equipa nos sectores transversais (SD – sector defensivo, SMD – sector médio defensivo, SMO – sector médio ofensivo, SO – sector ofensivo), e nos corredores longitudinais (D – direito, C – central, E – esquerdo).

Como se pode verificar na figura 2, a equipa recupera uma maior percentagem de bolas na zona DC (20,5%) e MDC (19,3%), sendo o corredor central, nos sectores defensivo (20,5%) e médio defensivo (19,3%), o privilegiado para a recuperação da bola totalizando 43,2%. Pelo contrário, as zonas onde se registaram menos recuperações de bola foram as zonas avançadas direita, central e esquerda, nas quais não se verificaram recuperações da bola.

Isto parece ser consequência do facto de ser necessário assegurar a concentração na zona defensiva própria, nos espaços mais perigosos para a baliza, ou seja, nas zonas de maior predominância de finalizações (Castelo, 1996).

No que diz respeito ao número de recuperações por sector, verifica-se que a Espanha privilegiou as suas recuperações de bola no sector médio defensivo (47,7%). A existência de diferenças acentuadas entre os vários sectores é uma realidade observada e visível na figura 2, em que o sector defensivo e o sector

médio defensivo, apresentam cerca de 78,4% das recuperações da posse de bola (30,7% e 47,7% respectivamente), distinguindo-se objectivamente dos restantes sectores ofensivos, como sendo a zona onde a recuperação da posse de bola é mais frequente.

A hipótese por nós colocada, de que o sector médio defensivo e o corredor central do terreno, seriam as zonas onde mais vezes aconteceriam as recuperações da bola, foi confirmada pelos dados recolhidos.

Isto é facilmente compreensível, uma vez que é neste sector onde se desencadeiam as primeiras acções, no sentido de retardar ou mesmo travar o processo ofensivo adversário, de maneira a ganhar o máximo de tempo para a própria organização defensiva (Castelo, 1996).

Por outro lado, a explicação para a ocorrência deste facto poderá estar nos maiores riscos assumidos nestas zonas pela equipa adversária (seu meio campo ofensivo), onde existirá uma maior densidade de jogadores defensivos, logo menor espaço, levando por consequência a maiores situações de recuperação de bola, através de situações de desarme, intercepção ou erro do adversário. Por outro lado, devido a ocorrência de uma maior pressão defensiva da equipa observada em zonas mais recuadas do terreno de jogo, nomeadamente o seu meio campo defensivo.

Um estudo realizado por Castelo (1994), corrobora os nossos resultados no que respeita a esta variável. Nesse estudo, foram observadas 674 sequências ofensivas, concluindo-se que 91% das bolas são conquistadas no meio campo defensivo. No entanto, o mesmo estudo refere que 71% das bolas são conquistadas no sector defensivo e 52% no corredor central. Se no corredor central (42,3%), ambos os estudos enfatizam esse corredor como o principal para a recuperação da posse de bola, o mesmo não se verifica relativamente ao sector onde ocorrem mais recuperações de bola, para o qual, o nosso estudo apresenta valores diferentes, pois a Espanha, além de também recuperar muitas vezes a posse de bola no sector defensivo, apresenta uma maior percentagem de recuperação no sector médio defensivo (47,7%).

Os dados confirmam o futebol como um jogo de transição, na medida em que o maior volume do jogo se desenvolve no sector intermediário do terreno (Garganta, 1997).

Apesar de diversos autores como Wrzos (1984), Rodrigues (1997) e Gréhaigne et al., (2002) considerarem, em datas diferentes, que a eficácia ofensiva das equipas aumenta se a recuperação da bola for feita no meio campo ofensivo, os resultados no nosso estudo confirmam os de Mombaerts (1991), Garganta (1997), Claudino (1993) e Cabezón & Fernandez (1996), ao evidenciarem uma tendência para a maior percentagem de recuperação da posse de bola, ocorrer no meio campo defensivo (figura 3), no entanto são diferentes no facto da equipa recuperar um maior número de bolas na zona defensiva central, e não na zona média defensiva central como verificaram os diversos autores desses estudos.

Claudino (1993) verificou uma tendência semelhante no seu estudo onde registou que 86% das bolas foram também recuperadas no meio campo defensivo, das quais 32% na zona central.

Outro estudo que apresenta valores idênticos ao nosso, efectuado por Garganta (1997), na observação de 497 sequências ofensivas, verificou-se que a equipa recupera a posse de bola a maioria das vezes no seu meio campo defensivo, sendo que para as sequências ofensivas concluídas com remate este valor situa-se nos 78%.

Os valores por nós obtidos, onde a recuperação da bola é efectuada em grande percentagem no meio campo defensivo, não serão contudo os mais propícios para a procura da eficácia ofensiva da equipa. Tal facto é salientado por Araújo (1998) no seu estudo onde recolheu um conjunto de 150 sequências de contra-ataque, em que verificou que 93% dos processos ofensivos onde se recuperava a posse de bola no meio campo ofensivo terminam em golo. A importância da recuperação da posse de bola no terço ofensivo, com vista ao aumento da eficácia ofensiva, é também salientada por Miller (1994 in Maia, 1999:32) quando refere que, “uma bola conquistada no terço ofensivo, oferece sete vezes mais possibilidades de resultar em remate, do que uma bola conquistada no terço defensivo”.

No nosso ponto de vista, as grandes diferenças encontradas pelos diversos autores, devem-se aos diferentes estilos e métodos de jogo utilizados pelas equipas (de diferentes níveis competitivos).

6.2. Desenvolvimento do processo ofensivo

O desenvolvimento do P.O., refere-se à construção e criação de situações que levem a finalização, nas variáveis seleccionadas, nomeadamente ao método de jogo ofensivo preconizado; ao número de jogadores envolvidos no ataque; número, direcção e tipo de passes; situações de 1x1; corredores utilizados e respectivas variações; zona de onde e para onde foi utilizado o último passe.

6.2.1. Método de Jogo Ofensivo (MJO)

Castelo (1996) salienta que a conceptualização do método de jogo ofensivo deve conter em si um conjunto de acções inesperadas do ponto de vista da equipa adversária, de forma a surpreendê-la e, por inerência obrigar os seus jogadores a realizar continuamente ajustamentos na sua organização, sendo que, desta forma a eficácia do processo ofensivo poderá ser aumentada.

Williams (2003) refere que as equipas de alto nível têm a habilidade de variar o seu estilo de jogo, e de marcar uma maior proporção de golos após curtas ou longas posses de bola.

No conjunto das sequências ofensivas positivas (SOP; Figura 3) podemos verificar resultados diferenciados no Método de Jogo Ofensivo (MJO) preferencialmente adoptado.

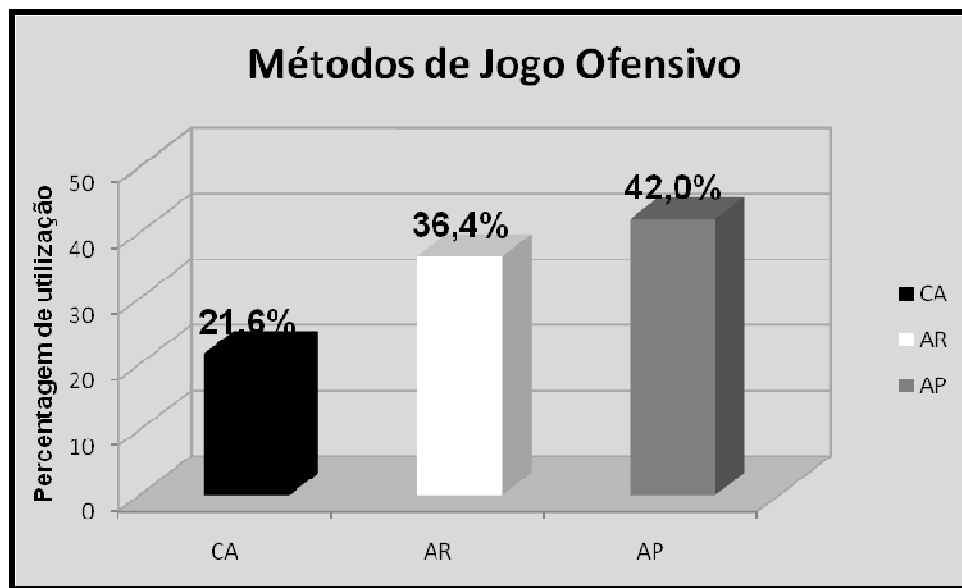


Figura 3 – Distribuição percentual relativa aos Métodos de Jogo Ofensivo (CA- Contra-Ataque; AR- Ataque Rápido; AP- Ataque Posicional) adoptados pela equipa observada.

Assim, como podemos verificar, o Ataque Posicional (AP) é o MJO mais utilizado pela equipa, com 42% da totalidade das SOP, seguido do AR (36,4%) e finalmente o CA (21,6%). Estes dados não são corroborados pelos resultados obtidos por Wrzos (1984), Gréhaigne (1992), Dufour (1993) e Castelo (1996), os quais referiam o AR como MJO mais utilizado.

Castelo (1994), num estudo realizado a partir da observação de 674 acções ofensivas realizadas em finais do campeonato do Mundo e da Europa no período entre 1982 e 1990, encontrou maiores percentagens de AR (49%), seguido de AP (45%) e de CA (6%).

Wrzos (1981), partindo da análise do jogo ofensivo das melhores equipas presentes no campeonato do mundo Argentina'78, registou em média durante um jogo 24 acções ofensivas por equipa realizadas em AP, e 88,6 realizadas em ataque rápido. O jogo ofensivo das equipas analisadas neste campeonato do mundo, foi principalmente realizado em ataques rápidos.

Num estudo efectuado por Claudino (1993), constatou-se que o AR com 41,2% foi o método de jogo mais utilizado, seguido do AP com uma percentagem de utilização de 27,1% e imediatamente atrás o CA passando a AR com 15,7%.

Garganta (1997) na observação de sequências ofensivas com remate e sem remate verificou que em ambos os casos o AP foi o método de jogo mais utilizado.

As diferenças encontradas nos diversos estudos realizados, podem por um lado serem explicadas pela adopção de diferentes modelos de jogo, e por outro lado como refere Garganta (1997), pelo facto de os autores não terem definido da mesma forma os métodos de jogo ofensivo, bem como as suas combinações ou simples tentativas.

Como vimos anteriormente, a selecção Espanhola apresenta como MJO preferencial o AP, mas como segundo MJO utilizado, o AR. Estes dois MJO são claramente distintos, uma vez que um pressupõe uma maior segurança no início do processo ofensivo, e o outro pressupõe um maior risco ofensivo, baseado numa atitude ofensiva mais agressiva. Isto leva-nos a pressupor que a equipa em cada recuperação de bola decide se tem condições ou não para atacar imediatamente ou, se opta por manter a posse de bola com segurança.

Seria expectável que o CA fosse um MJO mais utilizado, atendendo à zona de recuperação da posse de bola que a Espanha privilegia (DC/MDC), pois tal como Castelo (1996) refere, este método de jogo ofensivo implica a adopção de métodos defensivos onde se verifica uma grande concentração de jogadores perto da sua própria baliza; posicionamento alto por parte do adversário e consequente espaço favorável para o desenvolvimento eficaz do ataque, no entanto parece-nos, que há uma primazia sobre a segurança do jogo, sendo que a possibilidade de perder a posse de bola é menor, comparativamente com os restantes métodos de jogo ofensivo.

No nosso estudo, a equipa evidencia comportamentos táctico-técnicos em que predominam fases de construção mais demoradas e elaboradas, no sentido de transferir o *centro do jogo* para espaços próximos da baliza adversária, assentes na posse e circulação da bola desde da zona de recuperação da posse da bola até às zonas de finalização, tentando desta forma, criar condições de instabilidade no processo defensivo adversário.

Não nos esqueçamos que um jogo de futebol decorre num contexto de elevada variabilidade e imprevisibilidade no qual duas equipas se confrontam

realizando a cada momento acções reversíveis de sinal contrário, alicerçadas em relações de oposição – cooperação (Garganta, 1997).

Um estudo realizado por Polland et al. (1988; cit. por Garganta, 1997) concluiu que as equipas que realizaram ataques com multi-passes e poucos passes longos marcaram mais golos do que as que recorreram a sequências curtas de passes longos.

Ainda outro estudo efectuado por Garganta et al. (1995) em 5 equipas europeias de «top» indica que a eficácia parece depender da capacidade de mudar o ritmo de jogo (lento e rápido) e de variar o ataque (rápido ou posicional).

Deste modo, a utilização preferencial de um MJO em AP, assim como a capacidade de alternância entre MJO, parece contribuir para uma maior taxa de SOP.

6.2.2. Número de jogadores envolvidos no ataque (NJE)

Efectuando uma análise ao número de jogadores que participam no ataque (NJE) verificámos que em todas as situações analisadas no nosso estudo os valores médios andaram sempre rondando os 6 jogadores, havendo SOP onde o número de jogadores que intervieram foi de 11, como se pode verificar no quadro 5. Observamos também a existência de uma amplitude de variação elevada, entre 1 e 11.

Quadro 5: dados referentes ao NJE

Número de Jogadores Envolvidos no Ataque	Espanha
Média por SOP	5,88/SOP
Amplitude de variação	1-11
Desvio Padrão	0,44

Procurando analisar este indicador como revelador do grau de participação dos jogadores nas acções ofensivas da sua equipa, podemos concluir que os jogadores da equipa pretendem participar activamente nessas acções, fornecendo uma enorme acutilância no seu ataque, assim como uma grande mobilidade na organização dos seus ataques.

Nesta lógica de pensamento, o valor médio por SOP (5,88), poderá estar relacionados com a forma como a Selecção Espanhola perspectiva a sua organização ofensiva, pois como vimos anteriormente o MJO mais utilizado nas SOP analisadas foi o Ataque Posicional, no qual intervêm normalmente 6 ou mais jogadores sobre a bola.

Num estudo executado por Barros (2002) o NJE da selecção do Brasil apontou valores de 3,5 jogadores por cada SOP. Estes valores médios são inferiores aos encontrados no nosso estudo.

Monteiro (2001), analisando jogos de Portugal e França no Europeu de 200, indica 3/4 jogadores como número médio. Num outro estudo realizado com o anterior campeão do Mundo, a França, os valores são mais altos, com uma média de 4,85 jogadores, o que pode ser explicado por abranger todas as sequências ofensivas dessa equipa. Muito perto deste valor, e com uma amostra das 4 selecções melhor classificadas no Campeonato do Mundo de 1994, foi o registado por Oliveira (1996), ou seja, 4,7.

Segundo Garganta e al. (2002), num estudo em que se analisaram jogos de Campeonatos da Europa e do Mundo, verificou-se que 5 era o número médio de jogadores directamente envolvidos nas sequências ofensivas. Contudo, num outro estudo realizado por Garganta (1997) observaram-se valores superiores, em que nas sequências ofensivas concluídas com remate o NJE foi de 5,4.

Quarteu (1996) e Silva, L. (1999) verificaram nos estudos que realizaram, uma média de 4 a 6 jogadores que participavam nas sequências finalizadas, estudo este que se aproxima mais do nosso valor.

De acordo com os dados recolhidos, a hipótese previamente por nós formulada, de que o número de jogadores envolvidos em cada SO seria na maioria das sequências ofensivas, igual ou superior a 5, é confirmada.

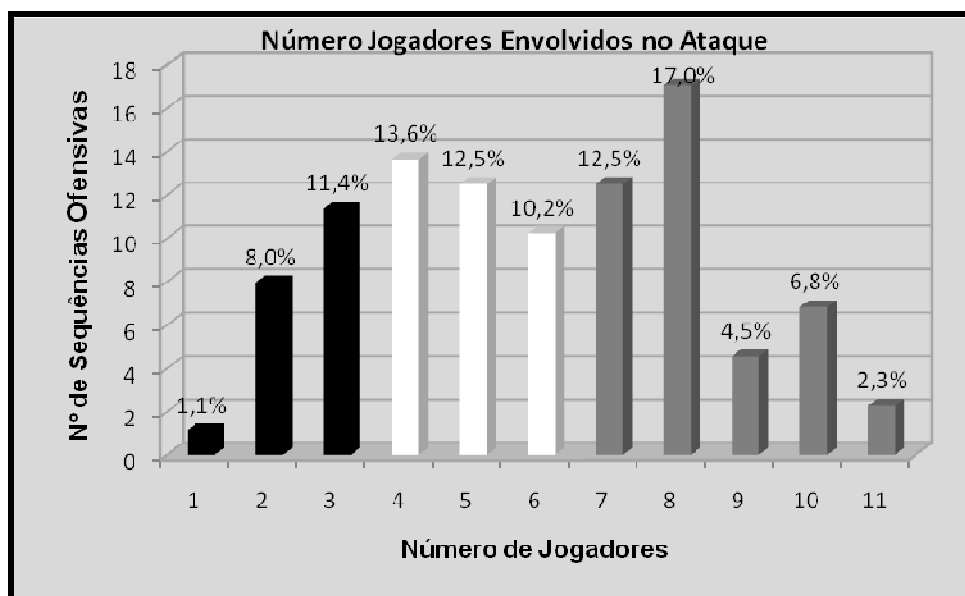


Figura 4: Distribuição percentual do número de jogadores que participam na SOP.

Na figura 4, podemos observar que 17% das sequências ofensivas são realizadas por 8 jogadores, sendo este o número de jogadores utilizados mais vezes pela equipa em causa, e que a maioria das SOP (65,8%) têm a participação de 4 a 8 jogadores.

Claudino (1993) constatou que 25% das sequências ofensivas são realizadas com a participação de 2 jogadores, o que é um valor muito diferente ao encontrado no nosso estudo (8%), e que cerca de 80% são realizadas com a participação de 1 a 4 jogadores, sendo também este valor diferente do encontrado por nós neste estudo (65,8%). Segundo o mesmo autor estes valores poderão estar relacionados com o facto de a equipa utilizar com frequência o ataque rápido, tal não se sucedendo com a equipa do nosso estudo, que privilegia mais o ataque posicional.

Noutro estudo, efectuado por Garganta (1997) verificou-se que 18% das sequências ofensivas eram realizadas com 6 jogadores e 83% realizadas com a participação de 4 a 8 jogadores. Este estudo evidencia a participação nas sequências ofensivas de um maior número de jogadores do que no nosso estudo. No entanto estas diferenças conforme salienta Garganta (1997), podem ser

atribuídas à observação de diferentes equipas, o que aumenta a probabilidade de utilizarem métodos e estilos de jogo diferentes.

No nosso estudo, pensamos que a equipa observada optou em média por alternar sequências ofensivas mais elaboradas, tendo a participação de 8 jogadores, com sequências mais simples e objectivas, tendo a participação de 4 jogadores. Julgamos que tal será motivado pela predominância do Ataque Posicional e Ataque Rápido, como métodos de jogo ofensivos utilizados nas SOP analisadas, pois se relacionarmos o NJE com os MJO, verificamos que 43,2% das SOP, têm a participação de 7 a 11 jogadores – Ataque Posicional; seguindo-se 36,3% das SOP, com a participação de 4 a 6 jogadores – Ataque Rápido; e com menor representatividade 20,5% das SOP, com a participação de 1 a 3 jogadores – Contra-Ataque.

6.2.3. Passe

O passe constitui uma acção táctico-técnica fundamental para a colaboração básica entre os jogadores, traduzindo a coesão ofensiva de uma equipa (Castelo, 1996; Wrzos, 1984). Queiroz (2003) também é da mesma opinião, salientando que é indispensável, para uma equipa, a circulação da bola, bons passes, controlo do tempo e qualidade técnica dos jogadores.

De acordo com Wrzos (1990, cit. Silva, 1998:70) a escolha do tipo e da forma do passe, “depende de diferentes passes e é imposta em função das atitudes tácticas individuais e colectivas”.

6.2.3.1. Número de passes (Nº P)

Atendendo a esta variável, número de passes (Nº P) [quadro 6], verificamos que existe uma enorme variação entre a quantidade de passes efectuados pela equipa, em cada jogo. A amplitude de variação é de 77 e 148. Este item está intimamente relacionado com o MJO e com o número de jogadores envolvidos no ataque (NJE).

Quadro 6: dados referentes ao NP

	Total Nº P em cada jogo
Espanha vs Rússia	124
Suécia vs Espanha	77
Grécia vs Espanha	109
Espanha vs Itália (Quartos de final)	148
Rússia vs Espanha (Meia final)	132
Alemanha vs Espanha (Final)	131
Total Nº P efectuados	721
Média do Nº P por jogo	120
Amplitude de variação relativa ao Jogos	77-148
Média do Nº P por SOP	8,36/SOP
Amplitude de variação relativa às SOP	0-37
Desvio Padrão	1,72

Verificamos que o número médio de passes por jogo é de 120, e em média 8,36 por SOP. Convém sublinhar que este valor se refere apenas ao número de passes efectuados nas SOP analisadas.

Estes valores indicam-nos que a Espanha é uma equipa que pretende circular a bola, usando um futebol apoiado, não só pela quantidade do número de passes, mas como vimos anteriormente, também pelo método de jogo ofensivo que privilegia (AP) e o número médio de jogadores que participam na SOP (5,88).

Na figura 5 estão ilustrados os resultados referentes ao número de passes por SOP. Os intervalos para catalogar o número de passes, foram elaborados tendo por base, as características dos MJO expressos na revisão da literatura. Deste modo, pensamos que a análise desta variável pode ser mais específica e direccionada para a nossa amostra, no que concerne a relação entre variáveis.

Na figura 5, podemos verificar que 39,8% das SOP contêm mais de 7 passes, sendo que 34,1% das SOP não se desenvolveram com mais de 4

passes. No intervalo entre 5 e 7 passes desenvolveram-se 26,1% das SOP analisadas.

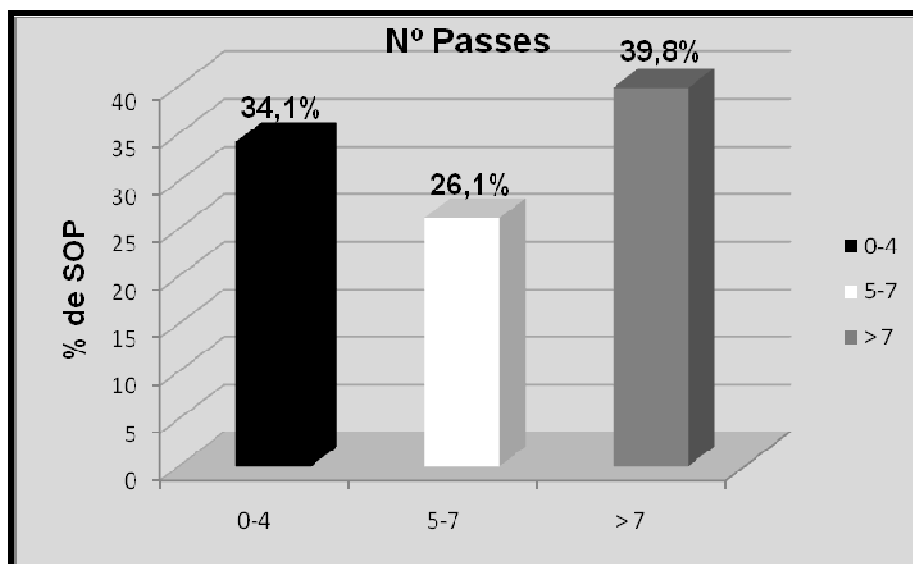


Figura 5: Distribuição percentual do número de passes

Muitos estudos têm revelado valores muito próximos em equipas de alto rendimento Wrzos (1984), Talaga (1985) e Gréhaine (1992), concluíram que nestas equipas, cerca de 42% das acções que conduzem à finalização, são antecidas de 3/4 passes. Mombaerts (1991), analisando jogos do Campeonato do Mundo, conclui que as sequências de 2/3 passes eram as mais eficazes. Basto & Garganta (1996) e Garganta et al. (1997), apresentaram intervalos de 0 e 3 passes como os mais favoráveis à obtenção de golo. Garganta & Gonçalves (1996), Reina et al. (1997) e Araújo & Garganta (2002), referem como valores de referência, 4 ou menos passes.

Barros (2002), na análise das sequências ofensivas finalizadas pelo Brasil no Campeonato do Mundo de 2002, verificou que em média, em cada sequência efectuaram-se 3 passes.

Valores mais elevados foram registados por Quarteau (1996), Cunha (1999) e Garganta et al, que indicam 5 passes. Garganta (1997), registou uma média de quase 6 passes por sequência ofensiva e Partridge et al. (1993), num estudo efectuado com equipas profissionais concluíram que as jogadas com êxito

continham 4 a 10 passes ou mesmo mais, valores mais próximos do nosso estudo (> 7 passes).

Como tal, foi por nós colocada a hipótese de que os passes por SOP seriam igual ou superior a 5, hipótese corroborada pelos dados recolhidos. No entanto, verificou-se uma diversidade muito grande no tocante ao número de passes realizados por SOP, havendo 22 números diferentes de passes realizados. Existiu ainda variabilidade no tocante ao NP realizados nas SOP, com sequências a serem finalizadas sem envolverem qualquer passe e outras a desenvolverem-se e a serem concluídas após 37 passes.

Esta variável indica-nos que a maioria das SOP contempla mais de 7 passes, e tendo em conta que neste intervalo foram contidas SOP com 10, 15, 22 e 37 passes, entre outros, podemos depreender que a Selecção Espanhola se caracteriza por um estilo de jogo mais indirecto, ou seja, assente na posse e circulação de bola, a partir da adopção do Ataque Posicional como MJO preferencial e sempre com uma envolvimento de cerca de 6 jogadores por SOP.

Parece-nos então, e tendo por base os estudos consultados, que a Espanha não evidencia a tendência do futebol actual, o uso de um número reduzido de passes, pouca envolvimento dos jogadores na condução do processo ofensivo e privilegiando-se mais o CA ou AR.

6.2.3.2. Características do Passe (TP/DP)

Relativamente às características do passe (figura 6), foram analisadas segundo duas vertentes: o seu tipo (TP) e a sua direcção (DP).

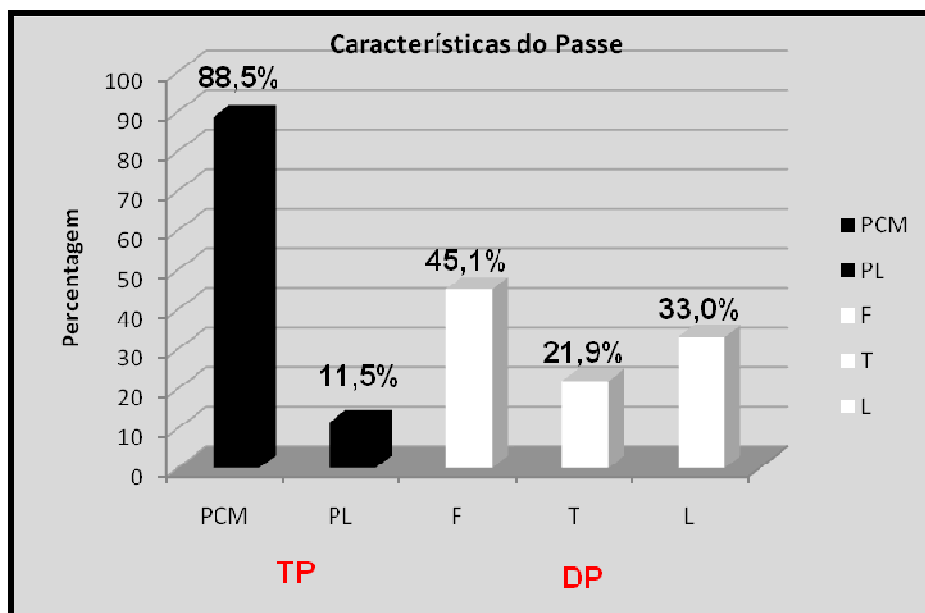


Figura 6: dados referentes às Características do Passe.

Na primeira vertente analisada (TP), verificamos que de um total de 721 passes realizados no desenvolvimento das 88 SOP analisadas, 88,5% desses passes foram do tipo Curto/Médio e apenas 11,5% dos passes foram longos.

Também constatamos que o nosso estudo vai de encontro ao efectuado por Garganta (1997) em que as acções de passe curto/ médio também são as mais frequentes. Noutro estudo realizado por Silva (1998) verificou-se também que o passe curto/ médio é o mais utilizado para no processo ofensivo.

Tal como se verificou na maioria dos estudos analisados na revisão bibliográfica (Mombaerts, 1991; Castelo, 1994; Pedrosa, 1994; Bezerra, 1996; Barros, 2002; Soares, 2006), também este estudo apresentou uma percentagem muito superior de passes de tipo curto/médio (94%), relativamente aos passes longos (6%).

A tendência do PCM ser o meio mais utilizado para a condução do processo ofensivo, poderá ser resultado de uma ocupação mais racional do

espaço de jogo e da inclusão dos jogadores mais recuados no processo ofensivo, funcionando como apoios recuados (Castelo, 1994).

O Passe Longo é um passe de risco por três razões:

- primeira, a precisão do passador tem que ser superior comparativamente ao passe curto (quanto maior é a distância mais difícil é ser preciso);
- segunda, a recepção do jogador “alvo” é mais difícil em passes longos, quer pela velocidade da bola quer pelas trajectórias que são utilizadas em passes longos;
- terceira, o tempo que a bola demora a chegar ao alvo é superior comparativamente a passes curtos, logo, os adversários poderão condicionar mais a eficácia do passe.

Na segunda vertente analisada (DP) destacam-se os passes para a frente (PF – 45,1%), de seguida os passes laterais (PL – 33%) e finalmente os passes para trás (PT – 21,9%).

Maia (1999) num estudo em equipas do escalão superior do Campeonato Nacional Português obteve resultados de certa forma divergentes ao do nosso estudo na direcção dos passes, onde o passe para a frente foi o mais utilizado, com 66%, seguido do passe para trás (22%) e do passe para o lado (10%). No nosso estudo os passes para a frente (PF) também foram os mais utilizados, mas os passes para o lado (PL) foram em maior frequência do que os passes para trás (PT). Isto vem comprovar a opinião de Castelo (1996), que refere que a equipa no processo ofensivo deve aproveitar toda a largura e profundidade do campo, oferecendo sempre linhas de passe nestas duas dimensões, ao portador da bola.

Estes resultados vão de encontro aos encontrados por Wrzos (1984), Reina et al. (1997), Araújo & Garganta (2002), Barros (2002) e Soares (2006), que foram unânimes ao considerarem que os passes são realizados predominantemente para a frente.

Como se referiu anteriormente, a zona de recuperação da posse de bola, preferencialmente, é a zona média defensiva. Vimos também que, em média, eram realizados mais de 7 passes por SOP, participando cerca de 6 jogadores no desenvolvimento do processo ofensivo. Logo, será de aceitar que terão existido muitos passes para a frente no sentido de se atingir a baliza adversária.

A maioria das SOP analisadas contêm passes para a frente, indiciando objectividade nas acções ofensivas, no entanto, pensamos que um passe para o lado ou para trás não significa perda de objectividade.

Tal como diz Valdano (1997) “...clarifiquem bem o jogo e quando os caminhos para a baliza se encontrem congestionados, passem atrás e procurem o outro lado, e em vez de chocarem, peçam autorização para chegar até ao final”.

Por este motivo, e apesar de terem sido encontrados os valores mais altos para a percentagem de passes para a frente, encontraram-se também percentagens consideráveis de passes para trás e para o lado, ou seja, expressa a variabilidade de sentido dos passes no decorrer das acções ofensivas, o que de certa forma parece indicar uma circulação de bola variada, na procura de espaços vazios quer em largura, quer em profundidade, oferecendo maior amplitude ao ataque, tentando dar continuidade às acções ofensivas no sentido de criar desequilíbrios na organização defensiva do adversário.

De acordo com os dados recolhidos, a hipótese por nós formulada de que os passes seriam predominantemente curtos/médios, dirigidos para a frente e em número superior a 5, é confirmada.

6.2.4. Situações 1x1

A situação de 1x1 [quadro 7] vem reforçar a variabilidade do jogo ofensivo da equipa.

Quadro 7: dados referentes às situações de 1x1

Situações de 1x1	Espanha
Média por SOP	0,53/SOP
Amplitude de variação	0 – 2
Desvio Padrão	0,16
Percentagem de SOP com situações de 1x1	46,5%

Partindo para os resultados da nossa observação, o que encontramos foi um número baixo de situações de 1x1 na equipa, com um número médio de 0,53 por SOP. Encontramos valores idênticos em Barros (2002), onde verificamos valores médios de 0,5 situações de 1x1 na análise de 86 SOP, das quais apenas 38,3% continham este tipo de situações.

A determinação das situações de 1x1 enquanto indicador a observar, surgiu na expectativa de que este nos pudesse fornecer pistas sobre a organização do ataque da equipa, nomeadamente, da maior ou menor utilização deste forte argumento ofensivo. Como vimos, as situações de 1x1 possuem o potencial de criar desequilíbrios e rupturas na estrutura defensiva adversária (Garganta, 1997), mas não são todos os jogadores que possuem a capacidade para o fazerem com sucesso e alguma regularidade, transformando-o em mais um factor de desequilíbrio e incerteza no adversário, além de não serem todos os treinadores que o encorajam ou que gostam deste risco supletivo nas suas equipas.

Encarando as situações de 1x1 como a emersão de uma individualidade na organização de uma equipa, como uma afirmação das características individuais dos jogadores que, se não ignorarem as regras gerais preconizadas pelo modelo de jogo, enriquecem o colectivo, vislumbrando-se assim mais uma característica do processo ofensivo da nossa amostra.

Na figura 7 podemos visualizar a percentagem de SOP em que se verificaram situações de 1x1, a partir da análise das 88 SOP.

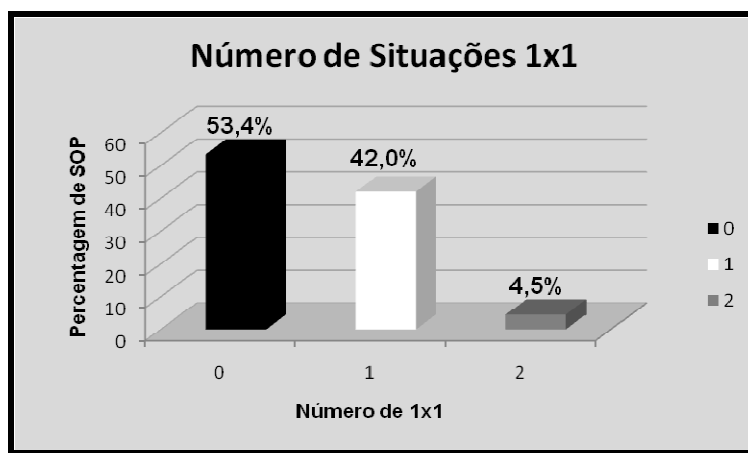


Figura 7: Distribuição percentual do número de situações 1x1

Pode verificar-se que em 46,5% das SOP ocorreram situações de 1x1, sendo este resultado superior ao apresentado por Mombaerts (1991), (em 35% das jogadas individuais aconteceram situações de 1x1 em drible perante o adversário), Barros (2002) (em 38,3% das SO finalizadas verificaram-se situações de 1x1) e por Soares (2006) (em apenas 16,3% das SO finalizadas aconteceram situações de 1x1).

Segundo o estudo de Rodrigues (2005) referente às ligas espanhola e italiana a percentagem de SOP com situações de 1x1 era bastante superior em Espanha (64,8%) relativamente ao observado em Itália (50,6%). Observamos na Selecção Espanhola que a percentagem é de 46,5%, que nos remete novamente para a utilização de uma razoável variabilidade, neste caso de situações de 1x1, nas acções ofensivas.

Provavelmente, as diferenças encontradas residem no facto, de terem sido utilizadas diferentes amostras e de se possuir diferentes interpretações do conceito de situação de 1x1.

Os resultados registados quanto a esta variável são ligeiramente inferiores a nossa hipótese de partida.

Pela crescente importância desta acção de ruptura, e tendo em conta a qualidade técnica da Selecção Espanhola, esperávamos encontrar resultados um pouco mais elevados, no entanto, como vimos anteriormente a Espanha durante o seu processo ofensivo, recorre muito ao passe, evidenciando-se neste duas características essenciais, curto e dirigido para a frente. Neste sentido, pensamos que em grande parte das SOP foi o passe que induziu o desequilíbrio no balanço ataque-defesa, em favor do ataque, proporcionando a situação de finalização.

As percentagens obtidas das acções que induziram ruptura, passe e 1x1, leva-nos a pensar que a equipa possui uma certa liberdade no sector ofensivo, optando por construir as suas acções ofensivas em futebol apoiado, implicando um menor risco de perda de bola, sendo que o risco inerente à situação de 1x1, é utilizado em situação de recurso e não por sistema.

6.2.5. Corredores utilizados (CU)

No quadro 8 são apresentados os resultados da frequência de utilização dos diferentes corredores.

Como o quadro 8 mostra, o Corredor Central foi utilizado 86 vezes ao longo das 88 SOP analisadas. O Corredor Esquerdo foi utilizado 112 e o Direito 105. O Corredor Central assumiu relevância relativamente aos Corredores Esquerdo e Direito, registando-se uma percentagem de utilização (97,7%) quase na totalidade das acções ofensivas. A hipótese por nós colocada, de que a utilização do corredor central iria prevalecer nas SOP foi confirmada pelos dados obtidos.

No que se refere, aos corredores laterais a um ligeiro desequilíbrio, em termos de percentagem de utilização, superiorizando-se o Corredor Esquerdo (81,8%) sobre o Corredor Direito (72,7%), no entanto e apesar de ambos serem em menor percentagem, quando comparados com o Corredor Central, importa referir que os corredores laterais foram fortemente utilizados no desenvolvimento do processo ofensivo (figura 8). A sua importância é nos conferida por Vieira & Garganta (1996), que nos dizem que o uso dos corredores laterais, mais do que o número de sequências ofensivas, é o que distingue as equipas de sucesso.

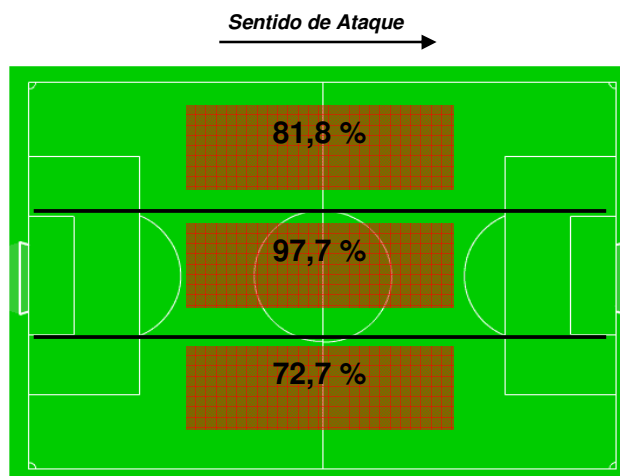


Figura 8: Percentagem de utilização dos três corredores durante o processo ofensivo.

Quadro 8: Resultados da frequência de utilização dos diferentes corredores.

CU	Espanha		
	Nº vezes	Nº SO	%
CE	112	72	81,8%
CC	204	86	97,7%
CD	105	64	72,7%

Apesar das diferenças verificadas nos três corredores, é de salientar que os dados recolhidos apontam para percentagens de utilização elevadas em todos os corredores, o que poderá indiciar a procura de maior amplitude no ataque e de espaços vazios na defesa adversária.

Os nossos resultados aproximam-se dos resultados obtidos nos estudos realizados por Castelo (1994), Vieira & Garganta (1996), Pinheiro (2001), Barros (2002) e Soares (2006) em equipas de elevado rendimento, onde o corredor central foi o privilegiado para a construção das sequências ofensivas.

6.2.6 Número de variação de corredores (NVC)

O número de variação de corredor (NVC) (quadro 9) vem reforçar a variabilidade do jogo ofensivo da equipa.

Quadro 9: dados referentes ao NVC

Número de variações de corredor	Espanha
Média por SOP	4,04/SOP
Amplitude de variação	0 – 12
Desvio Padrão	0,93
Percentagem de SOP sem qualquer VC	3,4%

A enorme percentagem de SOP (96,6%), nas quais se promovem variações de corredor e a amplitude de variação (0-12), parecem mostrar-nos que a Espanha tenta utilizar todos os espaços à largura do campo para as suas acções ofensivas. Barros (2002), encontrou um valor muito inferior ao nosso, com apenas 62,8% das sequências ofensivas positivas onde ocorreram variações de corredor.

A percentagem de SOP sem qualquer variação de corredor foi extremamente reduzida (3,4%) o que nos indica que a equipa tenta preferencialmente retirar a bola da zona de pressão efectuada pelo adversário (mudar de corredor), e tentar aproveitar o maior espaço “concedido” pelos oponentes numa outra zona do terreno.

Como todas as variáveis estão interligadas, e como já referimos anteriormente, isto também é notório na percentagem de primeiros passes laterais (PL) [33%] efectuados pela equipa, apesar do passe frontal (PF) ser o que aparece em maior percentagem.

De acordo com o estudo de Garganta (1997) a variabilidade das acções ofensivas é um factor associado à eficácia das equipas, uma maior variação corresponde a uma maior eficácia. Deste modo, as variações de corredor (VC), o ritmo de jogo e tipo de passe são indicadores associados à eficácia ofensiva.

Outro estudo de Vieira & Garganta (1996) parece indicar que as equipas que vencem, apresentam um elevado índice de variações de corredor por ataque, assim como também na frequência de utilização dos corredores laterais.

Neste sentido, a média por nós aferida, como consta no quadro 9, é de 4,04/SOP, valor muito superior ao encontrado por Vieira e Garganta (1996), que com uma amostra de jogos de Campeonato do Mundo, apurou o valor de 1,8 de média por SO. Outros dois estudos registaram o mesmo valor, sendo no entanto inferior ao nosso. Cunha (1999) e Garganta et al. (2002), registaram em média, 2,8 variações de corredor por sequência ofensiva.

Pensamos que as 4 variações de corredor por sequência ofensiva positiva que encontramos, traduzem a preferência por parte da Selecção Espanhola, de um padrão de jogo ofensivo circular, ou seja, assente na posse e circulação de bola em largura, iniciando-se a construção das acções ofensivas no meio-campo

defensivo, com posterior envolvência de muitos jogadores que no decorrer da mesma utilizam o passe curto como forma de comunicação, o que determina uma progressão apoiada. Pensamos que isto é corroborado com as afirmações de Lobo (2002), ao declarar que “só um onze inteligente a circular a bola nas costas podia fazer dançar esta estrutura (entenda-se estrutura táctica da Bélgica). É a movida espanhola. Vendo esta Espanha a atacar tenho muitas vezes a sensação de que estou a ver uma de andebol a atacar, tal a forma como a bola vai de flanco para flanco, até se descobrir um espaço de penetração...”.

Na figura 9, relativa ao NVC, apresentam-se as percentagens de utilização de um, dois ou três corredores durante as 88 SOP analisadas.

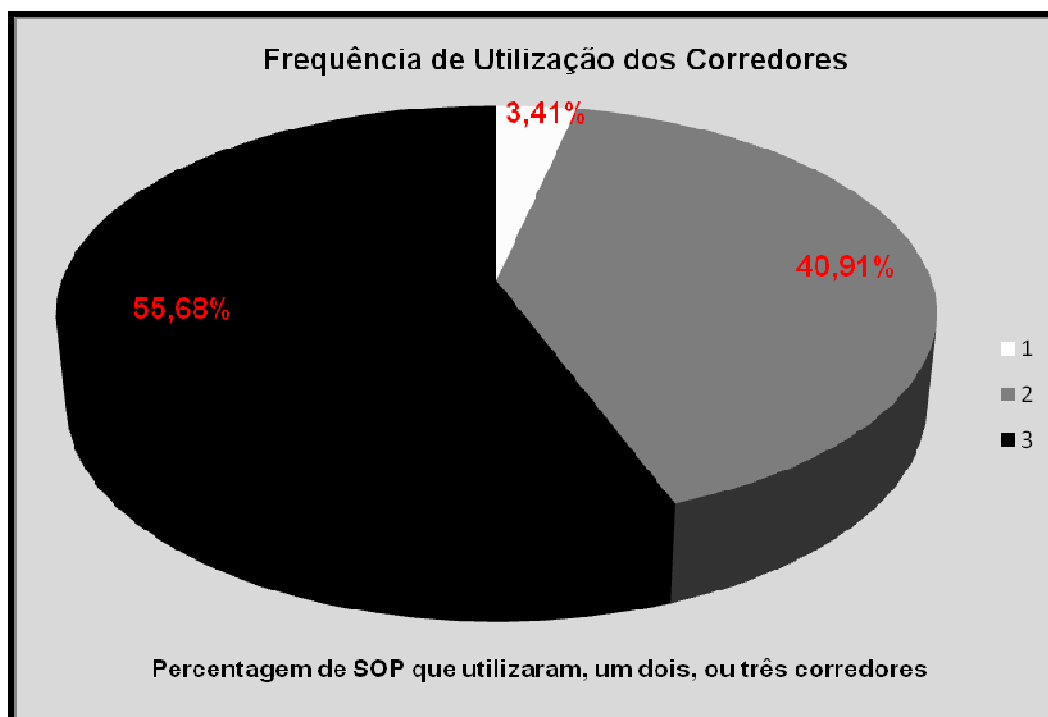


Figura 9: Percentagens de SOP com utilização de 1,2 e 3 corredores.

Um estudo efectuado com a Selecção Brasileira e o seu desempenho no Campeonato do Mundo de 1994 (Quarteu, 1996), analisando todas as sequências ofensivas, revelou que as mais verificadas eram aquelas em que acontecia a

utilização de 2 corredores (49,3%), logo seguida da utilização de todos (42,3%) e só depois as que utilizavam apenas 1 (8,4%). Castelo (1994), havia já igualmente concluído o mesmo, com valores ligeiramente diferentes, 44% para a utilização de 2 corredores, 34% para todos e 22% quando reportado à utilização de apenas 1 corredor. No nosso estudo, as SOP com a utilização 3 corredores (55,68%) são as mais frequentes, seguido da utilização de dois corredores (40,91%) e com apenas 3,41% a utilização de um corredor.

Mais uma vez os dados recolhidos, mostram que para a Selecção Espanhola é fundamental, em organização ofensiva, a procura da amplitude de jogo, no sentido de criar espaços vazios na organização defensiva adversária. Estes espaços, sendo adequadamente aproveitados pelos atacantes, serão extremamente úteis na consecução do objectivo primordial do ataque – obtenção do golo.

Face aos dados recolhidos, a hipótese previamente formulada de que o corredor central seria o mais utilizado, e que a utilização de pelo menos dois corredores iria prevalecer nas sequências ofensivas que resultaram em finalização, foi confirmada.

6.2.7. Zona utilizada para o último passe (ZUP)

A zona do último passe poderá evidenciar se a equipa utiliza amplitude nos seus processos ofensivos, privilegiando ou não a utilização dos corredores laterais.

Quadros 10: dados referentes à ZUP, nos corredores e sectores (em percentagem)

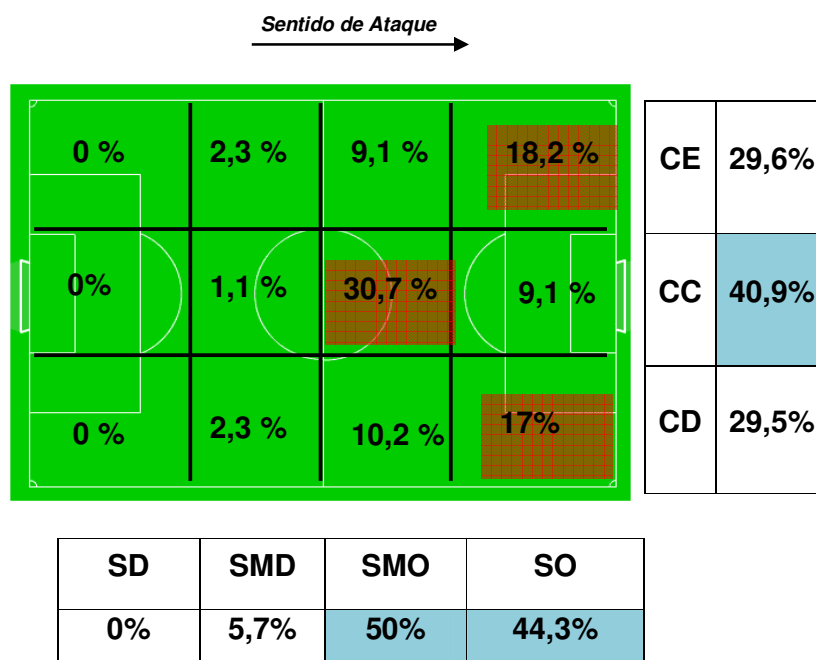


Figura 10 – Distribuição percentual relativa à ZUP nos sectores transversais (SD – sector defensivo, SMD – sector médio defensivo, SMO – sector médio ofensivo, SO – sector ofensivo), e nos corredores longitudinais (D – direito, C – central, E – esquerdo).

No que diz respeito à zona utilizada para o último passe (ZUP) (Quadro 10), verifica-se uma maior propensão para este partir de zonas mais avançadas do terreno de jogo.

O sector médio ofensivo é o que apresenta uma maior percentagem de últimos passes, com 50%, seguindo-se o sector ofensivo, com 44,3%. Também Soares (2006), na análise das sequências ofensivas que resultaram em golo no Euro 2004, verificou que em 91,84% dos golos ocorreu últimos passes no meio campo ofensivo.

Os valores revelam uma variabilidade de acções ofensivas bastante equilibrada. A zona MOC é a que possui uma maior percentagem de último passe (30,7%), sucedendo-se de uma forma mais equitativa as zonas AE (18,2%) e AD

(17%). Barros (2002), no seu estudo monográfico realizado com as SO finalizadas pelo Brasil no Campeonato do Mundo de 2002, encontrou resultados similares aos nossos, verificando que a maior parte dos últimos passes realizaram-se na MOC (33,3%), seguidos pelos originados na OE (20,4%).

Assim, o que verificamos foi a propensão para este partir das zonas mais avançadas do terreno de jogo, especialmente das zonas média ofensiva e avançadas. A utilização dos últimos dois quartos do terreno de jogo é natural, dado serem as zonas mais próximas das áreas de finalização de maior eficácia.

Se procedermos a análise por corredor, verificamos que é o corredor central que possui valores mais elevados (40,9%) e que os dois corredores laterais apresentam valores idênticos (29,6% para o corredor esquerdo e 29,5% para o direito). No entanto, se totalizarmos as zonas, 40,9% dos últimos passes foram executados no Corredor Central e 59,1% foram provenientes dos corredores laterais. Soares (2006) encontrou valores superiores para a execução dos últimos passes no corredor central (51%), mas inferiores quando provenientes dos corredores laterais (49%).

De resto, assinalar apenas a ausência de referências nas zonas defensivas (0%) e também valores muito reduzidos, como seria de esperar, para o meio campo defensivo (5,7%).

Estudos de diversos autores (Mombaerts, 1991; Jinshan et al., 1993; Pedrosa, 1994; Olsen & Larsen, 1997; Cunha, 1999) levaram-nos a formular a hipótese de que os corredores laterais seriam privilegiados na construção das acções ofensivas, bem como na realização do último passe. Neste estudo verificamos que há uma superioridade do corredor central sobre os demais, sendo no entanto esbatida quando somadas as percentagens de ambos os corredores laterais. Assim, os resultados salientam a importância do Corredor Central na construção de situações de finalização sendo também valorizados os corredores laterais como forma de progressão no terreno, de criação de espaços na defensiva contrária e de realização de últimos passes.

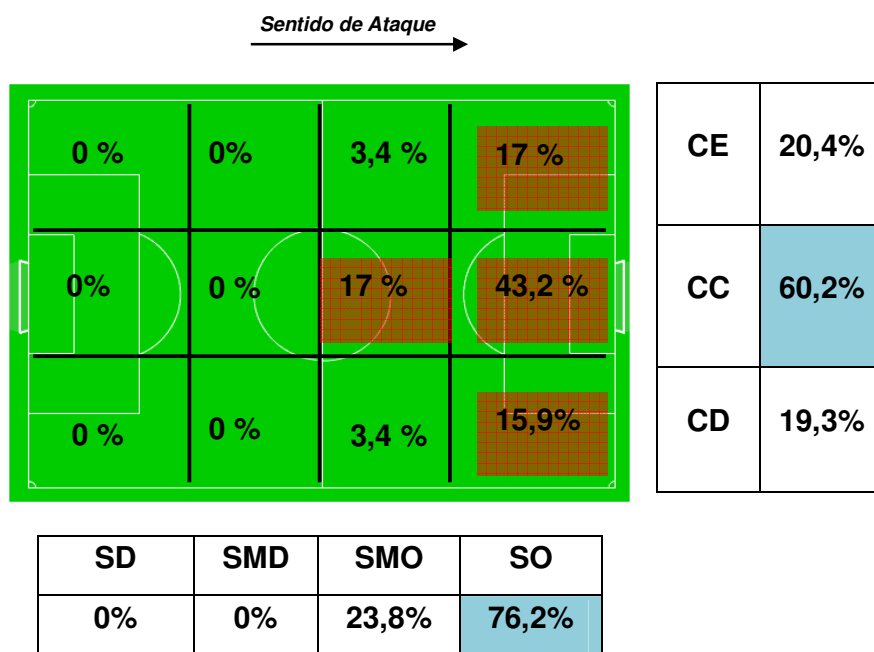
Pensamos que esta alternância de zonas, evidencia a preocupação da equipa em utilizar os corredores laterais como solução para executar o último passe, tentando *fugir* da zona central do terreno de jogo, onde segundo Castelo

(1996), é no corredor central em zonas mais próximas da baliza, que os jogadores da equipa adversária se organizam defensivamente em maior número, o que aumenta a dificuldade de conclusão do processo ofensivo com eficácia.

6.2.8. Zona para onde foi dirigido o último passe (ZDUP)

A zona para onde foi dirigido o último passe poderá evidenciar se a equipa utiliza as zonas de maior probabilidade de êxito na finalização, nos seus processos ofensivos, privilegiando ou não a utilização das zonas frontais à baliza. No que diz respeito à zona utilizada para onde foi dirigido o último passe (ZDUP) [quadro 11], verifica-se uma maior propensão para este ser dirigido para as zonas mais avançadas, referentes ao sector ofensivo (76,2%).

Quadro 11: dados referentes à ZDUP (em percentagem)



Os valores revelam mais uma vez, uma variabilidade de acções ofensivas bastante equilibrada. A zona AC é a que possui uma maior percentagem para

onde foi dirigido o último passe (43,2%), sucedendo-se de uma forma mais equitativa as zonas AE (20,4%) e AD (19,3%). Barros (2002), encontrou resultados similares aos nossos, verificando que a maior parte dos últimos passes foram dirigidos para a AC (43,5%), contudo no que diz respeito às zonas AE e AD os resultados encontrados foram inferiores, 5,8% e 7,3% respectivamente.

No que diz respeito aos corredores, para o corredor central foram dirigidos 60,2% dos últimos passes, sendo que mais uma vez os dois corredores laterais apresentam valores idênticos (20,4% para o corredor esquerdo e 19,3% para o direito). Também Barros (2002) no seu estudo monográfico realizado com as SO finalizadas pelo Brasil no Campeonato do Mundo de 2002, verificou que para o corredor central foram dirigidos 75,4% dos últimos passes. Para Soares (2006), o corredor central foi também o mais solicitado em termos de último passe, com 96% dos golos a serem precedidos com um último passe para essa zona.

Estes dados são facilmente interpretados pelo facto de ser comumente aceite que é a partir do corredor central que mais facilmente se poderão concretizar golos. A hipótese por nós colocada, de que o último passe, é preferencialmente dirigido para a zona frontal à baliza, foi confirmada.

Apesar de em muitos golos a ZDUP ser a mesma da finalização, há também situações em que estas duas zonas são distintas, em virtude de progressões dos jogadores com a bola. Daqui decorrerão as diferenças na análise desta variável e na análise da zona de finalização.

6.3. Conclusão do processo ofensivo

A conclusão do processo ofensivo, é constituído pela situação de finalização, sendo analisado no nosso estudo a zona onde ela ocorre.

6.3.1. Zona de Finalização (ZF)

Constata-se que no total da amostra a equipa utiliza a zona central do sector ofensivo (AC), com um valor de 63,6% como zona maioritariamente utilizada para a finalização do processo ofensivo (figura 11). Em nenhuma situação, o que seria de esperar a equipa executou uma acção táctico-técnica de finalização no seu meio campo defensivo. No meio campo ofensivo existe a predominância da execução desta acção, em zonas centrais do terreno de jogo (MOC+AC) com um valor percentual de 77,2%, e também predominância em zonas mais próximas da baliza adversária com uma percentagem de 83% (AE+AC+AD). (quadro 12)

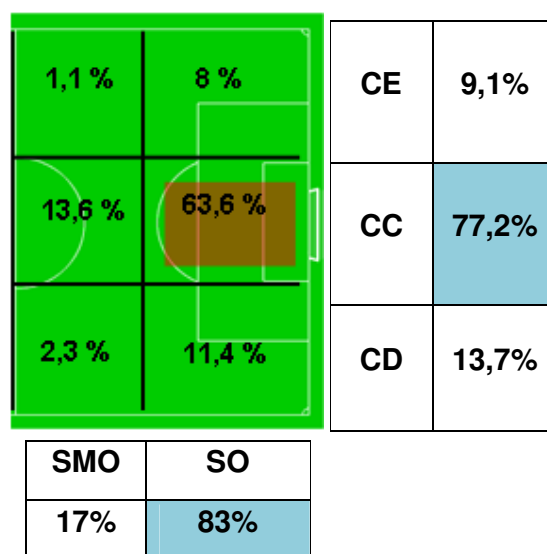


Figura 11 – Distribuição percentual relativa à ZF da equipa nos sectores transversais (SMO – sector médio ofensivo e SO – sector ofensivo) e nos corredores longitudinais (D – direito, C – central, E – esquerdo).

Os nossos resultados vão de encontro aos de Mombaerts (1991), Castelo (1996) e Reina et al. (1997), que verificaram nos seus estudos que a maior parte das finalizações se efectuaram na zona AC. Lopez (2002) verificou que 66,7% dos golos no Campeonato do Mundo de 1994; 63,5% dos golos no Campeonato do Mundo de 1996 e 66,8% dos golos da Liga Espanhola de 1998/99, surgiram

dentro da área. Também Soares (2006), na análise das sequências ofensivas finalizadas no Euro 2004, apresenta resultados similares aos nossos, com o corredor central a ser o mais utilizado para a finalização, com 73,47% dos golos marcados.

O estudo desta variável revela que a zona preferencial, a ser utilizada, para culminar o desenvolvimento do processo ofensivo, é a zona frontal à baliza, confirmando a hipótese por nós colocada previamente. Partindo de uma qualquer posição hipotética do finalizador, parece ser obvio que quanto maior for o ângulo formado pela bola (vértice) e pelos dois postes da baliza, maior será a probabilidade de se obter golo. Ao rematar de zonas mais laterais será mais difícil concretizar golo devido ao ângulo de finalização. Os guarda-redes terão mais facilidades em defender as bolas rematadas de ângulos mais fechados do que as bolas rematas de ângulos mais abertos, porque a projecção de ângulos mais fechados se traduzirá em menor espaço alvo a defender.

6.3.2. Jogador que finaliza o ataque (JFA)

Com este indicador procuramos aferir da liberdade e mobilidade dos jogadores para finalizarem e aparecerem em zonas de finalização, assim como da variação do jogador que finaliza.

O jogador que finaliza o ataque (JFA) (quadro 13) indica uma grande variação, evidenciando uma enorme mobilidade ofensiva por parte dos jogadores.

Quadro 13: dados referentes à posição ocupada pelo JFA no sistema de jogo da Espanha.

Jogador que finaliza o ataque	Defesas (DC+DL)	Médios (MC+MI)	Avançados
Espanha	4,5%	43,2%	46,6%

Como se verifica os avançados são os principais finalizadores, com 46,6%, confirmando a nossa hipótese. De seguida surgem os médios com 43,2% e os defesas aparecem em último lugar com apenas 4,5%. Também Barros (2002), no

estudo realizado à selecção brasileira no Campeonato do Mundo 2002, revelou que os avançados (52%) foram os principais finalizadores.

De acordo com Araújo & Garganta (2002), num estudo efectuado com uma equipa portuguesa de topo, quem mais frequentemente finalizava, eram os avançados e médios centrais ou médios que estavam envolvidos na sequência, resultados similares aos nossos.

Considerando os valores destes indicadores, mas também a tendência dos indicadores analisados até este ponto do nosso trabalho, é na colocação e selecção dessas “possibilidades de resolução” que esta equipa parece apresentar uma enorme variabilidade no seu jogo manifestando uma enorme criatividade. Esta variabilidade, como tal, impõe na equipa adversária um maior grau de incerteza.

6.3.3. Resultado da sequência ofensiva (RSO)

O resultado da sequência ofensiva é o produto do que foi feito durante o processo ofensivo da equipa. Este poderá ser mais ou menos eficaz, conforme se ajusta ou não os comportamentos táctico-técnicos à situação momentânea do jogo, não nos esquecendo também que do *outro lado* existe uma equipa, que tenta dificultar a acção o mais eficazmente possível.

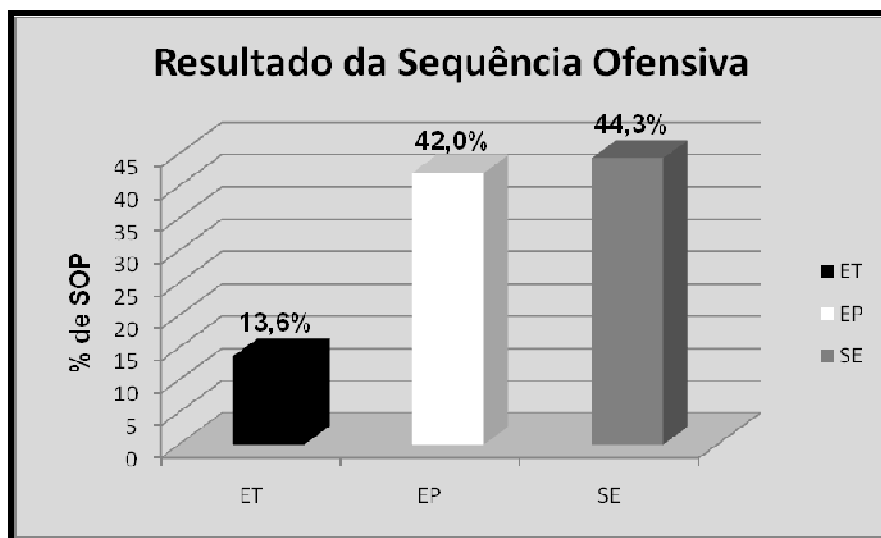


Figura 12 - Distribuição percentual do Resultado das sequências ofensivas (RSO) do total da amostra (ET-êxito total; EP-êxito parcial; SE-sem êxito).

Das sequências ofensivas que se concluíram com remate, somente 13,6% terminaram em golo (ET), 42% com remate enquadrado com a baliza sem a obtenção do golo (EP), onde a bola foi defendida pelo guarda-redes, bateu nos postes ou na trave, ou foi interceptada por outro jogador impedindo que atingisse a baliza adversária, e 44,3% foram concluídas com um remate não enquadrado com a baliza (SE) e a bola saiu pela linha de baliza adversária.

De acordo com os dados recolhidos no início da apresentação e discussão dos resultados, relativos ao número médio de SOP por jogo e respectiva amplitude de variação, poderiam indiciar uma boa disponibilidade ofensiva. Esta disponibilidade ofensiva diz respeito não só aos remates que a equipa efectua, mas também à eficácia desses remates, que no caso foi boa, se tivermos em linha de conta também a percentagem de sequências ofensivas com EP (42%), situações estas que não dependem exclusivamente do finalizador.

Esta qualidade ofensiva, também se pode referir ao número de golos, se considerarmos que a Espanha é também responsável por um maior número de golos (quadro 14, exposto seguidamente).

Quadro 14: Dados referentes ao número de golos observados

	Espanha
Número total de golos nos Jogos observados	21
Média	3,5
Amplitude de variação	0-4
Número total de golos da Equipa observada	16
Média	2,6
Percentagem	76,2%
Amplitude de variação	0-4
Desvio Padrão	1,21

O quadro 14 faz referência ao número de golos conseguidos, quer pela equipa observada, quer no total dos jogos observados. Assim, nos 6 jogos observados marcaram-se um total de 21 golos (média de 3,5 golos por jogo), sendo que a equipa observada marcou 16 desses golos (ou 76,2% do total de golos).

No que se refere aos golos conseguidos pela Espanha e respectivos adversários, nos vários jogos observados, a amplitude de variação é de 0 e 4 golos, o que nos indica que não se marcaram golos em todos os jogos observados.

Considerámos, que em qualquer jogo de futebol é importante haver golos – independentemente da forma como as equipas abordam o jogo, a sua forma de jogar – pois além de ser esta a finalidade do jogo, é também valorizada a espectacularidade do próprio encontro desportivo.

De seguida passaremos para a análise efectiva da variável por nós escolhida.

6.3.4. Formas de Finalização: golos obtidos em situação de Jogo Contínuo e Lance de Bola Parada.

A finalização entendida como uma acção táctico-técnica efectuada sobre a bola por um jogador da equipa que ataca, com o objectivo de a introduzir na baliza adversária, é segundo Castelo (1996) a faceta mais importante do jogo de futebol.

No Campeonato Europeu de Futebol 2008, a Espanha marcou 16 golos, dos quais 11 (68,75%) foram obtidos a partir de situações de jogo contínuo e os restantes 5 (31,25%) resultaram directamente de situações de bola parada, sendo esta percentagem idêntica à formulada na hipótese apresentada (cerca de 30% golos obtidos a partir de LCB). Os lançamentos de linha lateral e os livres foram incluídos no “jogo contínuo”, porque as respectivas SOP, embora se tenham

iniciado dessa forma, deram origem a golos que não resultaram directamente dessas formas de colocação da bola em jogo.

No quadro 15 é apresentado o número total de golos e a forma como se iniciaram todas as sequências ofensivas que resultaram na obtenção de golo.

Quadro 15: dados referentes ao número total de golos e respectiva forma de finalização.

		Espanha
Número total de golos nos Jogos observados		16
Jogo Contínuo	Recuperação de bola	8 (50%)
	Lançamento de linha lateral	2 (12,5%)
	Livre	1 (6,25%)
Bola Parada	Canto	1 (6,25%)
	Grande penalidade	4 (25%)

Dos 16 golos conseguidos a partir das situações de Jogo Contínuo, três (18,75%) iniciaram-se em situações de bola parada, não resultando directamente destas situações. Destas três SO, uma teve origem na marcação de livres e duas surgiram na sequência de reposição da bola em jogo pela linha lateral.

Metade (50%) das SO que resultaram em golo, iniciaram-se através de recuperação de bola, sem que tenha ocorrido qualquer interrupção do jogo. A percentagem de golos que resultaram directamente da marcação de lances de bola parada foi de 31,25%, o que demonstra a grande importância deste tipo de situações no torneio considerado.

6.4. Tempo de realização do ataque (TRA)

É de salientar que na contagem do TRA, se verificou somente o tempo que a bola se encontrava efectivamente em jogo, ou seja, aquando de uma falta ou de um lançamento lateral o tempo parava e reiniciava quando da reposição da bola em jogo. O tempo de realização do ataque (TRA) (quadro 16) vem fortalecer a variabilidade do jogo ofensivo da equipa.

Quadro 16: dados referentes ao TRA

Tempo de realização do ataque	Espanha
Média por SOP	32,97/SOP
Amplitude de variação	6''- 2'02''
Desvio Padrão	4,52

Quanto ao tempo de realização do ataque, ou seja, o tempo que medeia entre o início da SOP e a sua conclusão através de remate, apuramos uma amplitude de variação significativamente dispersa (6'' – 2'02'') e que nos fornece pistas acerca do padrão de jogo privilegiado pela equipa observada. O tempo de realização médio do ataque da equipa é de 32'97''. Isto é tanto mais significativo se contarmos que a equipa apresenta índices de utilização de AP (42%) e de AR (36,4%) relativamente elevados como MJO.

Este é um valor que pode suscitar várias interpretações, desde logo a de um padrão de jogo em que a preparação, construção e conclusão de situações de finalização se realiza de forma mais directa, mais vertical e agressiva na direcção da baliza adversária versus um padrão de jogo que, contando com um TRA superior e simultaneamente com um maior número de passes (preferencialmente curtos) e com um maior NJE, parece privilegiar a circulação de bola em largura, na perspectiva de criar e aproveitar espaços e linhas de passe e penetração que permitam a finalização.

Verificamos que a média e amplitude de variação observadas no nosso estudo são superiores às verificadas em alguns trabalhos anteriores. Garganta (1997) encontra valores médios de 18,7" e de 14,2" para selecções nacionais que participaram no campeonato do mundo e para equipas do campeonato nacional respectivamente. Barros (2002) por sua vez, observa valores médios de 12,2" na análise das SOP da selecção do Brasil em 2002. Soares (2006), na análise das sequências ofensivas que resultaram em golo, registou uma duração média de 17,97". Garganta et al. (2002), em dois estudos efectuados com equipas presentes em Campeonatos da Europa e do Mundo, chega a valores médios de 33,3" e 18,7".

Na figura 13 estão ilustrados os resultados referentes à duração das SOP analisadas. Os intervalos de duração das SO foram elaborados tendo por base, as características dos MJO expressos na revisão da literatura. Deste modo, pensamos que a análise desta variável pode ser mais específica e direccionada para a nossa amostra, no que concerne a relação entre variáveis.

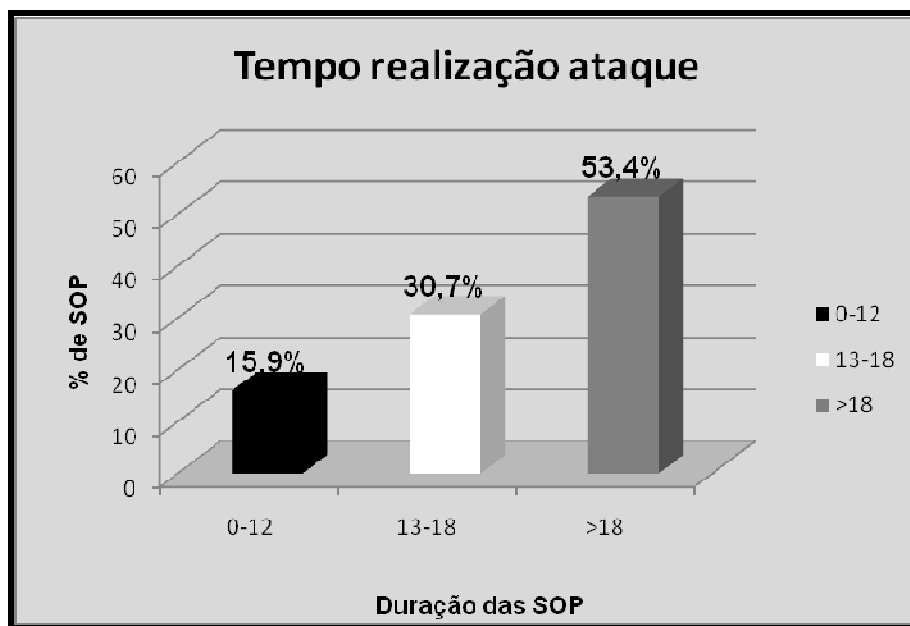


Figura 13: dados referentes ao TRA

Podemos constatar que mais de metade (53,4%) das sequências ofensivas positivas da Selecção Espanhola durante o Campeonato da Europa 2008, tiveram uma duração superior a 18". Cerca de 30,7% das SOP resultam de processos ofensivos com duração entre os 13" e os 18" e apenas 15,9% tiveram a duração inferior a 13".

Tendo em consideração o valor médio registado para a variável TRA, verificamos que a Selecção Espanhola apresenta um valor alto, o que poderá ser explicado pelas características principais da sua organização ofensiva – posse e circulação de bola, estruturando as acções ofensivas em ataque posicional; por outro lado o elevado número de recuperações de bola que ocorrem no sector médio defensivo, ajudam também a explicar o TRA da Espanha, uma vez que o espaço a percorrer é maior para chegar à baliza adversária.

A amplitude de variação e as percentagens de duração das SOP, conferem outra característica importante a Selecção Espanhola, a alternância de ritmo de jogo (característica das equipas de alto rendimento), uma vez que se verifica a alternância entre sequência rápidas, de TRA curto, e sequências mais longas, acima dos 18".

Estes itens levam-nos a afirmar e a concluir que sendo o processo ofensivo preferencialmente iniciado no Sector Médio Defensivo a equipa tenta ter segurança e controlo no passe, de modo a não perder a bola numa zona próxima da sua baliza, e assim permitir uma jogada perigosa para a sua baliza. Daí que o AP seja o PJO mais utilizado.

Em alternância ao AP, a Selecção Espanhola recorre frequentemente ao AR para desenvolver o seu processo ofensivo. Quando existem condições para realizar o AP os jogadores tentam manter a posse de bola, circulando-a rapidamente e variando de corredores, de forma a retirar a bola da zona de pressão exercida pelo adversário. Ou por outro lado, optam por fazer AR, atacando de uma forma agressiva e vertical.

Durante o processo ofensivo, os passes são curtos/médios e dirigidos para a frente, conferindo à organização ofensiva da Espanha um princípio fundamental:

pretender ter a bola em seu poder, circula-la entre os seus jogadores – em que todos eles estejam activos no processo ofensivo – até conseguir penetrar na defensiva adversária.

Durante a interpretação dos nossos resultados, observamos também aspectos que relacionamos com o “jogo de qualidade”. Atentemos em algumas características do “modelo de jogomais evoluído” propostas por Garganta e Pinto (1989) e na sua relação com o nosso estudo:

✓ **Provocar e tirar partido de mudanças bruscas do ritmo de jogo...**

Os nossos resultados evidenciaram enorme amplitude de variação na variável “tempo de realização de ataque” (TRA) e variabilidade na utilização dos “métodos de jogo ofensivo” (MJO).

✓ **Provocar e tirar partido dos erros do adversário...**

Na variável “número de passes” (NP), verificamos valores elevados na execução de passes por SOP e valores consideráveis no “1x1”. São acções indutoras de uma maior quantidade de ruptura na equipa adversária.

✓ **Impor o ritmo de jogo mais conveniente, procurando o golo com objectividade e variedade na progressão...**

De alguma forma podemos relacionar o NVC com a alteração ou imposição de um ritmo de jogo que, em determinada altura, mais convém à equipa. Observamos também valores elevados de jogadores que contactam a bola (NJE), número de passes (NP), a distribuição dos valores para a zona do último passe (ZUP), assim como a utilização de situações de 1x1, remetem-nos para uma concepção da variedade na progressão do ataque na equipa da nossa amostra.

✓ **Participação de todos os jogadores, logo que se conquista a posse de bola *realizando uma transição com apoio significativo, *cobertura ofensiva, *apoio permanente ao portador da bola...**

Os nossos resultados indicam valores elevados de jogadores que contactam a bola (NJE), assim como tempos de realização do ataque (TRA), e número de

passes, que podemos relacionar com uma elevada participação no ataque e necessidade de cobertura ofensiva e apoio ao portador da bola.

✓ **Criação de linhas de passe em profundidade e nos diferentes corredores...**

O número elevado de passes por SOP, a frequência de utilização dos diferentes corredores (CU), o número elevado de variações de corredor (NVC), assim como a variabilidade das zonas para onde é dirigido o último passe, podem relacionar-se com a criação de linhas de passe e linhas de passe em diferentes corredores.

7. Conclusões

“O espírito do sábio encontra-se sempre, de algum modo, colocado entre duas observações: uma serve de ponto de partida ao raciocínio e outra que lhe serve de conclusão.”

Claude Bernard (in Monteiro e Santos, 1994)

Durante a elaboração deste trabalho, fundamentalmente na análise e interpretação dos dados, fomos deparando com a importância que a organização ofensiva e respectivas variabilidades, da equipa da nossa amostra, podem assumir na determinação do padrão de jogo ofensivo da nossa equipa, no decorrer dos jogos.

Pensamos encarar as variáveis analisadas não pelo significado dos seus valores ou significado estatístico isoladamente, mas antes a partir de uma interpretação das tendências para que nos foram dirigindo os seus resultados, considerado todo o conjunto de itens analisados. Se consideradas isoladamente, as variáveis e os seus resultados perdem significância, perdem poder explicativo de uma realidade extremamente complexa.

Sendo o principal objectivo do presente estudo caracterizar as Sequências Ofensivas Positivas (SOP), nos jogos realizados pela Selecção Espanhola no Euro 2008, disputado na Áustria/Suíça, foram formuladas algumas hipóteses.

Os resultados obtidos permitem destacar as seguintes conclusões:

- Início do Processo Ofensivo

✓ A hipótese por nós colocada, de que o sector médio defensivo e o corredor central do terreno, seriam as zonas onde mais vezes aconteceriam as recuperações da bola, foi confirmada pelos dados recolhidos. (SMD - 47,7% e CC - 43,2%). Apesar da eficácia ofensiva das equipas aumentar se a recuperação da bola for feita no meio campo ofensivo, os resultados no nosso estudo confirmam a tendência para a

maior percentagem de recuperação da posse de bola, ocorrer no meio campo defensivo.

- Desenvolvimento do Processo Ofensivo

✓ A hipótese por nós colocada de que os métodos de ataque predominantes seriam o Ataque Rápido e o Ataque Posicional, com valores idênticos, não se confirmou. Verificamos um maior número de Ataque Posicionais comparativamente com os outros MJO. Nas 88 SOP analisadas, 42% das respectivas SOP desenvolveram-se através de Ataques Posicionais; 36,4% desenvolveram-se através de Ataques Rápidos e 21,6% em Contra-ataque.

✓ Os dados recolhidos confirmam a hipótese por nós formulada de que o número de jogadores envolvidos em cada sequência ofensiva seria, na maioria das sequências ofensivas, igual ou superior a 5. Apesar da grande variabilidade no que toca ao NJE nas SOP, com sequências a serem desenvolvidas com a participação de um a onze jogadores, verificamos que em média cerca de 6 jogadores participam activamente na construção das acções ofensivas, sendo que a maioria das SOP (65,8%) têm a participação de 4 a 8 jogadores.

✓ A hipótese por nós colocada de que os passes por SOP seriam em número superior a 5, foi corroborada pelos dados recolhidos, dado que em média são efectuados 8 passes por SOP. No entanto, verificou-se uma enorme variabilidade no que concerne ao número de passes realizados por SOP, com sequências a serem finalizadas sem envolverem qualquer passe e outras a desenvolverem-se e a serem concluídas após 37 passes. De salientar ainda que, 39,8% das SOP contêm mais de 7 passes, 34,1% das SOP não se desenvolveram com mais de 4 passes e no intervalo entre 5 e 7 passes desenvolveram-se 26,1% das SOP analisadas.

- ✓ A hipótese formulada de que os passes seriam predominantemente de tipo curto/médio e dirigidos para a frente foi confirmada pelos resultados deste estudo. Verificamos que de um total de 721 passes realizados no desenvolvimento das 88 SOP analisadas, 88,5% desses passes foram do tipo Curto/Médio e apenas 11,5% dos passes foram longos. No que diz respeito à direcção dos passes, destacam-se os passes para a frente (PF – 45,1%), de seguida os passes laterais (PL – 33%) e finalmente os passes para trás (PT – 21,9%).
- ✓ Verificamos que em 46,5% das SOP ocorreram situações de 1x1, valor ligeiramente inferior à hipótese colocada de que as situações de 1x1 aconteceriam em cerca de 50% das SOP. O número médio (0,53) de situações 1x1 realizado por SOP, leva-nos a concluir que o 1x1 não é o meio mais utilizado para induzir ruptura nas acções ofensivas.
- ✓ Foi formulada a hipótese de que o corredor central e a utilização de pelo menos dois corredores prevaleceriam nas SOP. Os resultados deste estudo confirmam esta hipótese, uma vez que para o Corredor Central registou-se uma percentagem de utilização (97,7%) quase na totalidade das acções ofensivas, superiorizando-se ao Corredor Esquerdo (81,8%) e Corredor Direito (72,7%).
- ✓ A hipótese formulada de que a utilização de pelo menos dois corredores prevaleceria nas SOP, foi confirmada, tendo em conta que as SOP com a utilização 3 corredores (55,68%) são as mais frequentes, seguido da utilização de dois corredores (40,91%) e com apenas 3,41% a utilização de um corredor. De salientar ainda que, em média, a Selecção Espanhola promove quatro variações de corredor por SOP, verificando-se apenas em 3,4% das sequências, ausência de variação de corredor.
- ✓ A hipótese colocada de que os corredores laterais seriam privilegiados na construção das acções ofensivas, bem como na realização do último passe não foi confirmada. Verificamos que é o corredor central que possui valores mais elevados (40,9%) e que os dois corredores laterais

apresentam valores idênticos (29,6% para o corredor esquerdo e 29,5% para o direito). No entanto, se totalizarmos as zonas, 40,9% dos últimos passes foram executados no Corredor Central e 59,1% foram provenientes dos corredores laterais. Relativamente às zonas do terreno de jogo de onde se realizam os últimos passes, concluímos que a zona MOC é a que possui uma maior percentagem de último passe (30,7%), sucedendo-se de uma forma mais equitativa as zonas AE (18,2%) e AD (17%), existindo inclusivamente mais últimos passes no sector médio ofensivo (50%) do que em qualquer outro sector.

✓ A hipótese formulada de que o último passe seria, preferencialmente, dirigido para a zona frontal à baliza, foi confirmada pelos dados recolhidos, já que para o corredor central foram dirigidos 60,2% dos últimos passes. Verificamos também que a zona AC é a que possui uma maior percentagem para onde foi dirigido o último passe (43,2%), sucedendo-se de uma forma mais equitativa as zonas AE (20,4%) e AD (19,3%).

- Conclusão do Processo Ofensivo

- ✓ Colocamos a hipótese de a zona frontal à baliza, ser a zona onde ocorreria o maior número de finalizações, o que se veio a confirmar pelos resultados obtidos. a partir da análise das 88 SOP, constatou-se que a equipa utiliza a zona central do sector ofensivo (AC) como zona privilegiada para efectuar os remates.
- ✓ Colocamos a hipótese das finalizações serem preferencialmente efectuadas pelos avançados, facto verificado com os avançados a serem os principais finalizadores, com 46,6%, confirmando a nossa hipótese.
- ✓ Os dados recolhidos mostraram que, na amostra seleccionada, a Espanha marcou 16 golos, dos quais 11 (68,75%) foram obtidos a

partir de situações de jogo contínuo e os restantes 5 (31,25%) resultaram directamente de situações de bola parada. Estes dados são semelhantes aos formulados na hipótese apresentada (cerca de 30% dos golos obtidos a partir de situações de bola parada); como tal, poder-se-á aceitar a hipótese inicialmente formulada.

- ✓ Colocamos a hipótese de o tempo de ataque ser, em média, superior a 15 segundos, constatando-se que mais de metade (53,41%) das SOP tiveram uma duração superior a 18". Verificou-se uma grande variabilidade de TRA, com um intervalo de ocorrências de grande amplitude, sendo o 32,49" o tempo de realização de ataque médio em cada sequência ofensiva.

8. Sugestões para futuros estudos

Em relação a futuros trabalhos nesta área, consideramos que se torna pertinente:

- Observar um maior número de variáveis como: formas de aquisição da posse de bola; característica do primeiro passe; velocidade de transmissão de bola; variações de ritmo do jogo; relação numérica estabelecida na zona de finalização.
- Relacionar a zona de aquisição da posse de bola com o Método de Jogo Ofensivo / o êxito ou não êxito das sequências ofensivas.
- Relacionar a forma de aquisição da posse de bola com o Método de Jogo Ofensivo / o êxito ou não êxito das sequências ofensivas.
- Relacionar comportamentos de transição defesa-ataque com o Método de Jogo Ofensivo utilizado pelas equipas.

9. Referências Bibliográficas

Araújo, M. (1998): Congruência entre o modelo de jogo do treinador e o futebol praticado pela equipa. O contra-ataque. Um estudo de caso em futebol de alto rendimento. Dissertação apresentada com vista à obtenção do grau de Mestre em Ciências do desporto. F.C.D.E.F.-U.P.

Araújo, M. & Garganta, J. (2002): Do Modelo de jogo do treinador ao jogo praticado pela equipa. Um estudo sobre o contra-ataque em futebol de alto rendimento In A Investigação em futebol. Estudos Ibéricos: 161-168. Garganta, J., Suarez, A. & Penãs, C. (eds.). F.C.D.E.F.-U.P.

Barreira, D. (2006). Transição defesa-ataque em futebol. Análise sequencial de padrões de jogo relativos ao campeonato português 2004-2005. Dissertação de Monografia (não publicada). Porto: FCDEF-UP.

Barros, L. (2002). Estudo descritivo das sequências ofensivas positivas finalizadas pelo Brasil, selecção campeã do Mundo, durante o Campeonato do Mundo Coreia/Japão 2002. Dissertação de Monografia (não publicada). Porto: FCDEF-UP.

Basto, F. (1994): Análise dos processos ofensivos em equipas de futebol de elevado nível. Estudos de jogadas que culminam em golo. Monografia de Licenciatura. F.C.D.E.F.-U.P.

Bate, R. (1988). Football chances: tactics and strategy. In T. Reilly; A. Lees; K. Davids & W. Murphy (EDS), Science and football I. Proceedings of the first world congress of Science and Football (293-301). Liverpool, England: E & F.N. Spon.

Bayer, C. (1994): O ensino dos desportos colectivos. Colecção Desporto. Ed. Dinalivro. Lisboa.

Bellack, A.; Kliebard, H.; Hyman, R. & Smith, F. (1996): The language of the classroom. Teachers College. Columbia University Press. New York. *

Bezerra, P. (1995): Análise do comportamento motor do jogador com bola no Futebol. Estudo de uma equipa de alto rendimento no mundial de sub-20. Dissertação apresentada com vista à obtenção do grau de Mestre em Ciências do desporto. F.C.D.E.F.-U.P.

Bonizzoni, L. (1988): Pressing Story. Societé stampa sportiva, Roma.*

Cabezón, J. M. & Fernandez, J. (1996): La mappa del gol. Noticiario Settore Tecnico – FIGC, 4: 16-21.

Castelo, J. (1994): Futebol Modelo técnico tático do jogo. Ed. F.M.H. Universidade Técnica de Lisboa.

Castelo, J. (1996): Futebol A organização do jogo. Ed. do autor. Lisboa.

Castelo, J. (1998): A estrutura do processo de treino In Metodologia do treino desportivo. Ed. F.M.H. Universidade Técnica de Lisboa.

Castelo, J. (2000): Formação Contínua. “O treinador de Futebol” e o “Exercício de treino no Futebol”. Escola Superior de Desporto de Rio Maior. Trabalho não publicado.

Castelo, J. (2006): Futebol: A organização dinâmica do jogo. Ed. F.M.H. Universidade Técnica de. Lisboa.

Claudino, R. (1993): Observação em desporto – Elaboração de um sistema de observação e a sua aplicação pedagógica a jogos desportivos colectivos. Dissertação apresentada com vista à obtenção do grau de Mestre em Ciências do desporto. F.M.H. – U.T.L.

Couto, G. (2006). As Transições: criatividade momentânea vs «padronização» comportamental. Dissertação Monográfica (não publicada). Porto:FCDEF-UP.

Dietrich, K. (1978): Le Football, apprentissage eù pratique par le jeu. Ed. Vigot. Paris.

Dufour, W. (1991). Observation techniques of motor behaviour – Scouting of soccer computerization. Comunicação apresentada ao Second World Congress of Science and football. Eindhoven.

Dugrand, M. (1989): Football, de la transparence à la complexité. P.U.F. Paris

Garganta, J. (1994). Para uma teoria dos jogos desportivos colectivos. In A. Graça e J. Oliveira (Eds.). *O ensino dos jogos desportivos colectivos* (pp. 11-25). Porto: CEJD e FCDEF-UP.

Garganta, J. (1996): Modelação da dimensão táctica do jogo de futebol, In Estratégia e Tática nos Jogos Desportivos Colectivos. Centro de estudos dos jogos Desportivos. Oliveira, J. & Tavares, F.(eds). F.C.D.E.F.-U.P.

Garganta, J. (1997): Modelação táctica do jogo de Futebol – Estudo da organização da fase ofensiva em equipas de alto rendimento. Tese de Doutoramento. F.C.D.E.F.-U.P.

Garganta, J. (1998): Para uma teoria dos jogos desportivos colectivos, In O Ensino dos Jogos Desportivos: 11-26. Centro de estudos dos jogos Desportivos. Graça & Oliveira (eds), 3ª Edição. F.C.D.E.F.-U.P.

Garganta, J. (1999): Análise do jogo em Futebol. Percurso evolutivo das concepções, métodos e instrumentos. Conferência apres. às VIII Jornadas Internacionales de Fútbol – Xacobeo’ 99. S. Tiago de Compostela.

Garganta, J. (2000). O treino da táctica e da estratégia nos jogos desportivos. In J. Garganta (Ed.), *Horizontes e órbitas no treino dos jogos desportivos* (pp. 51 – 61). Porto: CEJD.

Garganta, J. (2001): Futebol e Ciência. Ciência e Futebol, In Revista Digital [Periódico On-line], Buenos Aires – Ano 7 – N.º 40 - Setembro de 2001. “Disponível em www.efdeportes.com”

Garganta, J. (2002): Apresentação, In A Investigação em futebol. Estudos Ibéricos: 3-4. Garganta, J., Suarez, A. & Penãs, C. (eds.). F.C.D.E.F.-U.P.

Garganta, J; Gréhaigne, J. (1999). Abordagem sistémica do jogo de futebol: moda ou necessidade. Revista Horizonte, V (10), 40-50.

Garganta, J.; Maia, J. & Basto, F. (1997): Analysis of goal-scoring patterns of European top-level soccer teams. In T. Reilly; J. Bangsboo & M. Hughes (EDS), Science and Football III. Proceedings of the third world congress of Science and Football (pp. 246-250) Cardiff, Wales: E&F.N.Spon.

Garganta, J.; Marques, A & Maia, J. (2002): Modelação táctica do jogo de futebol. Estudo da organização da fase ofensiva em equipas de alto rendimento In A Investigação em futebol. Estudos Ibéricos: 51-66. Garganta, J., Suarez, A. & Penãs, C. (eds.). F.C.D.E.F.-U.P.

Garganta, J. e Pinto, J. (1994). O ensino do futebol. In A. Graça e J. Oliveira (Eds.). *O ensino dos jogos desportivos* (pp. 97-137). Porto: CEJD e FCDEF-UP.

Garganta, J. & Pinto, J. (1998): O ensino do futebol, In O Ensino dos Jogos Desportivos: 95-136. Centro de estudos dos jogos Desportivos. Graça & Oliveira (eds), 3ª Edição. F.C.D.E.F.-U.P.

Gowan, G. (1982): A análise do jogo. Futebol em Revista, 3 (11): 35-40.

Grehaigne, V. (1992): L'organisation du jeu en football. Ed. Actio. Joinville-le-pont..

Hughes, C. (1990): The winning Formula. London William Collins & Co. Ltd. London.*

Hughes, C (1994). The football association coaching book of soccer tactics and skills (4 ed.). British Broadcasting Corporation and Queen Anne Press.

Jinshan, X.; Xiaoke, C.; Yamanaka, K.; Matsumoto, M. (1991). Analysis of the goals in the 14th world cup. In T. Reilly, J. Clarys e A. Stibbe (Eds.), *Science and Football II* (pp. 203 - 205). London: E. e FN Spon.

Lobo, L.F. (2008) A razão do estilo. Jornal «A Bola». 17 de Outubro 2008.

Lopez, Maite – Desarrollo y finalizacion de las acciones ofensivas: análisis comparativo USA 94, Francia 98 y Liga Española 98-99. Revista Digital Efdeportes.com [Em-linha]. 17 (4), Dezembro 1999. [Consult. 10-01-2005].

Lovrinevich, Cristian – Análisis de la evolución de los sistemas de juego en fútbol. Revista Digital Efdeportes.com [Em-linha]. 53 (8), Outubro 2002. [Consult. 21-01-2005].

Luhtanen, P. (1993). A statistical evaluation of offensive actions in soccer at world cup in Italy 1990. In T. Reilly; J. Clarks & A. Stibbe (Eds), *Science and Football II*.

Proceedings of the second world congress of Science and Football (pp.215-219). Eindhoven, Netherlands: E&F.N. Spon.

Maia, P. (1999): Estudo comparativo da organização do processo ofensivo de uma equipa da 1ª divisão do campeonato nacional Português. Monografia de Licenciatura. F.C.D.E.F.-U.P.

Marinho, J. (2001): Defesa: Ataque ao Processo Ofensivo Adversário. Dissertação Monográfica. F.C.D.E.F.-U.P.

Marques, A. (1996): Prefácio, In Estratégia e Tática nos Jogos Desportivos Colectivos: 5. Centro de estudos dos jogos Desportivos. Oliveira, J. & Tavares, F.(eds). F.C.D.E.F.-U.P.

Mendes, A. (2002): Transições defesa-ataque no Futebol. Estudo comparativo das características do Modelo de Jogo adoptado por uma equipa da 1ª Liga e a correspondente B. dissertação Monográfica. F.C.D.E.F.-U.P.

Miller, R. (1994): Charting to win-soccer. Scholastic Coach, 64 (5): 62-65.*

Mombaerts, E. (1991): Football, de l'analyse de jeu à la formation du joueur. Ed. Actio. Joinville-le-pont. France.

Mombaerts, E. (1998). *Fútbol entrenamiento y rendimiento colectivo*. Barcelona: Hispano Europea.

Monteiro, M. (2001). Estudo comparativo do processo ofensivo no campeonato da Europa 2000 entre as selecções nacionais de futebol de Portugal e de França.

Morgado, D. (1999). Análise dos métodos de jogo ofensivo no futebol e contributo para a sua classificação. Dissertação de Monografia (não publicada). Porto :FCDEF-UP.

Morris, D. (1981). *A tribo do Futebol*. Mem Martins: Publicações Europa-América.

Oliveira, J. (1991). *Especificidade, o pós-Futebol do pré-Futebol. Um factor condicionante do alto rendimento desportivo*. Monografia de Licenciatura. Porto: FCDEF-UP.

Oliveira, J. (1992): A análise do jogo em basquetebol. In Ciências do desporto, a Cultura e o homem: 297-306. Bento, J. & Marques, A. (eds.). F.C.D.E.F.-U.P. e C.M.Porto.

Oliveira, M. (1998). Caracterização da transição da fase defensiva para a fase ofensiva em equipas de alto rendimento em futebol. Dissertação de Monografia (nao publicada). Porto: FCDEF-UP.

Olsen, E. (1988): An Analysis of goal scoding strategies in the world championship in México, 1986. In Science and Football, pp. 372-376. Proceeding of the first World Congress of science and football. Liverpool. 1987. T. Reilly, A. Lees, K. Davis & W. J. Murphy (Eds) E. & F. N. Spon. London – New York

Olsen, E. e Larsen, O. (1997). Use of match analysis by coaches. In T. Reilly, J. Bangsbo e M. Hughes (Eds.), *Science and Football III* (pp. 209 - 219). Cardiff: Spon Press.

Patridge, D.;Mosher, R.; Franks, I, (1993). A computer assisted analysis of technical performance – a comparison of the 1990 World cup and intercollegiate soccer. In T. Relly; J. Clarks & A. Stibbe (EDS), *Science and Football II*. Proceedings of the second world congress of Science and Football (pp.221.231). Eindhoven, Netherlands: E&F.N.Spon.

Pinheiro, F. (2001). Caracterização do processo ofensivo em equipas de futebol de nível elevado. Tese Monográfica. FCDEF-UP.

Pinto, J. (1996). A tática no Futebol: abordagem conceptual e implicações na formação. In J. Oliveira e F. Tavares (Eds.), *Estratégia e tática nos jogos desportivos colectivos* (pp. 51 – 62). Porto: CEJD.

Pinto, J. e Garganta, J. (1989). Futebol Português. Importância do modelo de Jogo no seu desenvolvimento. *Horizonte*, 33, 94 – 98.

Pinto, J. & Garganta, J. (1996): Contributo da modelação da competição e do treino para a evolução do nível de jogo no futebol. In Estratégia e Tática nos Jogos Desportivos Colectivos: 83-94. Centro de estudos dos jogos Desportivos. Oliveira, J. & Tavares, F.(eds). F.C.D.E.F.-U.P.

Queiroz, C. (1986): Estrutura e organização dos exercícios de treino em futebol. Ed. F.P.F. Lisboa.

Ramos, A.L. (1982): Iniciación à la tática Y la estrategia. Esteban Sanz Martínez. España.*

Ramos, F. (2003). Futebol – da rua à competição. Ed. Centro de Estudos e Formação Desportiva. Lisboa.

Ramos, A.(2005). Uma “(des)baromatriz(acção)” «concepto-comportamental» da(s) «zona(s) pressing». Um “olhar” sobre o(s) sucesso(s) persistente(s) de dois treinadores de «top»: José Mourinho (FCPorto-Chelsea FC) e Carlo Ancelotti (AC Milan). Tese de Licenciatura – Opção de Futebol. FCDEF-UP. Porto.

Riera, J. (1995). Análisis de la táctica deportiva. *Apunts: Educación Física y Deportes*, 40, 47 - 60.

Silva, A. (2000): Análise comparativa da efectividade ofensiva das ligas de futebol de Portugal, Espanha e Inglaterra. Dissertação de Monografia (não publicada). Porto: FCEDEF-UP.

Silva, H. (1999). Caracterização do processo ofensivo em equipas de rendimento superior. Dissertação de Monografia. (não publicada) Porto: FCDEF-UP.

Silva, J. (1998): Os processos ofensivos no Futebol. Estudo comparativo entre equipas Masculinas de diferente nível competitivo. Dissertação apresentada com vista à obtenção do grau de Mestre em Ciências do desporto. F.C.D.E.F.-U.P

Silva, L. (1999): Caracterização do processo ofensivo em equipas de futebol de alto nível – análise comparativa entre sequências ofensivas finalizadas e não finalizadas. Dissertação de Monografia (não publicada). Porto: FCDEF-UP.

Soares, H. (2006). Estudo das Sequências Ofensivas que resultaram em golo no Euro 2004. Dissertação Monográfica. Porto: FCDEF-UP.

Sousa, M. (1999). Caracterização do processo ofensivo em equipas de elevado rendimento. Forma como terminam as sequências ofensivas. Dissertação de Mestrado (não publicada) Porto: FCDEF-UP.

Sledziewsky, D. (1986): XIII Campeonatos Mundiales de Fútbol, México’ 86 Análisis de las acciones de gol. Cuaderno del Entrenador, Revista El Entrenador Español, 34, Diciembre. Madrid: Ed. CNEF, pp. 8 -17.

Reina, E.; abad, P.&Losa, J. (1997). La velocidad en el juego de ataque: análisis táctico de los goles de la Eurocopa 96 de fútbol. Cuadernos Técnicos, 8, 36-43.

Teixeira, A. (2000). Caracterização do processo ofensivo em equipas de futebol de rendimento superior. Dissertação de Monografia (não publicada). Porto: FCDEF-UP.

Teodorescu, L. (1984): Problemas da teoria e metodologia nas desportos colectivos. Livros Horizonte. Lisboa.

Valdano, J. (1997): Los Cuadernos de Valdano. Ed. El País Aguilar. Madrid.

Valdano, J. (2001): Apuntes del balón. Ed. La esfera de los libros. Madrid.

Vieira, F. & Garganta, J. (1996). Aspectos quantitativos da utilização dos corredores laterais na estruturação do espaço ofensivo num jogo de Futebol de alto nível. In Estudos CEJD, Moutinho, C & Pinto, D. (Eds). CEJD. FCDEF-UP.

Wrzos, J. (1981): Análisis del juego ofensivo del las mejores equipas de los campeonatos mundiales de fútbol de 1978. Cuaderno del Entrenador, Revista El Entrenador Español, 10: pp 10-20.

Wrzos, J. (1984): La tactique de l'attaque. Brakel. Broodecoorens.

Williams, M.; Low, D.; Taylor, S. (2002). A quantitative analylis of successful and unsuccessful teams. Insight. Issue 4, volume 5 (pp. 32-34). London.

Yamanaka, K.; Hughes, M.; Lott, M. (1993). Analysis of playing patterns in the 1990 World cup for association football. In T. Reilly; J. Clarks & A. Stibbe (EDS), Science and football II. Proceedings of the second world congresso f Science and Football (pp.206.213). Eindhoven, Netherlands: E & F.N.Spon.

Zubieta, C. (2002): Futbolsofía. Filosofar a través del fútbol. Ediciones Laberinto. Spain.

Anexos

Ficha Global de Registo de Observações

Jogo n.º() _____ vs _____;

Resultado Final ____/____

SOP	ZRPB	MJO			NJE	PASSE						1X1	CU			NVC	ZUP	ZDUP	ZF	JFA					Result. Seq. Of.			TRA
						NP	TP		DP				D	C	E										ET		EP	
		CA	AR	AP			PCM	PL	F	T	L	JC				LCB												
1																												
2																												
3																												
4																												
5																												
6																												
7																												
8																												
9																												
10																												
11																												
12																												
13																												
14																												
15																												
16																												
17																												
18																												
19																												
20																												

Fiabilidade intra-observador

Jogo n.º(1) Espanha vs Rússia

Resultado Final 4 / 1

SOP	ZRPB	MJO			NJE	PASSE						1X1	CU			NVC	ZUP	ZDUP	ZF	JFA					Result. Seq. Of.				TRA
						NP	TP		DP				D	C	E										ET		EP	SE	
		CA	AR	AP			PCM	PL	F	T	L									JC	LCB								
1	DC	AP			7	6	5	1	3	1	2	2	-	1	2	3	MOE	AE	AE	A							SE	30"	
2	MDE	AR			5	5	3	2	3	1	1	-	1	1	1	2	MOD	AC	AC	A							SE	15"	
3	MDD	AP			7	9	9	-	4	2	3	1	2	2	-	3	MOC	AC	AC	MI						EP		30"	
4	DC	AP			8	11	9	2	4	4	3	1	2	1	2	6	MOD	AE	AE	A						EP		40"	
5	MDE	CA			3	2	1	1	1	-	1	1	-	1	1	1	AE	AC	AC	A					JC			7"	
6	DC	CA			3	2	1	1	2	-	-	-	1	2	-	2	MOC	AC	AC	A						EP		13"	
7	MDC	AR			5	6	6	-	3	1	2	1	1	2	-	2	MOC	AC	AC	A						EP		20"	
8	DC	AP			11	37	35	2	14	9	14	1	3	7	3	12	MOC	AC	AC	A						EP		1'57"	
9	DC	AR			6	6	6	-	3	1	2	-	1	2	-	2	AC	AC	AC	A						EP		21"	
10	DC	AP			10	18	15	3	7	6	5	-	1	2	2	8	AE	AC	AC	A							SE	2'02"	
11	DE	CA			4	3	3	-	2	-	1	-	-	1	1	1	MOC	AC	AC	A					JC			14"	
12	MDE	CA			2	1	1	-	1	-	-	1	-	1	1	1	MOE	MOE	MOC	A						EP		9"	
13	DC	AP			8	12	9	3	3	2	7	1	1	2	2	6	AE	AC	AC	MI							SE	49"	
14	MDE	CA			4	5	4	1	3	1	1	1	1	2	1	3	MOD	AC	AC	A					JC			13"	
15	MOE	CA			3	1	1	-	-	-	1	-	-	1	1	1	AC	AC	AC	MC					JC			13"	
16																													
17																													
18																													
19																													
20																													

Fiabilidade intra-observador

Jogo n.º(1) Espanha vs Rússia

Resultado Final 4 / 1

SOP	ZRPB	MJO			NJE	PASSE					1X1	CU			NVC	ZUP	ZDUP	ZF	JFA					Result. Seq. Of.			TRA	
						NP	TP		DP			D	C	E										ET		EP		SE
		CA	AR	AP			PCM	PL	F	T									L	JC	LCB							
1	DC	AP			7	6	5	1	3	1	2	2	-	1	2	3	MOE	AE	AE	A							SE	30"
2	MDE	AR			5	5	3	2	3	1	1	-	1	1	1	2	MOD	AC	AC	A							SE	15"
3	MDD	AP			7	9	9	-	4	2	3	1	2	2	0	3	MOC	AC	AC	MA						EP		30"
4	DC	AP			8	11	9	2	4	4	3	1	2	1	2	6	MOD	AE	AE	A						EP		40"
5	MDE	CA			3	2	1	1	1	-	1	1	-	1	1	1	AE	AC	AC	A					JC			7"
6	DC	CA			3	2	1	1	2	-	-	-	1	2	-	2	MOC	AC	AC	A						EP		13"
7	MDC	AR			5	6	6	-	3	1	2	1	1	2	-	2	MOC	AC	AC	A						EP		20"
8	DC	AP			10	36	34	2	14	9	13	1	3	6	3	11	MOC	AC	AC	A						EP		1'55"
9	DC	AR			6	6	6	-	3	1	2	-	1	2	-	2	AC	AC	AC	A						EP		21"
10	DC	AP			10	18	15	3	7	6	5	-	1	1	2	7	AE	AC	AC	A							SE	1'59"
11	DE	CA			4	3	3	-	2	-	1	-	-	1	1	1	MOC	AC	AC	A					JC			14"
12	MDE	CA			2	1	1	-	1	-	-	1	-	1	1	1	MOE	MOE	MOC	A						EP		9"
13	DC	AP			7	12	9	3	3	2	7	1	1	2	2	6	AE	AC	AC	MA							SE	47"
14	MDC	CA			4	5	4	1	3	1	1	1	1	2	1	3	MOD	AC	AC	A					JC			13"
15	MOE	CA			3	1	1	-	-	-	1	-	-	1	1	1	AC	AC	AC	MC					JC			13"
16																												
17																												
18																												
19																												
20																												

Ficha Global de Registo de Observações

Jogo n.º(2) _____ Suécia _____ vs _____ Espanha _____ ;

Resultado Final 1 / 2

SOP	ZRPB	MJO			NJE	PASSE						1X1	CU			NVC	ZUP	ZDUP	ZF	JFA					Result. Seq. Of.			TRA
						NP	TP		DP				D	C	E										ET		EP	
		CA	AR	AP			PCM	PL	F	T	L									JC	LCB							
1	MDE	AR			4	4	4	-	3	-	1	1	1	2	1	3	MOC	MOD	AC	MI							SE	36"
2	MDE	AP			6	7	6	1	6	1	-	-	-	3	3	5	AE	AC	AC	A					LCB			47"
3	DC	AR			3	3	1	2	2	1	-	-	1	1	-	2	AC	AC	AC	A						EP		11"
4	MDD	AP			8	13	12	1	6	3	4	1	1	3	2	5	AD	AC	AC	MI							SE	51"
5	MOC	AP			7	14	13	1	5	5	4	1	1	4	2	7	AE	AE	AC	A							SE	40"
6	MOE	CA			4	3	4	-	2	-	2	-	-	2	2	3	AC	AC	AC	A							SE	15"
7	MOC	CA			1	-	-	-	-	-	-	1	-	1	-	-	-	-	AC	MC						EP		7"
8	MOC	AP			10	15	13	2	6	6	4	-	2	6	4	12	AE	AC	AC	MC						EP		1'07"
9	DD	AP			11	17	15	2	7	6	4	-	2	5	2	7	AC	AC	AC	A						EP		52"
10	MDE	CA			2	1	-	1	-	-	1	1	-	1	1	1	MDE	AE	AC	A					JC			9"
11																												
12																												
13																												
14																												
15																												
16																												
17																												
18																												
19																												
20																												

Ficha Global de Registo de Observações

Jogo n.º(3) _____ Grécia _____ vs Espanha _____ ;

Resultado Final 1 / 2

SOP	ZRPB	MJO			NJE	PASSE						1X1	CU			NVC	ZUP	ZDUP	ZF	JFA					Result. Seq. Of.				TRA
						NP	TP		DP				D	C	E										ET		EP	SE	
		CA	AR	AP			PCM	PL	F	T	L									JC	LCB								
1	MDD	AR			3	2	2	-	1	-	1	-	1	1	-	2	AD	AC	AC	MC							SE	13"	
2	MDD	AR			5	7	7	-	5	2	-	-	1	2	-	2	MDD	MOC	MOC	MC							SE	24"	
3	MOE	AR			4	3	3	-	2	-	1	-	1	1	-	1	AE	AC	AC	A							SE	10"	
4	MDC	AR			5	5	4	1	3	2	-	-	1	2	-	2	MOC	AC	AC	MC							SE	28"	
5	MDE	CA			2	2	2	-	2	-	-	-	-	1	1	1	MOE	MOC	MOC	MC							SE	6"	
6	DD	AR			6	6	6	-	4	1	1	-	-	1	1	1	MOC	MOC	MOC	A							SE	14"	
7	MOE	AP			8	14	13	1	6	3	5	-	3	4	2	6	MOC	MOC	MOC	MC							SE	58"	
8	MOD	CA			2	1	1	-	1	-	-	1	-	1	1	1	MOE	AE	AC	MA						EP		7"	
9	MOE	AR			7	5	4	1	2	-	3	-	1	2	1	3	AE	AC	AC	MC							SE	17"	
10	DC	AR			3	2	2	-	1	-	1	-	-	1	1	1	MOC	AC	AC	MC							SE	6"	
11	MDD	AP			7	8	8	-	3	2	3	-	1	3	1	4	MOD	MOC	MOC	MC						EP		30"	
12	MDD	AP			8	7	5	2	1	2	4	-	1	2	1	3	MOC	AC	AC	MC					JC			30"	
13	MOD	AP			6	7	5	2	3	1	3	1	1	2	1	3	MOC	AC	AC	A						EP		26"	
14	MOD	CA			3	4	4	-	2	-	2	1	1	-	-	-	AD	AD	AD	MC							SE	9"	
15	MDE	AP			9	11	11	-	5	2	4	-	2	3	1	6	AD	AC	AC	MA						EP		30"	
16	DC	AR			8	7	6	-	2	-	4	-	2	1	2	3	AE	AD	AD	MA							SE	1'08"	
17	MDE	CA			3	2	2	-	1	-	1	1	-	1	1	1	MOC	MOC	AC	MA						EP		15"	
18	DC	AR			4	4	3	1	2	-	2	1	1	1	1	2	MOC	AE	AE	MA						EP		22"	
19	DC	AP			7	12	9	3	5	3	4	-	2	3	1	5	AD	AC	AC	A					JC			45"	
20																													

Ficha Global de Registo de Observações

Jogo n.º(4) _____ Espanha _____ vs Itália _____ ;

Resultado Final 0 (4) / 0 (2)

SOP	ZRPB	MJO			NJE	PASSE						1X1	CU			NVC	ZUP	ZDUP	ZF	JFA					Result. Seq. Of.				TRA
						NP	TP		DP				D	C	E										ET		EP	SE	
		CA	AR	AP			PCM	PL	F	T	L									DC	DL	MC	MI	A	JC	LCB			
1	DC	AP			10	19	9	-	9	4	6	1	1	4	3	8	AE	AE	AC	MI							SE	1'12"	
2	MDE	CA			3	3	3	-	3	-	-	1	-	-	1	-	MOE	AE	AE	A							SE	6"	
3	DE	AP			9	15	13	2	5	4	6	-	1	4	4	8	MOC	MOC	MOC	A						EP		1'02"	
4	MOD	AP			6	8	7	1	2	2	4	1	2	2	1	4	MOE	MOC	AC	MI						EP		38"	
5	MDD	AP			8	16	15	1	7	5	4	1	2	4	2	6	MOD	MOC	AC	MC							SE	44"	
6	MOD	AR			5	5	4	1	2	1	2	1	1	2	1	3	MOE	MOE	MOC	MI							SE	12"	
7	MDC	CA			2	1	-	1	1	-	-	1	-	2	1	2	MDC	AE	AC	A						EP		10"	
8	MDC	AR			5	5	5	-	2	1	2	1	-	2	1	2	MOE	AE	AC	MI							SE	20"	
9	MDC	AR			7	6	5	1	4	1	1	1	1	2	-	2	AD	AC	AC	MI							SE	28"	
10	MDE	AP			10	19	17	2	7	4	8	-	3	4	2	8	AE	AC	AC	A							SE	1'16"	
11	DC	AP			8	12	10	2	5	3	4	-	1	4	2	5	MOD	MOC	MOC	A							SE	52"	
12	DD	AP			7	9	8	1	4	2	3	1	1	2	1	3	MOC	MOD	MOD	DL							SE	40"	
13	MDE	AP			5	9	6	3	4	2	3	-	-	3	3	5	MOC	MOC	MOC	MC						EP		43"	
14	MDC	CA			4	3	2	1	1	1	1	-	-	1	1	2	AE	AC	AC	MI						EP		14"	
15	MOE	AR			6	8	7	1	3	2	3	1	1	3	1	4	MDD	AD	AD	A							SE	30"	
16	MOD	AP			8	10	9	1	4	1	5	-	4	4	1	8	MOC	AE	AE	A						EP		40"	
17																								LCB					
18																								LCB					
19																							PROLONGAMENTO	LCB					
20																								LCB					

Ficha Global de Registo de Observações

Jogo n.º(5) _____ Rússia _____ vs _____ Espanha _____ ;

Resultado Final 0 / 3

SOP	ZRPB	MJO			NJE	PASSE						1X1	CU			NVC	ZUP	ZDUP	ZF	JFA					Result. Seq. Of.				TRA
						NP	TP		DP				D	C	E										ET		EP	SE	
		CA	AR	AP			PCM	PL	F	T	L									JC	LCB								
1	MDD	AR			8	7	6	1	2	2	3	-	4	2	1	6	MOD	MOC	MOC	MC							SE	32"	
2	DD	AR			5	4	4	-	2	-	2	1	1	1	1	2	MOC	MOE	MOE	A						EP		17"	
3	DC	AR			5	5	4	1	4	1	-	-	1	1	-	2	AD	MOD	MOD	DL						EP		30"	
4	MOE	AR			6	9	8	1	3	3	3	1	2	2	1	4	MOC	AD	AD	DL							SE	35"	
5	MDC	AR			7	7	5	2	3	2	2	1	2	2	1	4	MOC	AD	AD	A						EP		26"	
6	DC	AP			10	19	9	-	9	4	6	1	1	4	3	8	AE	AE	AC	MI						EP		1'42"	
7	MDC	AP			9	15	13	2	5	4	6	-	1	4	4	8	MOC	AD	AC	A						EP		1'02"	
8	DC	AP			8	14	12	2	8	2	4	1	2	4	1	6	AE	AC	AC	MC					JC			53"	
9	MDC	AR			5	4	4	-	3	-	1	-	-	2	2	3	AC	AD	AD	A							SE	17"	
10	MDE	AR			4	5	5	-	3	1	1	-	1	1	-	2	MOD	MOD	AD	MC						EP		18"	
11	DE	AR			5	6	6	-	4	1	1	-	1	2	1	3	MOC	AC	AC	A					JC			28"	
12	MDE	CA			6	7	6	1	3	1	3	-	-	1	1	1	AE	AC	AC	MI					JC			13"	
13	MDC	AP			8	16	15	1	7	5	4	1	2	4	2	6	MOD	MOC	AC	MC						EP		44"	
14	MDC	CA			4	3	2	1	1	1	1	-	-	1	1	2	AE	AC	AC	MI							SE	8"	
15	MDC	CA			2	1	-	1	1	-	-	1	-	2	1	2	MDE	AD	AC	A						EP		12"	
16	MDD	AP			8	10	9	1	4	1	5	-	4	4	1	8	MOC	AE	AE	A							SE	40"	
17																													
18																													
19																													
20																													

Ficha Global de Registo de Observações

Jogo n.º(6) Alemanaha vs Espanha ;

Resultado Final 0 / 1

SOP	ZRPB	MJO			NJE	PASSE						1X1	CU			NVC	ZUP	ZDUP	ZF	JFA					Result. Seq. Of.			TRA
						NP	TP		DP				D	C	E										ET		EP	
		CA	AR	AP			PCM	PL	F	T	L									JC	LCB							
1	MDC	AR			4	4	4	-	2	-	2	1	1	2	1	3	MOC	AD	AD	MI						EP		20"
2	DC	AP			10	18	18	-	10	4	4	-	3	5	1	8	AD	AC	AC	A						EP		1'05"
3	MOD	AR			4	3	3	-	1	-	2	-	1	2	1	3	AD	MOC	MOC	MC						EP		11"
4	DE	AP			9	13	13	-	5	2	6	1	3	4	2	8	MOC	AE	AE	A					JC			43"
5	MOE	AP			8	13	12	1	4	4	5	-	2	2	2	5	AC	AD	AD	MI							SE	36"
6	DD	AR			6	5	4	1	1	1	3	-	2	3	1	5	AD	AC	AC	MC							SE	33"
7	MDC	AP			7	10	9	1	4	3	3	-	3	3	1	5	AE	AC	AC	MC							SE	35"
8	MOE	AR			4	8	8	-	4	3	1	-	1	1	-	2	AC	AD	AD	MC							SE	22"
9	MDC	AP			7	22	18	4	10	6	6	2	3	5	2	9	MOC	AC	AC	A						EP		1'16"
10	MDC	AP			8	28	22	6	14	6	8	2	4	5	3	10	MOC	AC	AC	A						EP		1'28"
11	MDC	AR			3	4	3	1	2	-	1	-	1	2	-	2	AD	AC	AC	DL							SE	17"
12	MDD	AR			2	3	3	-	2	-	1	2	-	2	1	2	AE	AC	AC	A						EP		14"
13																												
14																												
15																												
16																												
17																												
18																												
19																												
20																												

Campograma

